

CORPOCIDADE

atualização crítica

Caderno de Resumos

*04 a 07
de dezembro
de 2018*



breve ensaio
revela
corpo

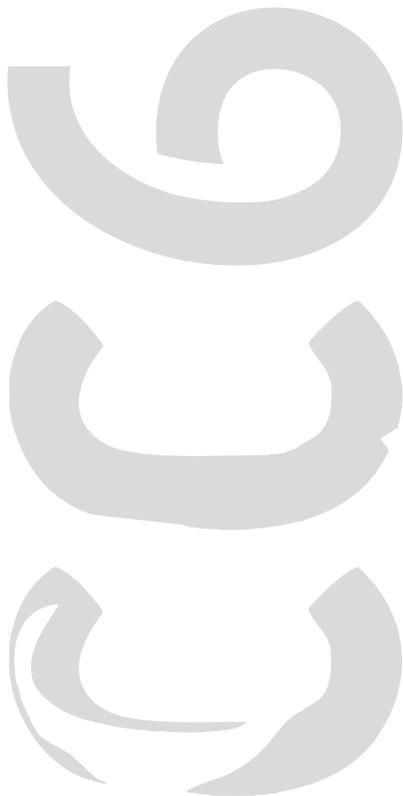
at
zem
do

breve ensaio

CC6

Caderno de Resumos

Ficha Técnica



realização

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo César Miguez de Oliveira

Coordenação Programa de Pós-Graduação em Dança

Daniela Amoroso

*Coordenação Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo*

Rodrigo Baêta

Direção Escola Dança

Carmem Paternostro

Direção Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Naia Alban

Coordenação Grupo de Pesquisa Laboratório

Coadaptativo LabZat

Fabiana Dultra Britto [PPGDANÇA-UFBA]

Coordenação Grupo de Pesquisa Laboratório Urbano

Paola Berenstein Jacques [PPGAU-UFBA]

Coordenação geral

Fabiana Dultra Britto [PPGDANÇA-UFBA]

Comitê científico artístico

Alejandro Ahmed [GRUPO CENA 11]

Daniela Brasil [UNIVERSITY OF RIJEKA]

José Tavares de Lira [PPGAU-USP]

Margareth da Silva Pereira [PROURB-UFRJ] - coord.
Roca Alencar [PPGA-UFBA]

Equipe seleção e organização CONEXÕES

Prof^a Dr^a Adriana Bittencourt Machado [PPGDANÇA-UFBA]

Ana Rizek [doutoranda - PPGDANÇA-UFBA]

Clara Passaro [doutoranda PPGAU-UFBA] - coord.

Prof^o ME Ícaro Vilaça [PPGAU-UFBA] - coord.

Victor Bastos [mestrando - PPGDANÇA-UFBA]

Equipe seleção e organização PROPOSIÇÕES

Prof^o Dr^o Eduardo Rocha [PPGAU-UFBA]

Janaína Bechler [pós-doutoranda PPGAU-UFBA]

Prof^a Dr^a Junia Cambraia Mortimer [PPGAU-UFBA]

Prof^a Dr^a Maíra Spanghero Ferreira [PPGDAN-UFBA]
- coord.

Equipe seleção e organização AÇÕES

Clara Passaro [doutoranda PPGAU-UFBA] - coord.

Prof^o ME Ícaro Vilaça [PPGAU-UFBA]

Equipe seleção e organização ATRAVESSAMENTOS

Ana Rizek [doutoranda - PPGDANÇA-UFBA]

Clara Pássaro [doutoranda PPGAU-UFBA]

Dilton Lopes [doutorando PPGAU-UFB] - coord.

Thulio Guzman [doutorando PPGAC-UFBA]

Equipe organização MESAS de DEBATE

Prof^a Dr^a Fabiana Dultra Britto [PPGDANÇA-UFBA]

Prof^a Dr^a Jussara Sobreira Setenta [PPGDANÇA-UFBA] - coord.

Secretaria

Ana Rizek [doutoranda - PPGDANÇA-UFBA]

Prof^a Dr^a Jussara Sobreira Setenta [PPGDANÇA-UFBA] - coord.

Thulio Guzman [doutorando - PPGAC-UFBA]

Victor Bastos [mestrando - PPGDAN-UFBA]

Produção

Rafael Rebouças [doutorando - PPGAC-UFBA]

Victor Hugo Portela [mestrando - PPGDANÇA]

Equipe criação gráfica

Bárbara Rocha [mestranda - PPGAU-UFBA]

Daniel Sabóia [mestrando - PPGAU-UFBA]

Dilton Lopes [doutorando - PPGAU-UFBA]

Rafaela Izeli [mestranda - PPGAU-UFBA]

Site

Thiago Magri [graduando - FAU-UFBA]

apoio

Chamada CNPq/FINEP/FNDCT N° 06/2018 – Auxílio à Promoção de Eventos Científicos, Tecnológicos e/ou de Inovação - ARC

Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Urbanos – PROURB- UFRJ

Edufba

Agradecimentos

Paola Berenstein Jacques – PPGAU-UFBA

Flávia Rosa – EDUFBA

Rony Vieira – Bella Terra Turismo

Sumário



Apresentação **9**

Programação **13**

Proposições 17

Conexões 19

Ações 21

Atravessamentos 27

Resumos **33**

Proposições 34

Conexões 120



O **CORPOCIDADE 6** comemora 10 anos dos encontros acadêmicos artísticos criados, em 2008, como oportunidades de debate, experimentação e difusão da nossa proposta-aposta de que o estudo e a práxis da vida pública tanto resultam do engendramento corpo/cidade quanto promovem sua coimplicação. Longe de pensar cidade e corpo como unidades singulares autônomas, desde lá, buscamos considerá-las como instâncias de um mesmo e único processo relacional de configuração da dinâmica urbana de vida coletiva cujas condições são instauradoras da esfera pública.

Agora, sem ignorar o inevitável simbolismo associado a uma década de existência, optamos por desviar do clássico aniversário que comemora a chegada a um pico de maturação para celebrar um novo ponto de propulsão de ideias, rumos e ritmos nos propondo a **atualização crítica** do CORPOCIDADE.

Uma atualização que não é revisão nem análise de dados, pois não pensa a história vivida como momentos serializados cronologicamente, sempre prontos a revelarem algum sentido recôndito, imperceptível quando aconteceram. Uma atualização que não é um ato ou atitude de recontextualização das ocorrências mas que, ao invés disso, compõe contextos enquanto está ocorrendo, porque não é um gesto formulado, é somente ação performativa daqueles que se dispõem a levar para adiante da experiência vivida aquilo que dela ainda pulsa, não para ser venerado como patrimônio de referência mas para ser desafiado como repertório de possibilidades ainda impensadas.

Por isso o **CORPOCIDADE 6** difere dos eventos acadêmicos cujo padrão participativo é a apresentação de trabalhos preparados anteriormente e experimenta um formato processual de construção do evento durante a sua própria realização, fazendo da reflexão sobre **atualização crítica** da proposta do CORPOCIDADE, uma ação de construção coletiva. Dessa forma, os conteúdos a serem tratados pelos participantes serão produzidos nas diferentes atividades programadas pelo evento. As atividades **CONEXÕES** (entre grupos e coletivos selecionados) e **PROPOSIÇÕES** (entre pesquisadores individuais selecionados) serão momentos de encontro e debate entre seus participantes, cuja dinâmica será conduzida com vistas a produzir questões que serão tomadas pelo **Comitê Científico** como provocações a serem respondidas nas **MESAS de DEBATE**. A cada dia, nosso processo de atualização crítica contará, ainda, com alguns **ATRAVESSAMENTOS** de filmes, performances, danças e livros (esses sim, conteúdos previamente preparados) e **AÇÕES** (oficinas nos espaços públicos) para engendrar novas e diferentes interlocuções entre as ideias.

Ao final, teremos identificado possíveis pontos de condensação entre pessoas, coletivos e instituições cujos focos de pesquisa e atuação pública permitam vislumbrar perspectivas futuras para a atuação da Plataforma CORPOCIDADE, que pretende se associar de forma criativa aos movimentos de resistência democrática pelos direitos humanos e defesa da universidade pública – urgências incondicionais na atual circunstância política do país.

Fabiana Dultra Britto
Coordenação geral



C O D E



A B C

debates em es



Programação

04.12

05.12

MESA 1

[ABERTURA + PROVOCAÇÃO]

auditório 1 - faufba

8h-12h

PROPOSIÇÕES

*teatro experimental
escola de dança*

9h-12h

PROPOSIÇÕES

*teatro experimental
escola de dança*

14h-17h30

CONEXÕES

*teatro experimental escola
de dança*

14h-17h30

BAMBÁ

[APRESENTAÇÃO ARTÍSTICA]

*teatro do movimento
escola de dança*

19h

**LANÇAMENTO
DE LIVROS**

mastaba - faufba

18h

RECEPÇÃO

escola de dança

20h

**MOSTRA
DE FILMES**

mastaba - faufba

19h

CORPOCIDADE 6
atualização crítica

**REDE
CORPOCIDADE 2019**

06.12

07.12

CONEXÕES

*teatro experimental escola
de dança*

9h-12h

AÇÕES

*ponto de encontro: pátio
faufba*

9h-12h

AÇÕES

*ponto de encontro: pátio
faufba*

14h-17h

**CONEXÕES+
PROPOSIÇÕES**

auditório 1 - faufba

14h-16h

MESA 2

*[COMPOSIÇÃO]
auditório 1 - faufba*

17h-20h

MESA 3

*[ARTICULAÇÃO FINAL]
auditório 1 - faufba*

16h-19h

**VIADAGEM
POLÍTICA**

bar caras & bocas

20h30

ENCERRAMENTO

faufba

19h

PROPOSIÇÕES

Atividade que tem como objetivo promover encontros que permitam um movimento de retroalimentação entre as pesquisas individuais dos participantes e o tema geral do evento, tanto favorecendo o reconhecimento de questões e abordagens, quanto viabilizando a própria experiência conjunta de atualização crítica do CORPOCIDADE6.

Os 85 participantes, diversificados em seus níveis de titulação e saberes, vêm de todas as regiões do Brasil (menos a Norte), além da França e, são convidados à prática de uma dinâmica em grupos de trabalho disparada pelas “proposições” por eles inscritas. Apostando no encontro como fundamento para a emergências de associações antes impensadas é o terreno que a atividade pretende fertilizar.

CONEXÕES

Uma das apostas do CORPOCIDADE 6 é a formação de uma rede de grupos interessados em construir um programa coletivo de ações públicas a serem realizadas ao longo do ano de 2019. A partir de uma chamada pública, foram selecionados 25 grupos que atuam no processo de formulação do espaço público e na instauração da esfera pública pela complicação corpo/cidade.

Os grupos inscritos são provenientes de diversas regiões do país e bastante distintos entre si, tanto em relação ao número de participantes quanto em relação a seus modos de atuação, sendo alguns vinculados a instituições e outros completamente autônomos. Em sua maioria, os grupos transitam entre os campos da dança, da arquitetura e do urbanismo, das artes, da psicologia e da antropologia.

AÇÕES

As ações consistem na realização de três oficinas ministradas por parceiros a convite do evento Corpocidade 6, que trazem experimentações práticas em torno do tema desta edição. Em “Experimento Caderno de Campo”, Vânia Medeiros nos propõe uma amarração prática entre etnografia, arte e design. Iazana Guizzo, em “Habitar Água”, nos convida a pensar “em que mundo queremos habitar?”, trazendo um processo de projeto sensível e afetivo. Por fim, Porca Flor faz um chamado de afeto para a criação, execução e colagem de lambes, em uma “poética combativa”. As oficinas serão realizadas, simultaneamente, na quinta-feira, dia 06 de dezembro, das 14hs às 17hs e na sexta-feira das 9hs às 12hs. Ao todo, serão disponibilizadas 65 vagas com pré-inscrição pelo site.

Habitar Água

Iazana Guizzo

É fundadora do coletivo e escritório Terceira Margem: arquitetura e singularidades que atua com uma metodologia colaborativa e sensorial para a concepção de ambientes construídos. Está como assessora pedagógica e professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula- RJ, onde também é responsável pela renovação do Currículo Pedagógico intitulado Construir na Diferença. Sintonizado com a complexidade da realidade brasileira em múltiplas camadas, busca oferecer aos estudantes um conhecimento prático em diferentes técnicas e materialidades bem como oficinas que visam permitir o surgimento de um corpo capaz de ser concretamente afetado pelo contato com a diferença. Doutora em urbanismo pela UFRJ com doutorado sanduíche no Institut d'Urbanisme de Paris. Mestre pelo programa de pós-graduação em Psicologia da UFF. É formada em arquitetura e urbanismo pela FAU/UniRitter e em bailarina contemporânea pelo Curso Técnico da AngelVianna . Atuou como arquiteta e urbanista na área pública, foi professora substituta da FAU-UFRJ e já elaborou e executou projetos de urbanismo, arquitetura, intervenções urbanas e Dança.

Que mundo queremos habitar? Questão que dispara uma série de exercícios sensoriais e lúdicos do método de concepção dos ambientes construídos da Terceira Margem: arquitetura e singularidades. Entende-se os espaços como parte das forças atuantes na constituição dos nossos próprios corpos: como, então, construí-los de modo que sejam nossos aliados e não inimigos? A fim de trabalhar a questão do nosso próprio habitar na Terra e fazermos antes do projeto e da obra a construção da sua demanda, dispomos uma série de oficinas intituladas Habitar Ar, Habitar Água, Habitar Fogo e Habitar Terra.

Nessa proposta trabalharemos com parte do Habitar Água para, primeiro, desestabilizar a relação automática e funcionalista que frequentemente é estabelecida nas práticas cotidianas com esse elemento. Para, depois, ativar outras relações com a água que já estão presentes em nossos corpos - memórias e desejos - e que podem ser reativadas para ampliar seus sentidos desde a fertilização até a contemplação. Busca-se atrair a vida singular e presente nas experiências de cada um para incitar um outro ciclo ou uma maior atenção encarnada a poética do seu próprio habitar, na Terra.

Escuta Profunda da Cidade

A proposta desta oficina é experimentar sonoramente o centro de Salvador e gravar alguns de seus sons, em caminhadas que exploram a noção de deep listening (audição profunda) desenvolvida pela compositora de vanguarda americana Pauline Oliveros. Que tipo de cidade é uma cidade sonora e porque não é essa a que vemos? Que tipo de imagens podem surgir através de uma escuta tão delicada? A oficina é parte da Ocupação “Rumor de Salvador - ação artística, cartografia afetiva e práticas de cidadania” promovida pelo grupo de pesquisa Balaio Fantasma (IHAC-UFBA) no Casarão da Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico no Pelourinho.

Luca Forcucci

Luca Forcucci é PhD em Música, Tecnologia e Inovação pela Universidade De Montfort, no Reino Unido, mestre em Artes Sônicas pela Queen's University of Belfast e arquiteto. Renomado artista, compositor de música eletroacústica, pesquisador e curador, o trabalho de Forcucci observa as propriedades perceptivas do som, espaço e memória. Nesse contexto o campo de possibilidades da experiência é explorado como obra de arte, entrecruzando tecnologias e rituais ancestrais. <https://lucaforcucci.com/>. A presença de Luca Forcucci é possível graças ao apoio do Swiss Arts Council Pro Helvetia's program Coincidencia e Suisa Foundation.

Lambe a Diversidade

Em meio a crise política atual, ao estado de pânico e a naturalização do ódio e o cerceamento de direitos das existências que podem ser agrupadas em torno da sigla lgbtqia+, a oficina de lambe lambe é um chamado de afeto para manXs, monas e monxtras e demais corpos em dissonância ao cis-heterokapital, nossos armários já rufaram e não temos pra onde voltar. Então vamos cuidar umxs das outrXs bater um papo, compartilhar nossas vivências e praticar poéticas combativas antes que nos sejam proibido.

A oficina é dividida em três etapas:

_Primeira, Ninguém solta a mão de ninguém. bate papo apresentação, compartilhamento de vivências e referências.

_Segunda, Não entrem em pânico! indução de processos criativos coletivos, nossa experiência como força motriz de poéticas anormais.

_Terceira. Se fere nossa existência. Seremos resistência! Ocupação urbana e colagem de lambe lambe sobre a paisagem urbana de Salvador.

Porca Flor

Artista, não-brancX, não binarie, pansexual, tatuadorX, interventorX urbana, autônomX, nascidX na cidade de Ipiau, estudante da escola de “belas artes” da Ufba, que se apropria da arte como mecanismo combativo de expressão/ação contra hegemônica para a construção de narrativas, imaginários, poéticas e culturalidades que promovam a liberdade, diversidade sexual e de identidade de gênero.

Experimento Caderno de Campo

o corpo que trabalha no porto da Barra

Vânia Medeiros

Artista visual e educadora. Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) com o trabalho “Cidade Passo - Conversações entre arte, design e etnografia”, desenvolvido com apoio da FAPESP (2017). Graduada em Comunicação pela Universidade Federal da Bahia (2007). Sua pesquisa como artista visual e designer está focada no imbricamento entre esses campos do conhecimento. Sua investigação teórico-prática se foca na busca de como projetar tendo paradigmas multidisciplinares nos processos de criação, com interesse sobretudo em etnografia e educação. Seu trabalho autoral se materializa em diversos formatos, especialmente em exposições, livros de artista, instalações e intervenções urbanas. Realizou diversas residências artísticas no Brasil e outros países. Foi uma das finalistas para o Prêmio Select de Arte e Educação nos anos de 2017 e 2018.

Caderno de Campo é um processo colaborativo entre a artista Vânia Medeiros, trabalhadores da construção civil (São Paulo) e profissionais do sexo (Salvador) que ocorreu em 2017 e 2018. O trabalho parte de um convite a sete profissionais de cada área a desenhar sua rotina de trabalho durante um mês em cadernos confeccionados artesanalmente em oficinas. Neste workshop, a artista compartilhará o processo realizado com os dois grupos, discutirá o imbricamento entre etnografia, arte e design presentes no trabalho e proporá um experimento prático aos participantes. Tendo como recorte a região do Porto da Barra, durante algumas horas, observaremos e registraremos através de desenhos em cadernos construídos no workshop a rotina das pessoas que trabalham dessa parte da cidade.

ATRAVESSAMENTOS

No conjunto de atividades que compõe o CORPOCIDADE 6, os Atravessamentos reúnem ações pontuais em variados suportes, formatos e propostas. Integradas às discussões que movem o evento, elas podem levar a experimentações que borrem as relações entre universidade/cidade e a instauração de condições limiares para o desdobramento de questões em diferentes campos de debate.

Bambá: pinturas dançantes

Pesquisa, Direção Artística , Músicas e Coreografias
: Neuza Saad

ELENCO

Dançarinos: Adriana Bittencourt, Edney Advíncula,
Jussara Setenta, Meg Seixas, Mel Rosário, Rener
Oliveira, Renilza Ramos, Rose Lima, Sueli Ramos

Músicos: Lucas de Gal, Nielton Marinho e Rian
Mourthé

Espectáculo de dança que apresenta composições artísticas de danças populares e ritmos brasileiros orientadas por aspectos das tradições populares brasileiras e suas reapropriações. Baseia-se em pesquisa que vem sendo desenvolvida pela pesquisadora e professora da Escola de Dança, Neuza Saad que dirige artisticamente o trabalho.

Viadagem Política

Abigail Lopez, Malayka SN (Casa Monxtra), Alan Costa (Coletivo Afrobapho) e Tuti Luizão.

O evento, que acontece semanalmente em formato de “talk show” comandado por Abigail Lopez, cria um espaço onde, politicamente, se promove a circulação de informações e de trabalhos de artistas-corpos marginalizados. No dia 6 de dezembro, em parceria com o CORPOCIDADE 6, põe em pauta a representatividade de corpos dissidentes e suas relações com a arte e o cotidiano urbano, com a presença de Malayka SN (Casa Monxtra), Alan Costa (Coletivo Afrobapho) e Tuti Luizão.

Mostra de Filmes

CONTRA-MEMÓRIA BRASÍLIA

De Marcia Ferran e Ligia Nobre
Vídeo | Brasil, 2017 | 9 min

Essa vídeo-carta é parte de uma pesquisa artística em curso, que foca o cemitério de Brasília, última função prevista no plano-piloto por Lucio Costa em 1956. Nem cronológico nem linear, parece ser em espiral que opera a evolução de Brasília. E é em espiral que se desdobra o fio-condutor crítico e poético que Ferran e Nobre lançam, ligando o momento dos 50 anos de Brasília (1960-2010) a um trabalho performático realizado em 1969 que predizia a força panóptica sobre a cidade. Elemento quase mundano da paisagem - o cemitério -, ao mesmo tempo renegado e indissociável de toda urbe, revela uma economia, planejamento e política da morte. O cemitério-jardim “Campo da Esperança” é acessível por carro, coerente com o modelo automobilístico da cidade. Seu desenho em espiral – apreensível somente de um ponto de vista aéreo – condiciona o caminhar e os rituais. Essa vídeo-carta desenvolve-se em circulares filmadas por drone, revisitando lugares que o artista Cildo Meirelles pontuou na performance que se chamava “Arte física, Caixas de Brasília / Clareira” (1969).

LATOSSOLO

De Michel Santos
Documentário | Brasil | 2017 | 18 min

A relação do homem com seu ambiente natural, e a ocupação de uma cidade localizada sobre o latossolo vermelho amarelo.

MITOS VADIOS

De Murilo Romão
Documentário | Brasil | 2018 | 5 min

MITOS VADIOS é o caminhar ENTRE. Pelas brechas cavadas, pela fresta, o perfil do espaço. A fenda nos locais institucionalizados: um fio fino de equilíbrio precário. É lá que está o HUMOR: quem vive inventa pois viver é inventar: para quem quer.” Lygia Pape.

ESTAMOS TODOS AQUI / WE ARE ALL HERE

De Chico Santos e Rafael Mellim
Ficção | Brasil | 2017 | 20 min

Rosa nunca foi Lucas. Expulsa de casa, ela precisa construir seu próprio barraco. Enquanto isso, um projeto de expansão do maior porto da América Latina avança, não só sobre Rosa, mas sobre todos os moradores da Favela da Prainha.

ACERCA DA CIDADE DO HOMEM NU

De Cafira Zoé, Camila Motta, Camila Valones, Clara Chahin Werneck, Clarissa Moraes, José Lira, Marcos do Nascimento, Marília Gallmeister, Marina D’Império, Mina Warchavchik Hugerth, Otávio Mello, Sofia Tomic, Sylvia Prado, Thiago Reis, Victor Oliveira

Video | Brasil | 2016 | 12 min

Parte integrante da exposição “A cidade do homem nu”, III Bienal Internacional de Design de Istambul, com base no texto homônimo de Flávio de Carvalho.

FIESTA FOREVER

De Jorge Jácome

Fiçção | Portugal/França | 2016 | 20 min

A noite é uma criança. A lua está cheia e o tempo da escuridão é uma abertura para um universo de descobertas. Uma “festa permanente”. Os espaços desta celebração são espaços de diversão noturna, espaços de encontros, de mistura de corpos e de dança. São uma aventura na imensa solidão do mundo. Através de um dispositivo de simulação arquitetónica 3D, Jorge Jácome convida-nos para uma viagem a quatro espaços míticos destas “festas”: La Movida Beach, Luzia Mar, Green Hill, Babboshkz, todos eles espaços perto do mar ou do rio (Montijo, Viana do Castelo, Foz do Arelho e Nazaré). Esta lenta viagem de planos-sequência é feita dentro destes lugares, agora apenas ruínas de um outro tempo de fulgor. A decadência das paredes, do chão e das janelas, aliada ao lixo abundante, tornam estes espaços tristes, despidos. No entanto, sobra a memória: por um lado, a música; por outro, diálogos interrompidos pelo tempo, em forma documental, de personagens que habitaram essas festas. São diálogos que revelam o desejo que nasce da ligação entre pessoas, um fogo fátuo do êxtase desse encontro. “Fiesta Forever” é uma terna homenagem às festas e ao seu poder de detonação da vida quotidiana.

SOBRAS

De Renata Pedrosa

Video | Brasil | 2018

parte1 | 12min

parte 2 (o trabalhador infatigável) | 5min

parte 3 (o trabalhador infatigável - câmara de vigilância) | 5min

Sobras é uma produção audiovisual que busca pensar a potência de significação da paisagem da cidade para além da sua aparência, por meio de uma abordagem alegórica das ruínas fabris. Essa abordagem alegórica é tra-

tada na associação de três vídeos: o primeiro, uma sequência de janelas das ruínas fabris da zona leste de São Paulo, acompanhada da narração de trechos do livro “Os afogados e os sobreviventes” de Primo Levi; o segundo e o terceiro, uma mesma ação adaptada da peça “Ato sem palavras II” de Samuel Beckett - um em grande plano e plano detalhe e o outro em plano médio e em preto e branco, simulando o ponto de vista de uma câmara de segurança. A sequência de janelas das ruínas com grades, telas e arames farpados reflete a relação dialética entre fábrica e presídio/campo de concentração. Tal dialética explicita um fenômeno contemporâneo, referido na ação beckettiana: o fato da produção capitalista não residir mais no interior das fábricas mas fora de suas paredes. A cidade é agora uma imensa fábrica uma vez que toda a sociedade tende a estar subordinada ao controle. O capital explora toda a gama de nossa capacidade produtiva, nossos corpos e mentes, nossas relações afetivas onde a própria vida foi atrelada ao trabalho.

(*) Trabalho prático da pesquisa de pós-doutorado em andamento no Instituto de Arquitetura e Urbanismo USP São Carlos com supervisão da Prof^a Dr^a Cibele Rizek.



COMET
ORGANIZATION

3.2
X
COMET

COMET

3



Resumos

Proposições

Cartografia do Horror é um relato visual iconográfico que se dispõe a denunciar a crescente morte de jovens em sua maioria negros e pardos no Brasil, fazendo um recorte específico para o estado de Pernambuco. As estatísticas só reafirmam o abuso da desigualdade racial e a educação não sensível à banalidade, transformando a morte do favelado em um “carimbo” exposto no chão. As marcas que ficam são as marcas das nossas lembranças, o desenho do ser humano no chão, no seu último movimento. Essa performance tem como objetivo apresentar últimos movimentos, e transformar o espaço urbano em um grande mapa de lembranças, homenageando jovens que não puderam, talvez, sentir a possibilidade do encontro estético com a arte/vida. O horror nos transforma, faz e refaz formas. O afeto reencontrado na memória nos evidencia a revolta de estarmos “sem”. Cartografia do horror é mapa dos nossos parentes e amigos mortos pela polícia ou pela criminalidade.

Cartografia do horror

Adelmo do Vale
UFPE

bibliografia

COHEM, R. A performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002

FABIÃO, Eleonora. PROGRAMA PERFORMATIVO: O CORPO-EM-EXPERIÊNCIA. São Paulo: Dez 2013

BAUMAN, Zygmunt, Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: 2003

VARGAS, Costa João, A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional das mortes e suas alternativas. Revista da ABPN v. 1, n. 2 -jul.-out. de 2010

MARTINS, Gal, Dança da indignação, São Paulo, setembro de 2017

palavras-chave

performance, negritude, impunidade.

Rádio Na Rua: a rádio das pessoas em situação de rua e de luta – A Radialização do Sutil

Alexandre Missel Knorre
UFRGS

palavras-chave

população de rua, esquizoanálise,
rádio na rua

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado do primeiro autor; objetivamos nesta apresentação contar como se constituiu a emergência da Rádio Na Rua (RNR) bem como a potência desta no território urbano. A rádio das pessoas em situação de rua (e de luta), foi criada em 2012 durante as oficinas no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua numa intersecção entre arte, psicologia e população de rua em Porto Alegre. Inventamos a ocupação do espaço público com equipamentos de som (caixas de som, mesa de som, microfones) onde os repórteres são pessoas em situação de rua. Desenvolvida em pontos centrais da cidade abordamos os transeuntes com entrevistas bem-humoradas, assuntos construídos no momento, brincadeiras descontraídas, articulando diferentes modos e lugares de fala comunicando e transduzindo maneiras de existir e se deslocar na vida e na cidade. Entendemos ser importante a população de rua ver sua vida oralizada ao lado da vida de pessoas em situação de casa, diminuído distancias e desconstruindo alguns estigmas. O pessoal em situação de rua como repórteres encontram protagonismo e tencionam o social com diversas narrativas e discursos. A RNR improvisa roteiros no ruído discursivo das megálópoles, com os trajetos nômades, mutantes e sistemáticos (ritornelos) de pessoas em trânsito pela rua, radializando vinhetas imprevisíveis surgidas de detalhes das vidas dos participantes (ladaia). A cada conversa nossos microfones aumentam os decibéis de singularidades percebidas sutilmente nas falas das pessoas, quebrando o discurso organizado/normativo mirando na multiplicação de narrativas sobre a própria vida de quem fala acoplando diversas perspectivas sobre o habitar (vastidão). A radialização do sutil propulsionando convívio entre diversos atores sociais anônimos em praça pública com a possibilidade de embaralhar significados e identidades sociais estigmatizadas possibilita novas perspectivas entre os envolvidos.

O cinema super 8mm explodiu no Recife no início dos 1970. Por seu formato prático e economicamente acessível comparado às câmeras de cinema da época, rapidamente atraiu admiradores e defensores na busca de reviver a produção de cinema local. A relativa acessibilidade provocara uma revolução por expandir a produção de filmes tanto pelo seu conteúdo como por seus realizadores.

A novidade foi amplamente apropriada por artistas que deram a dimensão e essência experimental comum ao espírito de vanguarda que circulava no Recife. Foram cerca de 250 filmes produzidos entre os anos 1970-1980, cujo experimentalismo não impedia o distanciamento do cotidiano. Segundo Figuerôa (1994), a realidade vivida orientou massivamente as produções, desde as representações da cultura popular e do folclore, como as representações do espaço urbano. A cidade era evocada como cenário e personagem em vários dos filmes produzidos na época. Nos filmes *Arte/Pare* (Paulo Bruscky, 1973), *O Palhaço degolado* (Jomard Muniz, 1997) e *Fabulário Tropical* (Geneton Moraes Neto, 1979), as paisagens do recife como imagem são evidenciadas e outras representações são postas. São diferentes formas de retratar, figurar ou delinear a cidade, como defende Roger Chartier (1990). As imagens e diálogos complementam-se por uma outra realidade da cidade que inclui olhares diferentes, situações espaciais diferentes, regimes de espacialidades diferentes como, defende o filósofo e historiador Jean-Marc Besse (2014).

A problemática da paisagem posta nos filmes mostram um período importante de formação de uma crítica de observação da cidade. A paisagem é interpretada, representada pelos filmes apresentam uma cidade com várias experiências. São (re)significações da paisagem urbana em que a ideia de cartão-postal ou “cidade-postal, a “cidade do bem”” ou a cidade como virtude é questionada; ou caricata paisagem folclórica e heróica dá lugar a outras narrativas e por outros personagens sufocados pela história oficial.

O Recife pelo ciclo super-8

Ana carolina de Freitas Trindade
UFPE

bibliografia

BESSE, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas contemporâneas. In: BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

FIGUEIRÔA, A. O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural. Recife: FUNDARPE, 1994.

palavras-chave

Recife, super-8, experiência.

Arcanos urbanos

Ana Paula Vieceli
UFRGS

bibliografia

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELIGNY, Fernand. O araciano e outros textos. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

HUIZINGA, J. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: UFMG, 2008

palavras-chave

arcano surbanos, direito à cidade, homo ludens

Arcano vem do latim *arcanus*, que significa “secreto, escondido”, derivando de *arcere*, que significa “fechar, conter”, e de *arca*, que significa “caixa, baú”. *arcano* é o profundamente secreto, o enigmático. um *arcano urbano* é, portanto, um mistério urbano. o *arcanos urbanos* é um jogo mágico, místico, embruxador. é um jogo de ação que convoca o corpo pelos tabuleiros da cidade. joga-se sozinho ou em companhia, de toda forma, o jogo é sempre um convite ao rolê. dar um rolê é a máxima do jogo: rolês maiores e menores na busca do invisível, dos mistérios da cidade.

ARCANOS URBANOS, SEGUNDA TEMPORADA:

in girum imus nocte et consumimur igni

desaparecemos e reaparecemos em outro lugar. é o mesmo jogo. só que mais oblíquo e dissimulado. a partir de agora estamos em outro lugar e temos outro tempo. e será sempre lua cheia por aqui. *** a cigana do oriente invisível se dispersou em sementes novas. são muitas, são ainda sem nome. elas aguardam no oculto calor do interior da terra. é sempre noite. é sempre lua cheia. e tudo sempre se desfaz e se transforma. invisível mesmo. aqui tem eu, tem você, tem eles, tem todos. aqui a concordância falha. aqui não vamos ter esses cuidados. retornamos ao início mas retornamos totalmente irreconhecíveis. novo plano de fundo para paisagens novas. com 25 arcanos em mãos, baixamos a saturação. ao fundo, só o neon azul. uma única lua: a cheia. arcanosocultos. clube secreto e dissimulado. e sobretudo oblíquo. assumimos as fachadas sul. estamos sempre diante dessa janela. dessa janela que não-vemos a lua cheia. e para encontrá-la precisamos buscar na cidade. *** mesmo que ninguém saiba, somos a continuação. continuamos sendo sempre a gente. agente. somos rastros de um mover. esse é o nosso pequeno teatro invisível, esse é o novo jogo sempre pretensiosamente urbano e esses são os nossos outros – e também mesmos – personagens. nossos outros – e também mesmos – arcanos.

Proponho uma reflexão prática a respeito dos modos possíveis da arte, principalmente a dança, de abrir a dimensão corpórea dos sujeitos a perceber, experimentar e significar o mundo e, assim, de funcionar como potência transformadora das relações políticas e sociais em uma comunidade de sujeitos. Para tanto, parto de duas ideias centrais, que se complementam: (a) a ideia de que arte, vida e política não são campos autônomos, mas que se inter-relacionam e até se confundem e (b) a noção de que os possíveis efeitos sociais advindos de um trabalho artístico estão diretamente relacionados ao modo como o próprio artista se pôs a experimentar seu corpo durante o processo de criação do trabalho.

A investigação do corpo em primeira pessoa, a partir de experimentações voltadas ao próprio processo de percepção de mundo e de si, contrapõe-se à investigação em terceira pessoa a respeito das funcionalidades técnicas e das formas externas e belas do corpo-instrumento, corpo-objeto ou corpo-espetáculo. Enquanto que na segunda o entendimento do corpo-organismo conduz a lugares mais ou menos conhecidos e seguros no que tange ao papel da fruição estética na dinâmica social e política, na primeira a experiência temporária de um corpo-sem-órgãos (DELEUZE e GUATTARI, 1972) pode tensionar camadas de estratificação, funcionalidades, organizações e formas cotidianas, e pode resultar, assim, não só na ocupação produtiva e intensiva do espaço performático, mas na construção por parte do público de novas relações de significado e novos agenciamentos, inclusive políticos.

Mas como isso pode se dar? Quais são as ferramentas que nós artistas temos à disposição para potencializar esses processos compartilhados de produção de subjetividades? Trata-se de uma conversa-performativa para pensar como fazer transbordar a experiência de criação de corpo-sem-órgão de uma esfera em que há uma espécie de permissão para a experimentação com o corpo a lugares outros ainda não habitados.

Criar corpos, criar políticas

Ana Rita Nicolielo Lara Leite
UFMG

bibliografia

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol III. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

DEWEY, John. Arte como Experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michael. A Hermenêutica do Sujeito. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIL, José. Movimento Total. O corpo e a dança. São Paulo: Luminuras, 2002.

SCHÖPKE, Regina. Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: A construção da máquina de guerra nômade. In Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 259-279, jan./abr. 2017.

palavras-chave

dança, corpo-sem-órgãos, política

Os invisíveis da cidade e a luz vaga-lume

Andrea Fricke Duarte
URI

bibliografia

- BAPTISTA, L. A., & SILVA, R. L. (2017). A cidade dos anjos do improrrogável. *Revista Pólis e Psique*, 7(1), 49-73.
- BAREMBLITT, G. (1998). *Compêndio de análise institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- DIDI-HUBERMAN, G. (2011). *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- HARVEY, David. *O direito à cidade*. Piauí. Edição 82, 2013.
- POLI, M. C. ROSA, M. D. *Experiência e linguagem como estratégias de resistência*. In: *EntreAto: o poético e o analítico*. LEITE, N. V. A. MILÁN-RAMOS, J. G. (orgs.). Campinas, 2011.

palavras-chave

invisibilidade, cidade, vaga-lume

Nos propomos a apresentar e a discutir experiências de uma pesquisa que finalizou em julho de 2018, que aconteceu junto a uma comunidade em situação de vulnerabilidade social na cidade de Santo Ângelo, interior do Rio Grande do Sul (RS). Trata-se de uma espécie de testemunho, a partir das narrativas de um percurso de inserção e imersão em um campo marcado pelo signo do esquecimento, e onde tem se produzido encontros potentes e suas luzes vagalumes, a partir do ensaio de práticas autogestivas baseadas em Baremlitt (1998). A construção da narrativa segue uma dupla proposição: primeiro a proposição de Didi-Huberman (2011) sobre as imagens: o regime da imagem e da imaginação é um local de luta política, principalmente aquelas imagens que portam memórias e têm um poder de transmitir algo de um tempo que se passou, e em segundo, a compreensão da escrita não como descrição, mas como criação enredada com a transmissão da experiência a partir de Luis Antônio Baptista (2017). Vamos também problematizar o conceito de vulnerabilidade social, assim como a questão relacionada a territorialidade e a produção de subjetividade, entendendo o território como agenciador de modos de vida. De maneira geral, os objetivos iniciais do projeto consistiam em cartografar uma comunidade em situação de vulnerabilidade social em Santo Ângelo, seus modos de viver e habitar, e agenciar o seu protagonismo social através dos dispositivos de autoanálise e autogestão, a partir de suas principais demandas e potencialidades.

Surgida em meados do século XX, a performance artística aparece como uma modalidade de ação política constantemente reinventada, um exercício criativo de política subversiva. Hoje, a pluralidade de experimentações performáticas no espaço público citadino abre espaço no debate social e político contemporâneo para analisar o que denominamos os “corpos performáticos” retomando a noção de performatividade de Judith Butler (2018). Enquanto potências contestatórias que promovem a construção de novas relações sociais, conscientizadas e engajadas, essas manifestações artísticas levam a pensar juntas a corporeidade e as estratégias de intervenção pública. Como essas formas de mobilizações ocupam o espaço público, mas também contribuem para produzi-lo a partir da presença de corpos inquietos? Quais são os mecanismos que inscrevem a performance enquanto ferramenta de ressignificação de direitos e de visibilidade de sujeitos subalternizados?

Neste sentido, ao ocuparem espaços citadinos, as performances artivistas perpassam a atomização urbana denunciando desigualdades sociais e espaciais que condicionam e normatizam os corpos. Para repensar o poder e os efeitos dessas manifestações, precisamos considerar as suas dimensões corporais, sua força transgressiva, mas também a impermanência, as fragilidades e tensões potencializadas pela presença corpórea.

O trabalho realizado consiste na interlocução entre as diversas capilaridades que compõem o Performarte, núcleo de estudos envolvendo extensão universitária e pesquisa. O estudo das espacialidades em que se circunscrevem os corpos, seus usos e contra usos, bem como a potência que reverbera das manifestações artísticas da cultura popular e afro-brasileira que se inscrevem no próprio contexto em que o grupo está inserido, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), implica uma ampla reflexão sobre a cultura e a arte enquanto ferramentas de mobilização social e luta política.

Corpos performáticos no espaço público

Anne-Sophie Marie Frédérique Gosselin Da Sila e
Estelany Silveira Soares
UNILAB

bibliografia

BUTLER, Judith. 2018. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MEMMI, Dominique. 1998. *Le corps protestataire aujourd'hui : une économie de la menace et de la présence*. *Sociétés Contemporaines* n. 31 pp. 87-106

FOUCAULT, Michel. 1984. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal.

palavras-chave

corpo, performance

Figurino em ação

Arianne Vitale Cardoso
USP

bibliografia

BISHOP, Claire. A viragem cultural: o mal-estar na colaboração. In: PAIS, Ana (org.). Performance na esfera pública. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

FÉRAL, Josette. Além dos limites. teoria e prática do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as Heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

palavras-chave

performance, arte urbana, artes cênicas

FIGURINO EM AÇÃO é o projeto idealizado por Arianne Vitale, que acontece desde 2016 em vivências e ações de criação e ocupação artística de espaços públicos e institucionais, com performances e intervenções cênicas participativas e também residências artísticas, cursos e atividades formativas e práticas. O projeto é o objeto de estudo da pesquisa, em curso no doutorado do Departamento de Artes cênicas no Laboratório de práticas performativas da USP.

Nas intervenções cênicas propostas, o figurino e os ornamentos atuam ativando o corpo para a ação performática e artística, em um processo que parte do fazer material até a participação e ação urbana. E é com esse impulso que pretendo participar do CORPOCIDADE: abrir a pesquisa e analisar uma ação que aconteceu no monumento Marco zero da cidade de São Paulo, na Praça da Sé, mas também instaurar a dinâmica de expansão e troca com os participantes.

O processo aberto e participativo do FIGURINO EM AÇÃO no Marco Zero, produziu diversas máscaras, feitas in-loco com base de meias-calças, que foram inscritas com palavras, propostas pelos participantes da ação na praça. O ato se constituiu pelo atravessamento de tantas pessoas que se dispuseram a ocupar o centro com seus corpos transfigurados, inscritos com frases de reivindicações de direitos humanos que estão sendo extintos e tão importantes de serem expostos hoje. Nessa ação realizada no monumento Marco Zero foram feitas 35 máscaras, mas a proposta é ampliar, para potencializar a ação ativista em um ato artístico que pode intervir no contexto que vivemos hoje.

Ao ocupar a praça com uma estrutura móvel e efêmera, mas também agindo sobre o monumento histórico da cidade, a ação abriu um processo de criação e tornou o Marco Zero em um local de convívio e trocas e um lugar de posicionamento. O ato de vestir a máscara configurou um dispositivo que abriu um campo aberto para a imaginação e a presença do corpo, utópico e político em ação interagindo diretamente com a cidade.

Há um percurso de pesquisa já percorrido outrora que insiste em pedir passagem no agora. Trata-se do encontro duradouro com uma comunidade, ou melhor, com seus antigos moradores e derradeiros passageiros do trem. A ferrovia, desativada e arrancada das paisagens da cidade, legou a memória a árdua tarefa de ser lembrada. Rasurada, esta o foi não só pelo tempo como pelos versos que vieram a lhe reinventar, ecos sobreviventes a se metamorfosear. Os trilhos, ausentes no território mas persistentes em se redesenhar, propiciaram a formação de um grupo e os movimentos que se esboçaram na medida em que o mesmo colocou-se a narrar. Fragmentos do tempo, lascas de imagens, retalhos sonoros, detalhes de um aroma, de uma textura, de uma esquina ou avenida a se lançar, misturar e multiplicar. Vagões amontoados de cotidianos e rotinas que se despediram junto com o adeus das locomotivas. Viagens a trabalho ou a passeio, caminhos permeados por túneis e devaneios: corpo imerso numa dobra entre o dentro e o fora. Um vilarejo que constituiu-se em torno da linha tracejada pela viação férrea, bem no ponto de sua intermediação entre o interior e a capital. A ruralidade cortejada pelo desembarque das novidades em seu quintal: o rádio e a televisão, as luzes das máquinas a diesel interceptando sua escuridão habitual. Ora, pretende-se discutir esta experiência a partir de uma realização audiovisual que é fruto do trabalho de conclusão de curso da pesquisadora. A proposta é evidenciar as linhas e operações que permitiram a sua emergência, assim como a sua intrincada composição junto as pregas e interstícios da cidade: cidade que aderiu ao progresso sem extirpar seus restos ainda fulgurantes. Trata-se de visibilizar as pequenas luzes e os ínfimos ruídos que gotejam em meio ao fluxo exacerbado e estonteante, materializando uma forma de resistência e crítica aos tempos que correm e que cada vez mais padecem da possibilidade de fazer com, de fazer sentir e de fazer sentido na costura com o vivido.

Resistência que faz ver as sutilezas da cidade

Brida Emanoele Spohn Cezar

palavras-chave

cidade, ferrovia, resistência

O Corpo e as percepções espaciais através de um fazer fenomenológico

Bruna da Silva Sassi e Almir Nabozny
UEPG

bibliografia

MARANDOLA JR, E. Geografias do porvir: a fenomenologia com abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E.; SILVA, C.; SANT'ANNA NETO, J.; MELAZZO, E. (orgs.). A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2016. p.451-466.

MASSEY, D. Pelo Espaço. Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. A fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

palavras-chave

corpo, percepção, fenomenologia

O corpo conforme Merleau-Ponty (2006) é vinculado à percepção, posto que é através dela que o corpo se expressa e conhece o mundo. Essa percepção, imediata e direta como nosso primeiro contato com o mundo é expressa por uma relacionalidade entre o corpo e as coisas/objetos. As relações que alteram os posicionamentos espaciais e as pontes que ligam espaços e corpos constituem a problemática da qual visa-se compreender as percepções espaciais a partir de um corpo-sujeito. Partimos de um corpo que sente, e que coabitando determinado local, nele imprime significado, pois o corpo é a escala material das relações no espaço público, é agente mediador entre as alterações internas e externas (físicas e culturais) a ele, desfrutando da possibilidade de transformar as relações pelas quais se insere. A concepção de corpo-sujeito (MERLEAU-PONTY, 2006) como fenomenal por ser agente ativo da existência, potência motora e afetiva na medida em que se dirige as coisas do mundo. Corpo-sujeito é articulo a concepção pós-estruturalista de espaço (MASSEY, 2008), ou seja, o local da relação com o outro (corpos), da coexistência da multiplicidade e da heterogeneidade. Um espaço em constante produção através de trajetórias em movimento e em mutação através dos embates que constituem sua complexidade e revelam seu cotidiano. Ademais, a percepção explicitada por Merleau-Ponty (2006) também possui sentido aberto, o que é vivido comporta ausências, horizontes e presenças que constituem a complexidade do real. Dessa forma, a temática atual da “Corporidade 6” que visa uma atualização crítica a cerca dos fenômenos corpo e cidade que permeiam e constroem o espaço público pensamos que é na relação dialética do contato com os outros, que diferentes pesquisas emanam. Assim, propomos este trabalho de viés fenomenológico que visa captar o indivíduo em sua potência de agir do aqui e agora, por um fazer fenomenológico que segundo Marandola Jr (2016) volta-se para a experiência geográfica do ser-no-mundo.

Junho de 2018. Em um espaço da Zona Portuária do Rio de Janeiro, três blocos impressos são dispostos sobre uma mesa. O primeiro bloco diz sobre a expansão das redes técnicas urbanas ao longo do século XX através de documentos coletados em arquivos empresariais. O segundo bloco recupera do noticiário imagens dos reservatórios (gasômetros) da hoje desativada Fábrica de São Cristóvão, por mais de um século responsável pela produção, armazenamento e distribuição de gás encanado à cidade. O terceiro bloco reúne fotografias de março de 2017 que acompanham o processo de desmontagem da estrutura do último reservatório desta fábrica, em atenção ao que Alessia de Biase chama de “tempo do desaparecimento”.

Dezembro de 2018. Sem a presença do gasômetro na paisagem portuária, como pensar a sobrevivência da Fábrica de São Cristóvão? Com o suporte da mesa e exercendo as pressões (impressões, representações, supressões) inerentes à técnica de montagem, esta proposta experimenta o arquivar-montar não apenas como passado fechado, mas também como gesto capaz de desestabilizar o que se registra, reescrevendo no presente a possibilidade mesma de um porvir. Pois para além da alternativa infernal que pende entre a destruição criativa da tabula rasa e a criação destrutiva da ruína patrimonializada, as imagens do Gasômetro por certo pululam outras temporalidades, são expressões não-hegemônicas que fogem à palavra e insistem nos interstícios pouco iluminados da cidade neoliberal.

Fazendo eco com Walter Benjamin, defende-se que, frente ao desejo de vida em abundância e contínua insistência na cidade, o arquivar-montar é uma das múltiplas vias capazes de somar forças e organizar o pessimismo diante do mundo.

Imagens da fábrica, emergências de um porvir urbano: o arquivar-montar em tempos críticos

Bruno Amadei Machado
UFRJ

bibliografia

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. In: Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DE BIASE, Alessia. Hériter de la Ville: pour une anthropologie de la transformation urbaine. Paris: Éditions Donner Lieu, 2014.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, G. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2011.

palavras-chave

arquivo, montagem, fábrica de gás

Cidade e Performance na prática fotográfica

Camila Cidreira Ribeiro
UNB

A atual proposição trata-se de um desdobramento da pesquisa acadêmica em fotografia performativa de espaços urbanos abandonados. Buscamos tratar as fotografias que relatam os espaços na cidade, como objetos não mais destinados à manutenção de uma memória coletiva, que segundo Jacques Le Goff (1924-2014) está destinada a descrever, através de relatos ou documentos (principalmente esta segunda fonte) como se deram os avanços e retrocessos de uma sociedade.

Ao considerar que a fotografia dos artistas busca tornar visível alguma coisa do mundo, alguma coisa que não é da ordem do visível (FLUSSER, 2018), pensamos teoricamente, no papel constitutivo da memória coletiva que cabe à fotografia como um lembrete da carga simbólica e afetiva que determinados lugares das cidades têm para as suas respectivas populações.

bibliografia

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia.

BAUDELAIRE, Charles. As Flores do Mal.

BENJAMIN, Walther. Obras Escolhidas III.

LE GOFF, Jacques. História e Memória.

SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço.

palavras-chave

charles baudelaire, fotografia performativa, espaços urbanos

O presente trabalho busca, a partir da análise das configurações do neoliberalismo nas cidades contemporâneas, pensar os usos do espaço público na atualidade, atravessado por carros e funções de segurança, afetos de medo. Menos que modos adoecidos, esta pesquisa buscou agenciar a emergência de práticas de viver na/a cidade que possibilitem a vivência de uma outra experiência subjetiva. O trabalho centrar-se-á sobre a experiência de idas às feiras livres na Cidade de Vitória, Espírito Santo.

Nomeadamente, o trabalho traz tessituras da experiência/vivência no cotidiano das feiras como forma de transitar entre experiências que têm criado e recriado formas de vivenciar o espaço urbano que escapam ao hegemonicamente preconizado.

Para isso, mostrou-se necessário no percurso da pesquisa, fazermos algumas sucintas análises: 1) do modo como o espaço público vem se forjando nos dias atuais, no contexto de uma cidade neoliberal 2) das experiências de um corpo feminino que transita sozinho na cidade, advindas das idas de bicicleta e ônibus às feiras livres de Vitória, das andanças por aí 3) dos modos de subjetivação forjados no contexto atual de esvaziamento dos espaços públicos e as resistências possíveis, processos de singularização que coincidam com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos e compartilhamos, que acionem um plano comum que coloquem em funcionamento

o corpo,

esta máquina de fazer passar afetos.

A potência da resistência: feiras livres na cidade neoliberal

Camila Lenhaus Detoni

palavras-chave

feira livre, cidade neoliberal, resistência

A presença caleido- scópica e a invenção de um corpo dançante na cidade

Camila Soares de Barros

bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. O aberto: o homem e o animal. Tradução: Pedro Mendes; revisão técnica: Joel Birman. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

_____. O uso dos corpos (Homo Sacer IV,2). Tradução Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016

BARROS, Camila Soares de. A Técnica Klaus Vianna - por uma micropolítica do corpo profano. 109 f. Dissertação de Mestrado em Educação. UNIFESP - Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2017

NEUPARTH, Sofia. Movimento. Lisboa: Edições c.e.m – centro em movimento, 2014

palavras-chave

presença caleidoscópica, dança na cidade, processo criativo

A presente reflexão apresenta um caminho de investigação de corpo nas ruas de Lisboa do qual nasceu a dança que leva o nome de BICHO, apresentada no Festival Pedras'18–Em que mundo queremos viver?, promovido pelo c.e.m - centro em movimento em 2018.

Para estar e ser corpo na cidade penso que é necessário ouvir antes de tudo. O estar junto pede uma atitude de ver, ouvir e sentir, antes de qualquer ímpeto de dançar sobre, em cima de, ou dançar para um lugar. O trabalho com a cidade requer uma presença muito específica e uma ginástica de dilatação do corpo no tempo e no espaço. Foi nessa dilatação que eu encontrei a chance de experimentar uma textura porosa, que permitiu que eu pudesse ouvir o Beco do Jasmim em Lisboa. Dessa escuta revelou-se uma dança com o Beco do Jasmim, uma dança do encontro nosso, do que o espaço externo me revelou ao espaço interno do corpo (e vice-versa). Foi neste encontro que eu comecei a realmente ouvir os fluxos daquele local específico na cidade, e do meu corpo no exercício da permanência e do estado de dança naquele lugar.

Presença caleidoscópica é o nome que dou para um recurso corporal que se revelou no contato com o trabalho na cidade: refere-se ao estado corporal poroso, precário, móvel, aberto às variações e interferências da rua ou do ambiente externo ao corpo. É um observar-se a si mesmo enquanto a dança se inventa entre o corpo e o espaço, desierarquizando as relações entre si. A presença caleidoscópica está atenta aos encontros: joga com as presenças todas que estão ao redor. O BICHO me ensinou a habitar os momentos e dançar com as presenças: a coreografia é o encontro em tempo real, e do encontro e apenas do encontro é que surgiu uma dança que não era minha nem do Beco, mas nossa e sempre singular.

Criar a presença
Criar a escuta
Criar as texturas de corpo
Criar os modos de existência na cidade
Criar corpo micropolítico
Criar os caminhos de comunicação
Criar ouvidos por todo o corpo
Inventar tudo isso em movimento.
Criar BICHO.

A presença de corpos estrangeiros de origem africana e latino-americana tem transformado a subjetividade de grandes e pequenas cidades no Brasil, causando deslocamentos sociais, econômicos, políticos e culturais dificilmente mensuráveis. O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998) entende a imigração como uma provocação à ordem nacional e ao conservadorismo social, pois desmascara pressupostos e revela as instituições e suas regras de funcionamento, expondo os antagonismos sociais relativos à pertença de classe, ao domínio público e privado e ao que provém do interior e do exterior, dentre outros aspectos. A estrangeiridade convoca de imediato o questionamento sobre as fronteiras entre o eu e o outro, tensionando os limites de nossas certezas e fazendo emergir as estranhezas próprias aos nossos modos de viver.

A presença desses corpos levanta uma série de questões a respeito das concepções de cidade que gostaríamos de fazer existir: uma cidade plural em seus sentidos e suas aberturas, disposta a transformar-se enquanto máquina produtora de subjetividades, uma cidade disposta a manter suas fronteiras menos estreitas e mais receptivas aos itinerários por vir. Essa cidade ainda utópica funciona nessa pesquisa como um cenário não-passivo de construção de narrativas imigrantes. Pensando que falar sobre a cidade que se quer construir é também falar sobre si, sobre o outro e sobre nós, espera-se apresentar com essa pesquisa algumas histórias narradas por imigrantes, habitantes da cidade de Porto Alegre. Trata-se de uma proposta de pensar as implicações da sociedade de acolhida e dos vários atores sociais que compõem esses territórios em transformação, partindo-se da singularidade de algumas experiências para se estabelecer um diálogo de maior amplitude.

Narrativas imigrantes e cartografias na cidade

Camilla Zachello
UFRGS

bibliografia

SAYAD, Abdelmalek. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

palavras-chave

imigração, cidade, narrativas

Corpos em aliança, performances plurais

Carlos Henrique Magalhães de Lima,
Renata Braga Neves, Cícero Portella
Castro e Milene Migliano
UNB

bibliografia

BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FABIAO, E.B. History and Precariousness: in search of a performative historiography. Amelia Jones; Adrian Heathfield (Org.). In: Perform, Repeat, Record. London and New York: Thames and Hudson, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. “Um levante pode esconder outro”. In DIDI-HUBERMAN, Georges. Levantes. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

TILLY, Charles. Contentious performances. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

palavras-chave

performance, corpo, política

Esta Proposição se situa ante um renovado interesse por formas de ação coletiva no espaço urbano. Motivados pela crítica do CORPOCIDADE, procuramos as alianças entre corpos - seus efeitos simbólicos e materiais - seja no ativismo cotidiano, nos movimentos sociais, nas experiências de arte no espaço público, nos coletivos que pensam os novos dispositivos informacionais como desestabilizadores de interações programadas e demais ações que almejam a construção de um corpo político feito em processos tendencialmente contra-hegemônicos, de reação à captura da dimensão pública. Nessa miríade interacional, a performance é a noção considerada aqui como articuladora de uma montagem ancorada num modo de pensar e fazer cidade co-implicado com o corpo.

A performance é polifônica: faz vibrar a diversidade de vozes distintas e apartadas. Corpos reunidos em Assembleia, transmitem significados políticos por discursos - escritos ou falados - que, na própria forma de ação, já se articulam como as experiências que almejam construir. Uma ocupação nas ruas, por mais fugaz que seja, é imponderável nos efeitos sociais que podem provocar além daqueles manifestos. A performance é forma de ação coletiva cujas ações já têm significado antes mesmo de apresentar qualquer reivindicação particular¹. É ação pré-figurativa que traz em si experiências embrenhadas em sentidos múltiplos; situa-se na liminaridade dos repertórios políticos, forma-se nos espaços em que o corpo se move: o corpo da cidade – em constante formação – é fonte e foco do corpo da performance. Um corpo estendido. As performances são instigadoras de ações transitórias por meio da qual movimentos coletivos se conjugam inesperadamente e se desfazem sob condições voluntárias ou não. Forças que se recombinaem e são fontes sempre renovadas de seus próprios movimentos.

¹ BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Este trabalho é resultado do processo de pesquisa e criação de movimentos experimentados com abordagens sensoriais e estímulos para o desenvolvimento da expressão corporal através da exploração do corpo, suas possibilidades e limitações para construção de composições coreográficas a partir de improvisações e das investigações de movimento no espaço urbano. Além disso, desenvolveu-se através de observações dos movimentos cotidianos, do trânsito dos corpos na cidade, sua expressividade e o diálogo dos outros corpos nesses espaços. A proposta instigou conhecer e perceber ao longo das experimentações, as diferenças nas mudanças de intenções, tanto no olhar de quem observa movimentos na rua e transforma em dança, quanto explorando no próprio corpo maneiras de transformar as movimentações, ressignificando formas de composição e criação, colaborando de forma sensível para trabalhar a expressividade em dança. Consistiu em trazer o máximo de elementos das experimentações e como elas dialogaram neste percurso criativo sobre questões cotidianas, a movimentação natural, o andar, o sentar, o esperar, o trânsito das pessoas, a conexão com o aparelho celular e alguns movimentos que expressam ansiedades rotineiras. A ideia do movimento que os espaços provocam ao corpo, as imagens, sons, as características orgânicas de cada movimento escolhido e sua expressividade. A pesquisa foi apresentada não só como composição coreográfica e performance artística, mas também como apresentação oral de pesquisa em forma de performance onde, além da linguagem oral, utilizou-se a linguagem corporal para descrever os processos investigativos e criativos da pesquisa de movimento. Conforme os caminhos descritos acima, a pesquisa aborda a trajetória criativa que teve como ponto de partida a tentativa de “passar” por todos os processos experimentados, vivenciados e observados no espaço urbano, assim como reflexões sobre as movimentações cotidianas e seu potencial criativo em dança.

Processo criativo a partir do cotidiano

Carolina Pinto da Silva
UFPEL

bibliografia

BARBA, Eugênio; SAVARESE, Nicola. *A arte Secreta do Ator*. São Paulo, Campinas: Hucitec/UNICAMP, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. *Quando o Passo vira Dança*. In: VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo; JACQUES, Paola. *Maré, Vida na Favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. *Teatro do Movimento: um método para o intérprete criador*. 2 ed. Brasília: LGE Editora, 2007.

MARTINS, C. F. *Improvisação em dança: sistemas e evolução*. Janeiro de 2003.

palavras-chave

processo criativo, cotidiano, urbano

Pensar em movimento: corpos e epistemologias negras na cidade

Caroline Silva Souza, Cibele Moreira Nobre Bonfim, Gabriela Leandro Pereira, Jones de Sousa Nascimento e Sofia de Carvalho Costa e Lima
UFBA

bibliografia

GUEDES, Cíntia. Des(en)terror o corpo. Revista DR, São Paulo, v. 3, p.42-47, 2016.

KILOMBA, Grada. "The Mask"
In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

CARNEIRO. Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. Folha de S. Paulo. São Paulo. 07 maio 2000.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, jun. 2003.

palavras-chave

corpo negro, espaço urbano, resistência

Os corpos negros habitando a cidade, apesar de múltiplos, possuem um ponto em comum que atravessa a todos. Esses corpos têm como centro de ligação a ancestralidade africana diaspórica. Por serem descendentes da diáspora negra, este corpo plural que ocupa espaços diferentes na sociedade, torna-se resistente enquanto existe, carregando a memória do que foram as diásporas africanas.

O encontro do corpo negro com a cidade gera uma relação de troca desigual onde este é cotidianamente atravessado por diversas formas de exploração que duramente o transformam em resistência materializada.

No contexto urbano, o corpo negro que resiste é aquele que cria mecanismos de sobrevivência a partir do que lhe é dado, ou retirado, em seu território. É aquele que dança o ritmo da cidade, raramente orquestrado por ele próprio, organizando novas formas de resistir.

Este corpo é também hierarquizado entre os seus comuns, sendo socialmente lido pela variância da melanina e poder econômico. Seguindo esta escala, os corpos mais retintos e pobres têm menos valor que os mais claros e abastados.

A incorporação de categorias próprias ao sistema cultural negro, para interpretação de como as relações entre corpos negros e não negros espacializam-se na cidade, é fundamental para dar conta dos tantos métodos, práticas, padrões, temporalidades, corporeidades, gestos, inscrições, construções que tem sido historicamente representadas como ausências, insuficiências, precariedades nas análises acadêmicas apenas por não se pautarem predominantemente pelo cientificismo da branquitude, pela lógica da acumulação, pela racionalidade dominante que regula a cidade. Essas epistemologias próprias (outras) precisam ser pensadas enquanto conceitos chave, para incorporar as práticas negra como produção de conhecimento e não como projeção nos campos disciplinares acadêmicos. Assim, estará mais perto a urgente tradução entre mundos, saberes e epistemologias tão necessária à compreensão da produção do espaço urbano.

Em minha condição temporária de arquiteta-mãe de criança pequena percebo que a despeito da falta de espaço adequado, as crianças brincam: o brincar é latente no corpo, transborda.

As experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes reinventam esses espaços no seu cotidiano. Também os brincantes urbanos, como praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos.

O corpo da criança e a urgência do brincar subvertem a ordem e a falta de estrutura, e visceja, com o mínimo de recursos. Os gestos da criança gestam e dão um outro corpo ao corpo da cidade. A experiência urbana corporal pode ser estimulada por uma prática de errâncias pela cidade que, por sua vez, resultar em corpografias urbanas. No caso das crianças, venho observar e reconhecer a prática de brincâncias pela cidade que resultam em corpografias urbanas.

A filmagem cotidiano de meus filhos no trajeto de casa à escola resultou no vídeo Brincâncias Urbanas, onde o brincar emerge do corpo e transforma o hidrante, os desníveis, o banco do ponto de ônibus, a planta crescendo no muro em parceiros de dança neste balé. É possível perceber a potência dos gestos, da latência e da necessidade do brincar, mesmo sem os estímulos adequados ou normatizados.

O corpo daquele que experimenta efetivamente a cidade, o espaço urbano em geral, pode ser visto então enquanto uma forma de resistência à espetacularização urbana, uma vez que as corpografias urbanas, ou seja, estas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do habitante ou do errante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, neste caso, o corpo da criança e de quem dela cuida (em geral mulheres).

Venho apontar a potência da brincância, da latência e urgência de brincar no corpo da criança como elemento disponível para dar corporeidade aos espaços urbanos, e a partir daí, tornar o espaço da cidade acolhedor para crianças e quem delas cuida.

Criança na cidade: a potência da brincância e a corporeidade dos espaços públicos

Celia Regina da Silva
UFSC

bibliografia

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. In: Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Ano 5, número especial, (2007) - Ana Clara Torres Ribeiro (Org.). - Salvador : PPG-AU/FAUFBA, 2007-

SILVA, Célia Regina da. Brincantes Urbanos. CorpoCidade 5, Salvador, 2016. Disponível em: http://docs.wixstatic.com/d/886796_51bb14cb30b4785aa8dcfa77eebea17.pdf. Acesso em: 7/7/17

SILVA, Célia Regina da. Brincâncias Urbanas. Vídeo, 2017, <http://grupoquiasma.wixsite.com/grupoquiasma/audiovisuais>

palavras-chave

brincância, criança, cidade

Ambiente desinibidor ou condensador antropofágico

Cícero Portella

bibliografia

AGAMBEN, Giorgio, O Aberto: O Homem e o Animal (2004)

KOOLHAAS, Rem, Nova York Delirante: um Manifesto Retroativo (2008)

KOPP, Anatole, Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa (1990)

BRITTO, Fabiana Dultra & JACQUES, Paola Berenstein, Cenografias e corpografias urbanas

LEPECKI, André, Coreo-política e coreo-polícia (2011)

palavras-chave

arte ambiental, estética anticolonial, urbanismo experimental

No início do século XX, os construtivistas soviéticos cunharam o conceito de Condensador Social (CS) para qualquer tipo de obra ou ambiente que acelerasse as transformações dos hábitos burgueses para a sociedade socialista, incluindo a própria cidade. Décadas depois, o arquiteto Rem Koolhaas faz uma releitura cínica do termo, propondo que o arranha-céu novaiorquino teria conseguido para o capitalismo a conversão que os construtivistas queriam para o socialismo. Koolhaas descreve o CS como uma "máquina empregada para gerar e intensificar formas desejáveis de contato humano." Essa releitura demonstra que o termo pode ainda ser útil mesmo fora do enquadramento socialista. Ou seja, podemos tentar pensar de que maneira um agenciamento territorial ou um dispositivo ecológico pode transformar hábitos e modificar relações, seja qual for a inclinação política. Para evitar um uso indevido do conceito original, sugiro provisoriamente o termo Ambiente Desinibidor (AD), inspirado em estudos eco-etológico. Um AD seria um ambiente que propicia certa margem de reinvenção de relações sociais, mas sem a moral estatal e centralizadora do CS. O AD pode ser um CS mais libertário, um Condensador Anticolonial. Tomando a cidade como campo de estudo, a questão seria investigar se determinadas conjunturas urbanas podem estimular novas relações ou facilitar a mudança de costumes. Para esse encontro, sugiro pensar dois ambientes como potenciais Ambientes Desinibidores: a praia e o próprio evento CC6. Vindo do cerrado, a praia me parece um ambiente com forte influência nos costumes das cidades praieiras, presente mesmo nos corpos que não a frequentam. A intenção é perceber como a praia e o evento interagem com a cidade. Salvador é imantada por vários ADs que irradiam sua influência pelo país. Cidade propicia para pensar o AD como uma espécie de Condensador Anticolonial, ou Condensador Antropofágico, pré-figurando e preparando a transição para a Cidade do Homem Nu.

A palavra “estranho” vem do latim extraneu, “que não pertence à família; estrangeiro”. No final do ano passado conheci o Zé, que não é estrangeiro, morou sempre no mesmo bairro que moro hoje, a Praia de Iracema. Mas souo estranho quando mencionei nossa amizade em um almoço de família. Conheci o Zé na rua enquanto aguardava os alunos em uma visita de campo. Ele me chamou do outro lado da avenida, no momento em que eu queria saber o que havia além do muro com o nome da Cia de Água e Esgoto do Ceará onde ele trabalhava como vigia. Descobrimos que éramos vizinhos. Ficamos amigos.

Tenho alunos que passam pela experiência de errar pela cidade. É uma questão de tempo o encontro com o “estranho”. Acompanho suas reações assustadas, o desejo de se desterritorializar. Temos falado sobre a amizade. Acho que pensamos pouco nisso. Existem os espaços “adequados” para se fazer amigos. Eles parecem seguir à risca esse pressuposto.

Em “Aos nossos amigos”, o grupo Comitê Invisível (2013) deixa clara a ligação entre os termos “friend” e “free”, do inglês. A proximidade dos termos sugere que a capacidade de estabelecer laços demanda uma capacidade de ser livre, uma impossibilidade de ser aprisionado por noções de classe, cor, sexo ou qualquer categoria. Uma amizade não categorizável põe em xeque a regulação dos afetos e dos lugares. Gera uma circulação desviante, presenças heterotópicas e constrangimentos em almoços de família.

Me pergunto se o limite de nossas tentativas de apreensão da cidade não vem esbarrando no limite dessa capacidade, a de criar laços. Mesmo que mais tarde venhamos a afrouxa-los ou desatá-los. Acredito que a experiência da cidade só se faz completa se formos capazes de nos entregarmos completamente no momento em que o encontro se apresenta. E acho que temos falado pouco sobre isto.

O risco da amizade

Cinira Arruda d’Alva
UNIFOR

bibliografia

Comitê invisível. Aos nossos amigos: crise e insurreição. Edições n-1, 2016.

palavras-chave

amizade, liberdade, micropolítica

Corpos na (da) cidade do Salvador: o olhar fotográfico de Pierre Verger como suporte de análise

Daiane Santana Santos
UFCG

bibliografia

FERNANDES, Ana. Faculdade de Arquitetura UFBA/CNPq. O EPUCS e a cidade do Salvador nos anos 40: urbanismo e interesse público.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: In: Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

VERGER, Pierre. Retratos da Bahia 1946 á 1952. Salvador: Corrupio, 1990.

ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/NOBEL, 2007.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia; tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

palavras-chave

fotografia, cidade, corpo

Os vestígios cotidianos dos corpos no palco, que é o espaço urbano, podem ser interpretados por meio de inúmeras fontes de pesquisas e documentos, uma delas é a fotografia. A fotografia para Sontag (2004) é experiência capturada, assim o fotógrafo francês Pierre Verger (1902-1996) ao chegar na cidade do Salvador em 1946 flagrou com sua Rolleiflex, cenas cotidianas de homens e mulheres, negros e mestiços, práticas e costumes emergentes do período, e, através das suas lentes visualizou-se resquícios de uma perspectiva de cidade. No livro/álbum Retratos da Bahia (1990) recriou a cidade das suas lembranças, a arquitetura barroca, os casarões, as ladeiras, as feiras, o porto e os saveiros, as ruas, os habitantes na diversão, no trabalho, no ócio, em rituais religiosos.

Diante do olhar fotográfico é possível analisar os corpos na (da) cidade, no momento no qual se buscava uma legitimação da “cidade ideal”, mediante a qual se pretendia estabelecer um combate a “cidade errada”. Identificou-se neste período pontos de inflexões, possibilidades de cidade em disputas, que saíram do campo das ideias para justificar as intervenções urbanísticas, não apenas no espaço privado, mas também no público e no modo de vida dos indivíduos. Assim, a proposta é compreender estes “corpos em transe”, a mobilidade dos sujeitos ordinários diante das fronteiras de poder, os choques das convicções elitistas e moralistas, com os costumes, práticas e as ressignificações do corpo da cidade e de seus habitantes perante os processos de homogeneização. Seguindo estas premissas, em uma crítica ao funcionalismo da cidade moderna, Foucault (1984) afirma que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio. De maneira que pontua a importância da heterotopia dos espaços, o “viver experiências para além do que está posto, ultrapassar os usos estabelecidos”, ou seja, são espaços de possibilidades, as feiras, os ritos, o porto, as ruas, o lugar onde os corpos se tocam, entrelaçam, subvertem.

Procuo pensar sobre o mover-se na cidade partindo do pressuposto de que o espaço público não é neutro, uma vez que uma axiomática de forças de poder encontra-se aí imbricada. Penso que repensar política hoje envolve a necessidade de reformular as relações entre movimento e espaço.

André Lepecki, em *Coreopolítica e Coreopolícia* (2012), escreve sobre a capacidade da dança de teorizar de forma mais imanente e menos metafórica sobre o contexto social em que se insere, sendo ela, a própria via capaz de atualizar em suas composições as linhas de força que compõem tal contexto.

A ideia de partitura, programa, procedimento está pulverizada nas artes de algumas maneiras. A prática, como um modo de conceber o processo, pode colaborar em uma tentativa de transformar o mundo (portanto, também a cidade) em um jogo que evidencia as contingências que o constituem. Nessa poética do acontecimento, a própria realidade se apresenta e é construída, a medida em que ela não é uma forma de reproduzir o mundo.

De que forma os procedimentos podem criar outras experiências de cidade? Fazendo com que esta não se apresente apenas como um conjunto duro de leis e edificações voltadas ao controle? Nossa relação com os lugares, a forma como movemos nossos pés pelo solo, deve poder conter espaço para a discórdia, o circunstancial, os questionamentos que são próprios do desejo. Os modos duros e agitados de movimento, característicos da cidade enquanto espetáculo e constitutivos de seu funcionamento como tal, criam uma relação entre política e chão praticamente imutável. Na ideia de procedimento, de programa, dentro do campo das artes, dizer e fazer são ações simultâneas. Essa forma faz fugir à representação, produz-se uma mudança no real. Ela fissura o automatismo do cotidiano, utilizando-se da própria repetição que acabamos fabricando em nós mesmo, mas fazendo passar de um maquinismo automático para um maquinismo vivo, autopoiesis.

Programa, procedimen- to, etc

Daniela Carvalho de Avellar
UFF

bibliografia

LEPECKI, André. *Coreopolítica coreopolícia*. In: *ILHA* v. 13, n. 1, p. 41-60, jan/jun. (2011) 2012.

palavras-chave

artes visuais, dança, cidade

O potencial político da relação entre arte e arquitetura a partir do trabalho com urbanografias

Elaine Cristina Maia Nascimento
UFSC

bibliografia

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIZZO, Iazana. A urgência ética e política de incorporar às práticas urbanísticas a idade

expressiva. Disponível em: <<http://www.3margem.com.br/conteudo/2017/2/14/a-urgencia-e-politica-de-incorporar-s-praticas-urbanisticas-a-cidade-expressiva>>, 2010.

SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

palavras-chave

arquitetura, arte, urbanografias

Proponho pensar o espaço construído para além do seu sentido funcional, mas imaginando que a composição das relações intersubjetivas estruturam uma malha paralela, constituída a partir do conjunto de afetos que se entrelaçam no espaço. Na medida em que movimentos de singularização encontram eco, entendendo aqui que singularização “trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser”. (GAUTTARI; ROLNIK, 1996, p.45), os afetos passam a circular de maneira diferente, reestruturando essa malha afetiva e, conseqüentemente o próprio espaço. O circuito desses afetos possui uma potência essencial dentro da definição do ser político, assim como das formações sociais, formas de existência e como do próprio corpo enquanto veículo de circulação dos afetos e de composição dos circuitos (SAFATLE, 2016). Ao mesmo tempo em que a articulação entre tempo e corpo significa o próprio movimento que compõe o espaço, além de ser propriamente definido pela sua materialidade, esse espaço existe a partir das práticas executadas nele ou de como tais circuitos reverberam nos corpos que se movimentam e se relacionam ali. O espaço arquitetônico-urbano acontece a partir do momento em que a ação e os afetos são construídos, da mesma forma que, para a construção dessas ações e afetos, o suporte material arquitetônico-urbano é necessário, aparecendo como produtor parcial de subjetividades (GUIZZO, 2010). A partir de tais considerações proponho urbanografias: cartografias de ações e afetos no espaço arquitetônico e urbano, realizadas através da arte. A partir do momento em que se propõe a experienciar tais cartografias, ele/a coloca em questão o eu-político desse ser, onde olhar o espaço através da composição artística nos leva à política dos afetos em construção, assim como às micropolíticas (GUATTARI; ROLNIK, 1996) que constituem os conflitos desse espaço.

De Juazeiro do Norte a Salvador e de Salvador a Juazeiro do Norte (JDO/SSA/JDO). Da cidade religiosa à cidade turística. Do sertão ao litoral. Movimentos caririenses adentrando espaços soteropolitanos. Assim, propomos partilhar a experiência da disciplina livre Corpo e Cidade, a ser realizada nos meses de outubro e novembro de 2018, na cidade de Juazeiro do Norte, a partir de trajetórias de chegadas e partidas em espaços urbanos de trânsito e convivência, como rodoviária, giradouro, mercado popular, praça do centro, dentre outros, com destaque para o Horto, onde se encontra a estátua do Padre Cicero. Faz parte dessa proposta o projeto de iniciação científica Comunicação urbana e visual em Juazeiro do Norte, desenvolvido pela professora Elane Abreu, de agosto de 2017 a julho de 2018. Nesta pesquisa, a cidade foi investigada como comunicação corpovisual, o que possibilitou identificar e mapear produções visuais midiáticas e artísticas enquanto imagens da cidade. A observação das inscrições da cidade nas imagens e a experiência inscrita no corpo a partir da interação com a cidade investigada levaram à aproximação com a ideia de “corpografia” (BRITTO e JACQUES, 2008), compreendida de forma expandida enquanto “corpografia visual”. Nesta proposta para o Corpocidade, engajados na atualização crítica que o evento provoca, trabalharemos as imagens da cidade de Juazeiro do Norte como dispositivos de presenças e emergências na cidade de Salvador no formato de lambes. Cada imagem como fissura, dobra, tensão, diálogo, aproximação. Traçaremos uma rota que será levada para a capital baiana e, nela, incorporada. De volta, vamos trazer imagens de Salvador para fissurar, dobrar, tensionar, dialogar, aproximar com Juazeiro do Norte. Busca-se, assim, relacionar as distintas formas de ver, representar e experimentar a cidade, sejam elas icônicas, fotográficas ou artísticas (arte urbana), por um viés comunicacional.

JDO/SSA/ JDO

**Elane Abreu de Oliveira e Joubert de
Albuquerque Arrais**
UFCA

bibliografia

BRITTO, F. D. E.; JACQUES, PB. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU/UFBA, Salvador, v.7, 2008.

palavras-chave

cidade, corpo, imagem

Encarnações do visual: metalinguagem e metaimagem urbana na fotografia de Euvaldo Macedo Filho

Elson de Assis Rabelo
UNIVASF

bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. Estâncias. A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Humanitas, 2007.

BELTING, Hans. Antropologia da imagem. Lisboa: KKYM; EAUM, 2014.

DUBOIS, Philippe. Da imagem-traço à imagem-ficção: O movimento das teorias da fotografia de 1980 aos nossos dias. Discursos fotográficos. Londrina, v. 13, n. 22, p. 31-51, jan./jul. 2017.

ROUILLÉ, André. A fotografia entre documento e arte contemporânea. Trad. Constância Egrejas. São Paulo: SENAC, 2009.

palavras-chave

fotografia documental, espaços, corpo

Essa proposição pretende trazer resultados de análise de um recorte de imagens produzidas pelo fotógrafo juazeirense Euvaldo Macedo Filho, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a partir do trabalho investigativo que levou o fotógrafo a diferentes espaços do sertão nordestino. Essas fotos dão a ver o corpo-a-corpo entre indivíduos e os textos e imagens que povoavam os espaços urbanos.

Para um artista que trabalhava em duas frentes criativas – a poesia e a fotografia –, a percepção de uma multiplicidade de outros textos em suportes urbanos vernaculares deslocava a noção de arte, que já vinha sendo questionada pelo ingresso da fotografia na arte contemporânea. Se os trabalhos em fotografia documental e experimental demarcavam um lugar social de autoria, potente de realização de alianças comunicacionais e estéticas, e se a poesia concreta havia ensinado a Euvaldo Macedo a importante fissura da palavra escrita, também nos textos e imagens feitos por anônimos o artista encontrava signos preñes de sentido, que serviam a enquadramentos inusitados.

A figuração dos corpos e rostos humanos problematiza os usos das imagens nas trajetórias de pescadores, feirantes, lavadeiras, crianças e idosos, tornando-as imagens quase-sujeitos, fazendo-as conotar a transformação das cidades interioranas, pela incorporação das referências da publicidade, da televisão, da fotografia lambe-lambe, que passavam a compor o tecido dos espaços urbanos juntamente com a arquitetura portuária de Juazeiro e as feiras.

Esse trabalho fotográfico tem ainda a marca inelutável da memória, destacando o lugar da fotografia na produção dos espaços e nos seus usos. Ao terem sido capturadas na iminência temporal da Barragem de Sobradinho e da consequente inundação de grandes porções territoriais, tais fotos ressurgem no presente dando um caráter arqueológico a essas camadas de enunciados, como vestígios de interações entre corpos e espaços inexistentes.

Em junho de 2013 manifestações de magnitudes significativas tomam ruas e praças de diferentes cidades brasileiras. Inicialmente, se caracterizaram por protestos contra os aumentos nas passagens de ônibus nos transportes coletivos na cidade de São Paulo, e convocadas pelo Movimento Passe Livre. Após uma forte repressão policial contra aqueles/as manifestantes, uma onda de protestos em solidariedade aos/as atingidos/as pela violência, pelo direito à livre manifestação e contra os reajustes tarifários são convocados em outras cidades simultaneamente, transformando-se em uma grande revolta popular comparada ao Caras Pintadas (92) e ao Diretas Já (83-84). Ao ganharem grande adesão, as manifestações passam a ser alvo de disputas pelos grandes meios de comunicação, pelo Estado, pela direita e esquerda nacional, levando o movimento a sofrer mutações inesperadas. A presente proposição pretende analisar as manifestações de junho de 2013, partindo de um recorte espacial e temporal das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, nas datas de 1 à 30 de junho de 2013. Utilizo como fontes notícias emitidas pelos meios de comunicação hegemônicos e independentes, além de notas oriundas de agentes internos aos acontecimentos, com o intuito de realizar a reconstituição dos acontecimentos. Em seguida, busca-se efetuar o mapeamento dos distintos discursos que compunham as manifestações de junho de 2013, compreendendo os diferentes efeitos daqueles agentes que se manifestavam e constituíam o fenômeno em questão. Através de uma breve análise de discurso genealógica, pretende-se evidenciar mutações do fenômeno, problematizando questões emergentes no acontecimento. Por fim, será feito um debate teórico, propondo pensar as problemáticas encontradas com as autoras Hannah Arendt e Judith Butler. Outrossim, o trabalho pretende investigar novas formas de se fazer política, buscando novas formas de se pensar a própria política, partindo da análise de fenômenos recentes.

As Manifestações de Junho de 2013: pensando a Ação Política com Arendt e Butler

Emerson Nogueira de Lima Macedo
UFPR

bibliografia

Arendt, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

Butler, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

Chauí, Marilena. As manifestações de junho de 2013 em São Paulo. Teoria e Debate, edição 113 - São Paulo, 27/06/2013

Judensnaider, Elena; Lima, Luciana; Pomar, Marcelo; Ortellado, Pablo. Vinte Centavos: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013

palavras-chave

teoria política, filosofia contemporânea, movimentos sociais

Arquiteturas para vestir: hábitos habitáveis e o corpo expressivo na cidade

Emiliano Alves de Freitas Nogueira
UFG

bibliografia

BAUDRILLARD, J. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2006.

palavras-chave

corpo, performatividade, ensino aprendizagem

Entendendo a arquitetura e urbanismo como um campo ampliando, em que a prática do ato de projetar passa pela experiência da modelagem espacial e o vínculo entre cidade e pessoas, a proposta dos Hábitos Habitáveis busca investigar através de modelos formais as relações entre corpo, arquitetura e cidade. O projeto Hábitos Habitáveis foi realizado em três edições (2016, 2017 e 2018), enquanto prática pedagógica na disciplina Oficina de Expressão e Representação III, com os alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiás. A proposta consistiu na construção de arquiteturas para vestir, em que o corpo é a medida direta para o espaço, e posteriormente a realização de uma performance no espaço urbano da cidade de Goiás. Para isso, os estudantes foram desafiados a trabalhar com materiais em chapas (2016 e 2017 com EVA e em 2018 com papelão), criando arquiteturas que se adaptavam aos seus corpos. Os protótipos criados discutem a arquitetura enquanto experiência sensível, que não se faz somente pelas dimensões geométricas, mas também pela experiência espacial de quem a habita, e a relação que essas arquiteturas de vestir instigam a desfilar no espaço público, dando singularidades aos corpos que habitam os Hábitos Habitáveis. A performance feita nas ruas da Cidade de Goiás consiste em uma caminhada em que os estudantes usando os Hábitos Habitáveis pretendem fomentar a discussão sobre o corpo extra-cotidiano enquanto articulador de paisagens e a paisagem enquanto configuração de corporalidades. As ações propostas em Hábitos Habitáveis, tal quais os hábitos místicos utilizados por determinados grupos religiosos no dia-a-dia ou em ocasiões festivas, buscaram instaurar na paisagem uma teatralidade, evidenciado o contraste e estimulando a percepção espacial. Corpos que ocupam, manifestam, pulsam, dançam, relacionam, apropriam com/na paisagem.

A presente proposição tece algumas questões a partir dos atravessamentos entre morte e cidade no contemporâneo, considerando a morte um vetor de subjetivação dos corpos na cidade.

Entendemos a cidade como uma multiplicidade de forças, ou uma trama política de vetores em tensionamento, a partir da qual as formas de vida emergem, se desformam e se transformam num processo de subjetivação dos corpos. Um desses vetores, Foucault (1984/1988) nomeia de biopoder, destacando sua incidência sobre a vida. Num duplo mecanismo, de um lado articulando fluxos disciplinares que adestram os corpos individuais e, de outro, fluxos biopolíticos que investem o corpo espécie da população, o biopoder faz viver as formas de vida economicamente úteis e politicamente dóceis à ordem urbana e industrial das sociedades capitalísticas ocidentais. Embora seja esse um vetor de cultivo da vida, isso não impediu que, no bojo do biopoder, talvez nunca se tenha notado um cultivo tão grande da morte.

É nesse sentido que a morte se apresenta como um vetor de subjetivação na trama de forças políticas da cidade, a partir do que Mbembe (2003) se refere como necropoder. O autor destaca um vetor cujo alvo é a produção da morte: tanto a morte de determinadas vidas – de corpos matáveis de indivíduos e de populações –, quanto a mortificação das formas de vida em uma sobrevida, conferindo aos corpos da cidade o status de mortos vivos. Nessa política da morte, os corpos alvos são aqueles que ameaçam a ordem urbana, cabendo questionar: que ordem urbana é essa que se quer preservar fazendo incidir a morte e como essa política da morte incide diferentemente nos corpos da cidade?

Nessa proposição, entendemos que também é tarefa para nosso tempo colocar em questão os limites desse necropoder, a fim de que se torne possível pensar um outro atravessamento da morte – de uma morte já distante da mortificação, e mais próxima do perecimento como condição para uma transformação da relação entre corpo e cidade.

Sobre os atravessamentos entre morte e cidade no contemporâneo

Fabrcio Martins Pinto e Alana Araujo
Corrêa Simões
UFF

bibliografia

FOUCAULT, Michel. (1984). História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

MBEMBE, Achille. (2003). Necropolitics. Public Culture. Durham (NC), v.15, n.1, p. 11-40, 2003.

palavras-chave

biopoder, necropoder, cidade

Plantação de Bananeira: danças imediadas na escola pública

Felipe Ferreira Ferro
UDESC

bibliografia

MANCINI, Bianca Scliar. Anotações sobre pedagogias radicais. Nupeart Revista, Vol. 16, 2016, p. 11 – 21.

MANNING, Erin. Proposições para uma Pedagogia Radical, ou como repensar valores (Tradução Bianca Scliar Mancini). Nupeart Revista, Vol. 16, 2016, p. 11-21. Original <http://www.inflexions.org/radicalpedagogy/main.html#Manning>

MASSUMI, Brian. A arte do corpo relacional: do espelho-tátil ao corpo virtual. São Paulo: Galaxia, n.31, p. 05-21, abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016126462>

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição - Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018

palavras-chave

imediação, improvisação, dança

A proposição <<<Plantação de Bananeira>>> é um estudo com atenção à prática de improvisação em dança que tem apetite por pedagogias radicais, por arte relacional e por performances da atenção. Além disso, a ação de plantar bananeira abre caminho para a investigação de modos de participação e condução de processos criativos. Este projeto é co-movido por: o que é a imediação em um processo de estudo da dança?

Imediação pode ser o caminho para o sensível e a polifonia dos afetos engendrados na experiência. Ou, situações onde a diversidade vigora e nos convida a criar a partir dela, ao invés de reiterar os parâmetros reguladores inerentes ao regime normativo da instituição escolar.

Criar campos para o estudo da dança em sua verve relacional e atual para que possamos nos conectar com potencias ainda não atualizadas, com mundos novos conectados com um passado terráqueo, com a vida na qual gostaríamos de estar coletivamente. <<<Plantar Bananeira>>> é uma proposição de reativação do ânimo para que a vida se crie em terrenos de diversidade.

Entre ruídos e correrias, as cidades contemporâneas são habitadas por imagens nos convidam a pensar e provocam sensações outras, que percorrem nosso corpo – são nosso próprio corpo. Ao pensar andando, acompanhamos a cena do graffiti pelo centro da cidade de Vitória-ES e forjamos planos a partir das ferramentas propostas pela Filosofia da Diferença com Deleuze e Guattari. Plano um: um duplo. Double-face (ROLNIK, 2016). O plano um é duplo: é atravessado concomitantemente pela segmentaridade molar e molecular (DELEUZE; GUATTARI, 1996). É molar porque é um projeto. É molecular porque é flexível, compõe com um plano dois. Acompanhando as cores e colas pelos muros da cidade nossa pele também é cortada. As tintas-histórias coloreem nossa vida nesse encontro com as subversivas imagens urbanas e seus afetos. Como as imagens dos rolês promovem sensações que agenciam novos modos de ser/estar na cidade. Pensamos se as palavras e imagens que habitam a cidade (em resistência) são máquinas de inventar vida. Como pode a história de uma rua ser (re)contada pelas suas tintas? Como a história da cidade pode transmutar em outras? Que ferramentas podem nos ajudar a captar isso? Com um corpo vibrátil, ensaiamos uma metodologia em 3D. Interessa-nos os deslocamentos. Imagens deslocadas. Para entrar nesta dimensão não precisamos de óculos especiais. A olho nu talvez pareçam sujas, sem sentido – entretanto são os defeitos que nos move nas ruas. Três “dês”: Delirar, Deslocar e (Des)começar. Desobedecemos (GROS, 2018) a metodologia dura e a forçamos a se recurvar, criando novos compromissos (MACHADO, 2008). Os rolês deslocaram os cartógrafos. Nossos corpos em territórios da diferença que escrevem histórias na companhia da bricolagem (descomeçar) e do biografema de Barthes (delirar). Plano dois: corpos em territórios do risco. Em meio ao caos da cidade uma nebulosa de afetos se aproxima. Com elas uma onda fascista se anuncia. Estamos em guerra (PÉLBART, 2017). Que plano é esse?

Imagens que cortam a pele da cidade: um rolê pelo graffiti

Fernando Luiz do Nascimento e Carlos Alberto Del Carro Júnior
UFES

bibliografia

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GROS, Frédéric. Desobedecer. São Paulo: Ubu, 2018.

MACHADO, Leila Domingues. Imagens da subjetividade. Informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 47-55, 2008.

PÉLBART, Peter. Estamos em Guerra. In: N-1 edições (ed). Pandemia (cordéis). São Paulo: N-1 edições, 2017.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre, Sulina, 2016.

palavras-chave

graffiti, cidade, afetos

Horizontes Sensíveis

Gabriela Castro Sad

bibliografia

DELEUZE, G; GUATTARI, F. “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia”. São Paulo: Editora 34, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “O olho e o espírito”. São Paulo: CosacNaify, 2013.

NOVAES, A. “O Homem-máquina - a Ciência Manipula o Corpo”. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PALLASMAA, Juhani. “Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos”. Porto Alegre: Bookman, 2013.

SCHULZ, Norberg. “O Fenômeno do Lugar” In: Uma Nova Agenda para a Arquitetura; NESBITT, Kate (org). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

palavras-chave

corpo, arquitetura, horizonte

Qual a relação entre o corpo humano e a arquitetura? Como explorar seus limites?

Frente à polissemia do termo, friso que o corpo que desejo explorar está para além do conceito abstrato, pertencendo à dimensão sensível, consciente e inconsciente do ser humano.

Ao longo da história, o corpo humano foi sucessivas vezes ressignificado pela arte e arquitetura assim como as ressignificou: desde a concepção clássica do corpo como exemplo da perfeição, com seus eixos de simetria e noções de parte e todo, passando pelo ideal moderno no modular corbusiano, e os questionamentos da arquitetura pós-moderna em prol de um desprendimento de regras de composição formal.

Ao mesmo tempo, no campo da filosofia, a fenomenologia de Merleau-Ponty aprofundou-se acerca das percepções do corpo, revalorizando a experiência sensorial, em contrapartida ao maquinismo e automatização do gesto do fim do XIX. Adiante, o pós-estruturalismo de Foucault problematizou as políticas do corpo e o corpo utópico, enquanto Deleuze e Guattari produziram as máquinas desejantes e o corpo sem órgãos.

Tanto as pesquisas sobre corpo quanto o corpo em si (que pesquisa e que é pesquisado) estão em constante transformação e experimentação.

Qual o limite do corpo? Qual o limite da arquitetura? Quando a arquitetura é um limite? Quando a experiência na arquitetura contribui para a diluição de limites? Como ampliar as percepções e sensações do corpo humano na experiência da arquitetura?

Esse conjunto de questões, e a complexidade das discussões atuais me levaram a buscar um possível fio condutor da pesquisa: o horizonte surge como limite, como fim, mas também como começo, infinito.

Para além do naturalizado horizonte como encontro entre céu e mar, o intuito é refletir sobre horizontes outros, sensíveis, imaginários, finitos e infinitos.

As violências cotidianas que as mulheres negras sofrem diariamente nesse país são incontáveis. E o gosto amargo que essas violências micropolíticas deixam é de não poder fazer nada. O amargor da impotência diante dessas situações está sempre presente para nós mulheres negras, nós não podemos contar com nenhuma política pública que de fato efetive um amparo nessas situações de vulnerabilidade. Pelo contrário, essas políticas ditas públicas muitas vezes são veículos que reforçam essas marcas de violência em nossos corpos pretos femininos. ditas públicas muitas vezes são veículos que reforçam essas marcas de violência em nossos corpos pretos femininos. A pesquisa, portanto, pretende estudar o fenômeno de sobreposição de violências tendo como plano analítico a interseccionalidade da discriminação de gênero, raça e classe no processo de marginalização da mulher negra, para analisar de que forma esse fenômeno está institucionalizado dentro e fora das políticas públicas. Todo o trabalho é para poder ampliar o que denominamos violência e com base nisso construir novas possibilidades de resistência e combate a essa necropolítica (MBEMBE, 2018), e pensar o que devemos fazer para tornar as políticas de fato públicas e construir outras que atendam as especificidades de nossos corpos negros femininos.

Interseccionalidade das violências contra as mulheres negras dentro e fora das políticas públicas

Gabriela Silva Neves
UFES

bibliografia

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero. Unifem, Brasília, 2004.

DAVIS, A. Y. Mulheres, raça e classe. 1ª ed, São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. Y. Mulheres, cultura e política. 1ª ed, São Paulo: Boitempo, 2016.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1, 2018.

palavras-chave

interseccionalidade, violência, feminismo negro

Coautoria Urbana: embates entre corpo e cidade-imagem através do camelô Ademar

Gabrielle Queiroz da Rocha
UFRJ

bibliografia

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto. 2017.

HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Arqtextos, São Paulo, ano 10, n. 110.02, Vitruvius, jul. 2009

JÁUREGUI, Jorge Mario. “La ciudad en devenir: economías informales / espacios efímeros” in Post-it City. Ciudades Ocasionales. Barcelona: CCCB, 2008.

RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas. Belo Horizonte: Crisálida. 2007

palavras-chave

coautoria urbana, camelô, corpo

A pesquisa Coautoria Urbana busca a compreensão sobre como certos seres/grupos criam novas cidades através da reversão do uso originalmente proposto para a mesma. O estudo tem como base o confronto entre o corpo (coautor urbano) e a cidade-imagem, e como um transforma o outro de forma que, articulados entre si, geram novas apropriações, controles e territórios dentro da cidade, e novas formas de exercer a cidadania.

Assim, foi observada a coautoria urbana pelos corpos no Rio de Janeiro partindo de pontos de vista de personagens reais que possuem diferentes relações físicas, históricas e sociais com a região portuária. Um deles é Ademar, o camelô da Travessa do Liceu, que trabalha ali há 40 anos. Através da mercantilização do espaço, seus olhos viram grandes modificações urbanas, sendo mais significativa a promovida para os jogos olímpicos, que levou à remoção do box dele e de outros camelôs como limpeza visual, deixando-os sem local de trabalho. Entretanto, a conexão de Ademar com os espaços físico e social da Travessa e toda história construída foram maiores que a destruição material. Ele continuou no local utilizando um tableiro pendurado em seu pescoço. Após os jogos nada foi feito, possibilitando nova ocupação dos camelôs e Ademar conseguiu remontar seu ponto. No momento posterior à remoção do box, o corpo de Ademar era o instrumento para criação do espaço, sua forma de resistência e persistência. Agora ele expande e cria o espaço através de equipamentos mas sua figura, cartão de visitas do corpo, se mostra fundamental para o sucesso do negócio. O corpo é raiz da resistência.

Dessa forma, pelo anseio no (re)conhecer a si mesmo no meio urbano através de seu corpo, unido ao saber científico, pode-se questionar o papel do urbanista que, ao explorar e sentir a cidade, entender quem, onde, como e por que ocupa, retira a noção de cidade de um patamar desumanizado e a coloca consigo no mesmo nível, produzindo-a para os corpos que a habitam, compartilhando sua autoria.

A partir da cartografia corporal da cidade (Corpografia), do artista Ricardo Alvarenga, em sua ação direta denominada Jesus 3:30pm – One Year Performance, no fito de entender a micropolítica dos afetos, do desejo, do cotidiano e das resistências moleculares incursas em seu fazer, aventuro conceber a noção de corpo-na-rua, por meio de analogias em uma trama teórico-filosófica. Esta pesquisa compõe a minha dissert[ação] de Mestrado em Comunicação, Arte e Memória (UFRB), na qual me utilizo de uma seleção de foto-performances do Ricardo para refletir sobre a potência comunicacional provinda da alteridade entre um corpo que traceja lugar e um espaço corporado, numa experiência de si que deságua na criação de cidades subjetivas. Aposto na corpografia como caminho metodológico para tornar inteligível os contornos conceituais do que chamo corpo-na-rua – objetivo central desta investigação.

Jesus 3:30pm – One Year Performance, é um acontecimento esquivo de categorizações. O artista Ricardo Alvarenga se vestiu de Jesus todos os dias, sempre às 3:30h (horário em que Cristo morreu e em que o artista nasceu) e peregrinou pelas ruas da cidade de Salvador. Desta intervenção messiânica nasceram 365 foto-performances, das quais algumas foram utilizadas como composição analítica enredada a uma elucubração filosófica.

A ideia de corpo-na-rua, apetece, sobretudo, a diluição irreversível do corpo na rua e da rua no corpo, seu caráter fusional, que irrompe o concreto pelo sensível (o corpo, com suas sensorialidades, transforma o lugar), e o sensível pelo concreto (o espaço, seus campos, traços e territórios, delimitam as maneiras de existir dos corpos). A corpografia do Ricardo me afeta a lançar mão de um conceito capaz de abarcar muitos outros sujeitos, fenômenos, presenças, modos de existir, auto-poiesis. O corpo-na-rua anela pensar o corpo que é pele do mundo.

Corpo-na- rua: a micropolítica na corpografia de ricardo alvarenga

Hanna Rodrigues
UFRB - UEFS

bibliografia

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. Revista Vitruvius – Seção Arquitexto – 093.07. São Paulo, 2008.

HEIDEGGER, M. Observações sobre arte - Escultura – Espaço. In Revista Arteefilosofia, n. 5. Ouro Preto: Tessitura, 2008.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

palavras-chave

corpo-na-rua, corpografia, micropolítica

Corpos em aliança e atos políticos-performativos: o “Poetry Slam” por uma vida que possa ser vivida

Harrison Lucas Rocha de Freitas e
João Henrique de Sousa Santos
UNA - UFMG

bibliografia

AGAMBEN, G. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010.

BUTLER, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

palavras-chave

batalha de poesia,
performatividade, juventudes

O presente trabalho tem como objetivo pensar as práticas performativas de um movimento coletivo denominado Poetry Slam, desenvolvidas nos espaços da cidade, enquanto estratégias de insurgência e resistência produzidas pelos corpos periféricos no cenário brasileiro, frente às constantes violações que, não raramente, subjagam as vidas periféricas ao poder do deixar morrer. Como assinala Mbembe (2018), as novas tecnologias de poder sobre a vida estão menos preocupadas com a disciplina e mais atentas aos massacres (vide genocídio da juventude negra). Frente a isso, o Poetry Slam aparece como uma possibilidade de união dos corpos nos diversos espaços da cidade exercitando, como aponta Butler (2018, p.17), “o direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político”. Entende-se o Slam como um movimento de batalha de poesia entre jovens que recitam textos autorais, conhecida também como spoken word (poesia falada). Com início na década de 80 nos Estados Unidos, o movimento vem ganhando repercussão no Brasil desde 2008, em especial nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (capitais da região sudeste), ocupando ruas, teatros, centros culturais e praças, com ênfase na expressão de questões que marcam as periferias das cidades. Verifica-se que a ocupação dos espaços públicos por sujeitos que são marginalizados pela sociedade e pelo Estado tem se mostrado um ato político que marca uma prática insurgente de denúncia, reivindicação, resistência e ocupação. Como um ato político-performativo, a linguagem é posta como uma forma de ação, um caminho que percorre o verso corporificado pela voz do slammer até a atitude do corpo que veicula a mensagem dos versos. Os versos apontam que o corpo vivo, em sua potência, surge como o principal vetor de resistência.

Proponho apresentar a experiência da Gaymada. A Gaymada é uma intervenção cênica-poética-performativa realizada pelo coletivo belo-horizontino Toda Deseo. Ela propõe um retorno ao jogo/brincadeira da queimada para rearticular práticas de gênero e sexualidade nas cidades. O coletivo é composto por artistas mineiros que visam construir um espaço onde as vidas que desviem da heteronormia sejam possíveis. O primeiro evento foi realizado em 2015 na Praça Floriano Peixoto, região centro-sul de Belo Horizonte, durante o “Chá das Primas”. Integrantes do coletivo Toda Deseo disseram, à época do evento, que a ideia era brincar com o imaginário comum de que a queimada seria um jogo de “criança viada”. Assim, montadas, coloridas e alegres as “primas” convidavam as pessoas LGBTQI’s para se juntarem à grande festa que se torna essa performance, saírem da noite e de seus esconderijos para ocuparem a cidade em plena luz do dia. Desde então, a Gaymada tornou-se um evento muito importante na cena artística da cidade, tendo realizado mais de vinte edições em Belo Horizonte, além de edições em Ouro Preto, Rio de Janeiro e Curitiba.

Visando recuperar essa trajetória, da qual fiz parte em algumas de suas edições, convidei o coletivo Toda Deseo, através do Davidson Maurity, integrante do coletivo, a responderem minhas perguntas e inquietações sobre as experiências que eles partilham através da Gaymada. O convite foi aceito e as respostas partilhadas servem de base para este ensaio que se propõe a pensar a Gaymada enquanto uma linguagem que escapa às suas tentativas de apreensão e rearticula a tecitura social e espacial em sua própria prática desobediente. O teatro, a poesia e a performance se entrecruzam em uma experiência sempre aberta da Gaymada.

Gaymada: corpos, cidade e performatividade

Igor Campos Viana
UFMG

bibliografia

BUTLER, Judith. *Precarious Life*. New York: Verso, 2004.

BUTLER, Judith. *O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault*. Trad.: Gustavo Hessmann Dalaqua. São Paulo: Cadernos de Ética e Filosofia Política USP, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Trad.: Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

palavras-chave

performatividade, corpo, cidade

Intervenção urbana rede social

Israel Campos Oliveira Souza
UFSJ

bibliografia

GUARNACCIA, Matteo. Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad Livros, 2003.

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana / Henri Lefebvre, tradução de Sergio Martins - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MASI, Domenico de. O Ócio Criativo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

ZILIO, Carlos. Da Antropofagia à Tropicália. São Paulo: Brasiliense, 1982.

palavras-chave

intervenção, afetividade, urbanidade, educomunicação, arte

A Rede Social é uma intervenção e instalação urbana que convida transeuntes a se envolverem e participar da vivência. O objetivo é trazer o deslocamento dos participantes para uma interação que modifique sua percepção espacial e temporal. Assim como o artista Hélio Oiticica (1982) propunha em seus “impenetráveis”, a Rede Social visa se apropriar da rua e nos convida a questionar os espaços públicos e nossas interações humanas nesses territórios. As diversas atuações e experiências que a Rede Social provoca tem suas especificidades: em suas variadas edições, cada instalação compõe de objetos de socialização diferentes. Às vezes é possível ter livros de poesia, instrumentos musicais, som mecânico, jogos e entre outros dispositivos de sociabilidade. A proposta das redes é uma plataforma inicial e aberta que dialoga com a imprevisibilidade da paisagem urbana e das condições materiais e humanas para a sua realização.

Segundo Lefebvre (1999) “o urbano reduz-se ao industrial. A cegueira, o não ver, o não saber, implicam uma ideologia”. Sob a luz de Lefebvre a Rede Social se baseia no happening, visa impactar seus participantes e repensar as estruturas virtuais que o urbano industrial nos provoca devido a suas arquiteturas capitalistas. Na Rede Social, pedestres são convidados à ingressarem e se envolver com quem está presente na instalação. A proposta ganha sentido a partir do momento que há pessoas estabelecendo relacionamentos. Além dos contatos, os participantes têm a oportunidade de trocar suas experiências de vida e colocar corpos em contato verbal e/ou físico.

A obra tem o intuito de criar um ambiente afetivo, transformando calçadas e canteiros centrais em um tempo/espaço de ócio e de encontros. É o desfrute de uma rede em um espaço não convencional para descanso/lazer. Ela propõe segundo De Masi (2000) nos convidar a pensar o tempo espaço na era “pós-industrial” através do seu conceito do Ócio criativo.

O presente artigo pretende fazer uma breve revisão bibliográfica dos debates sobre gênero, corpo e sexualidade dentro do campo teórico da arquitetura e do urbanismo, no Brasil e no mundo. Para tanto percorremos cerca de duzentos artigos de diversas bases que nos possibilitaram um estudo quantitativo e qualitativo de como se estruturaram esses debates no seio de nossa disciplina. Vamos analisar o desenvolvimento das quatro principais narrativas sobre o tema, quer sejam: a perspectiva de gênero no planejamento urbano, corpo e cidade; domesticidade e cultura material; revisões historiográficas a partir da atuação de mulheres arquitetas e urbanistas, e sua presença no campo profissional; e debates emergentes de corpo e sexualidade na teoria arquitetônica e urbanística. Foi possível identificar que apenas os três primeiros temas têm tido maior relevo nos debates nacionais, sendo o último o menos estudado e debatido, aqui e no mundo. Por fim importa justificar o arco temporal do estudo. Tendo como marco inicial o ano de 1968, quando então se inaugura tanto a segunda onda feminista como importantes levantes da comunidade LGBTI e negra contra os sistemas de opressão, a pesquisa chega aos dias atuais. Percebe a série de ressonâncias naqueles anos 1960 hoje, quando questões como o gênero e raça ganham notória centralidade nos debates acadêmicos e também da cultura da sociedade contemporânea.

Corpo, sexualidade e gênero: uma perspectiva histórica a partir da teoria arquitetônica

Jaime Solares
USP

bibliografia

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014.

HEYNEN, Hilde; BAYDAR, Gülsüm (ed.). Negotiating Domesticity: spatial productions of gender in modern architecture. Londres: Routledge, 2005.

KUHLMANN, Dörte. Gender Studies in Architecture: Space, Power and Difference. Londres: Routledge, 2013.

WILLIAMS, Richard J. Sex and buildings: modern architecture and the sexual revolution. Londres: Reaktion Books, 2013.

palavras-chave

espaço e gênero, teoria arquitetônica, espaço e corpo

Um pontinho na cidade: igual um corpo feminino dançante

Janaina Bruna Dos Santos Moreira
UFPEL

bibliografia

ALLEMAND, Débora Souto, et al. Passeios dançantes nas ruas de pelotas: preparando-se para o desconhecido. *Cena*, Porto Alegre, n.21 p. 5- 12, ano da publicação. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/67463/3974>. Acesso em 22 ago. 2018.

EREA SATOLEP 18. Temática. Disponível em: <https://ereasatolep18.wixsite.com/ereasatolep/tematica> Acesso em: 22 ago. 2018.

Incômodas Imposições - Caminhos da Dança na Rua. Acessado em 22 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://vimeo.com/223695548>

palavras-chave

dança, performance, corpo

Estou no último semestre de Dança na Ufpel, minha pesquisa (TCC) é teórico/prática e tem o nome de “Testemunhos Satolepianos: criar em dança a partir dos discursos sobre violência contra o gênero feminino”, que é uma pesquisa voltada para a criação em dança a partir das minhas vivências, e do cruzamento das vidas das mulheres com a minha, abordando também a questão da influência da cidade. A partir das oportunidades que tive na graduação em dança, fiquei/estou ligada ao espaço urbano, a rua, e querer criar nele, querer apropriar e ressignificar esse espaço, dar visibilidade. “Um lugar de experimentação, de abertura para que o movimento surja a partir da relação do corpo no espaço e não a partir de concepções de movimentos prévios àquele local. Um lugar que muda constantemente [...] (ALLEMAND et al., 2017, p. 8). Ainda mais pensando no contexto sobre ser mulher nesse espaço.

A cena contemporânea tem diversificado cada vez mais seus modos de construção estética, e através deles, as barreiras que separavam as artes cênicas das artes visuais têm se diluído. O uso de tecnologias audiovisuais no teatro ou de encenações para a fotografia, por exemplo, mostram como essas maneiras de produzir se entrelaçam atualmente. Neste contexto, cabe levantar alguns argumentos acerca do uso da performatividade na obra Lugar de Inexistência¹, de minha autoria. A imagem fotográfica é entendida e utilizada aqui como algo múltiplo, onde há espaço para diversas manipulações que permitem uma reinterpretação da realidade. Ou seja, na imagem é preservada a realidade da coisa que está sendo mostrada, mas seu tema é conceitualmente alterado (COTTON, 2010). A relação que o corpo apresentado na imagem estabelece com a paisagem ou com o espaço onde está localizado seria o que podemos chamar de cenografia ou visualidade da cena fotografada. Os elementos dessa visualidade podem se apresentar por meio de poses, escolha do ambiente, uso de máscaras, indumentária ou demais artefatos estéticos que contribuam para a composição da fotografia. Acreditamos que há um deslocamento do olhar cotidiano através de aspectos que são próprios da performatividade (FERÁL, 2008), desta maneira, quando esses elementos são levados para a fotografia entra em desdobramento a noção de estranhamento, uma diluição das barreiras físicas e imaginárias, a imagem foge do lugar comum da corporeidade diária, o espaço é ressignificado, e o espectador se vê diante de um real recriado. Desta maneira, aquele que se coloca diante da imagem é capaz de criar sua própria significância, pois esta não está dada, mas proposta para uma relação com a imagem do outro, num jogo constante de forças (BARTHES, 2015).

¹ Link de acesso a obra Lugar de Inexistência <<https://www.jessicalemos.com/lugar-de-inexistencia-in-process?lightbox=dataltem-j14xts8a1>> Acesso em 29 de outubro de 2019.

Corpo, espaço e performatividade na fotografia

Jessica Lemos
UFSJ

bibliografia

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FÉRAL, Josette. Por uma poética da performatividade: o teatro performativo. Sala Preta. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Eca/USP, São Paulo, n. 8, 2008.

palavras-chave

fotografia, performatividade, imagem

As movi- mentações punks na cidade de São Paulo e a narrativa do caos

João Augusto Neves Pires
UNICAMP

bibliografia

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e(Res)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Edunicamp, 2004.

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Páginas aberta, 1994.

CALDEIRA, T. Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2000.

CAMUS, Albert. O homem revoltado. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFUBA, 2014.

palavras-chave

São Paulo, ressentimento, performances punk

A cada passo na cidade, do longo trecho que separava as periferias do centro, os punks, por distintas formas, (re)escreviam trajetos e imprimiam desejos em suas produções. Esses “garotos do subúrbio” criavam, portanto, como percebemos em uma das primeiras coletâneas de bandas do gênero, “Grito suburbano”, uma retórica durante a caminhada.

A gana por sobreviver que mobiliza o ordinário lança-o à potência do “outro urbano que resiste à pacificação e desafia a construção desses pseudoconsensos publicitários” (JACQUES, 201, p.25) preocupados em ordenar o tecido urbano. Assim, da mesma forma que pensa De Certeau (2011) sobre os ordinários, estes jovens protagonizam “movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”, tecem, portanto, outras narrativas do lugar, por isso também engendram espaços. Fomentam uma outra postura na cidade, praticam a errância e promovem outras experiências na urbe.

Seguindo esses trajetos pretendo apresentar as coimplicações da cena punk na região metropolitana de São Paulo no decorrer da década de 1980. E articular, a partir disso, as narrativas fomentadas pelas errâncias dos jovens punk de modo que possamos visualizar a produção de uma outra cartografia daquela metrópole.

A ocupação de imóveis vazios se apresenta como forma de superação da condição de sem teto, mesmo que provisoriamente e à contragosto dos seus inquilinos, na medida em que rejeitam a todo momento viver em ocupação. Ou seja, dialeticamente, as famílias sem teto possuem como único canal de acesso para habitar no Centro Histórico de Salvador (CHS) as ocupações, a todo momento revelam conflitos de toda ordem – o de maior destaque é, sem dúvida, a inserção do tráfico nos imóveis – expressando desejo de não viver em ocupação. Deixar de habitar o CHS parece não ser uma possibilidade de moradia, mesmo quando de fato detêm a posse de apartamento no PMCMV em um bairro periférico, preferem continuar vivendo em ocupação no CHS. Não raro, as famílias que vivem em determinadas ocupações já se encontram na segunda ou terceira geração vivendo continuamente em ocupações, ou prédios que estão ocupados por sem teto há mais de 10 anos. Sendo assim, questionamos se, a despeito de servirem para um período provisório que objetiva uma conquista de moradia permanente no PMCMV, devido à impossibilidade estrutural de acessar a casa através do mercado formal, as moradias “provisórias” acabam por se converter em permanentes.

Habitar casarões ocupados no Centro de Salvador

João Pedro Noronha Ritter
UFBA

bibliografia

DOS SANTOS, M, et al. O Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) e o Direito à Moradia – a experiência dos Sem Teto em Salvador. Organizações & Sociedade, 2014.

GORDILHO-SOUZA, A. Ocupação Urbana e Habitação. In: BAHIA, governo da. Centro Antigo de Salvador: Plano de Reabilitação Participativo. Salvador: Secde Cultura, 2010.

MARICATO, E. A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. Editora Alfa-Omega, 1979.

MARINI, R. Dialética da dependência. Petrópolis. Vozes, 2000.

VELHO, G. Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

palavras-chave

capitalismo dependente,
ocupação de imóveis vazios,
trajetória familiar

Escrevedouros críticos: a escrita expandida de corpocidades

Joubert De Albuquerque Arrais
UFCA - UFBA

bibliografia

ARRAIS, Joubert de Albuquerque (org.) Dança com a Crítica. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

FLUSSER, Vilém. A escrita – Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. Revista Vitruvius. Online. Ano 08, fev. 2008.

NEUPARTH, Sofia; GREINER, Christine (orgs.) Arte agora: pensamentos enraizados na experiência. São Paulo: Annablume, 2011.

palavras-chave

escrevedouros críticos, corpografias urbanas, escrita expandida

A escrita, mais do que ferramenta ou instrumento, mantém uma relação coimplicada na crítica, historicamente (FLUSSER, 2011). Arriscamos dizer que o escrever é a potência do criticar e a cidade, em seu *modus operandi*, evidencia um grande mapa corpovisual das resultantes dessa ação de escrever enquanto escritas críticas, de seus escreveres críticos transincorporados na cidade. Esse corpocidade de escritas corpovisuais são, de forma expandida e transgressora, experimentos práticos de corpografias urbanas (JACQUES, 2008). Nomeamos esse corpocidade de “escrevedouros críticos”, tratados e percebidos como espaços performativos e performatividades urbanas. São lugares para escrever com a cidade, mas agora, numa atualização crítica, como espaços da cidade onde a escrita e o escrever foram incorporados não só como paisagem, mas como inscrição de palavras e frases que evidenciam a política das ruas e seus corpos em aliança (BUTLER, 2018). Apresentamos, assim, a escrita e o escrever como microresistências de corpos escritas que expandem a experiência corporal da cidade como escrita expandida. A dança e a crítica de dança, que nos mobiliza enquanto artistas e críticos, são os tensionares coevolutivos (ARRAIS, 2013, 2008) desse escrevedouro e que se faz aqui como dispositivo para refletirmos a cidade transcrita/transcriada no corpo transcritor/transcriador. Para tanto, trabalharemos, na medida do possível, com giz escolar branco e colorido, recipiente-spray de água e tinta guache diluída, dado o caráter efêmero desses materiais, com aquilo que já está escrito na cidade, com o que pode ser escrito pela primeira vez ou transcrito de um espaço para o outro. A saber, essa proposição dialoga com a formação artística do Centro Em Movimento (c.e.m/Lisboa) com seu Laboratório de Corpo e Escrita (NEUPARTH; GREINER, 2011); e, intensivamente, incorpora a experiência de colaborador do projeto Transakrytica, idealizado e compartilhado pela artista e jornalista Flavia Couto (SP).

O presente trabalho tem como objetivo a análise urbana do Elevado João Goulart (antigo Elevado Costa e Silva) popularmente conhecido como Minhocão, localizado na área central histórica da cidade de São Paulo. Propõe-se a criação de um novo atlas urbano para a ressingularização do espaço atualmente deteriorado, através de experimentações de um novo saber olhar crítico. Esta nova reflexão crítica da urbe é traduzida em experiências poéticas multissensoriais, obtidas pelas diversas vivências do espaço. Como resultado, há a construção de novas cartografias sensitivas denominadas transurbanogramas, sendo estas experiências de reconhecimento urbano transmutadas em texto-imagem. Por conseguinte, uma nova sensibilidade ótica, um saber olhar sensível revela-se, simultaneamente ao universo artístico, permeado pela concretude do Elevado.

TransUr- banoGramas trajetos territórios e traduções experiên- cias de reconhe- cimento urbano no Minhocão

Juliana Artuso
UNESP

bibliografia

DÉBORD, G. Teoria da Deriva. Revista Internacional Situacionista, 02, dez., 1958.

GIBSON, D. Manual do Fotógrafo de Rua. São Paulo, Gustavo Gili, 2016.

JACQUES, P. B. A experiência errática da cidade: em busca da alteridade urbana. In: RIBEIRO, A. C. T.; VAZ, L. F.; SILVA, M. L. da. Leituras da Cidade. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2012

JENNY, P. Como desenhar de forma errada. São Paulo, Gustavo Gili, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

palavras-chave

olhar crítico, cartografia,
reconhecimento urbano

APAGA-SE:

arquivo, memória e a cidade de fortaleza

Juliana de Aguiar Tavares
UFC

bibliografia

ARTAUD, A.; tradução COELHO, T.; revisão da tradução STAHEL, M. O Teatro e seu duplo. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016

NEVES, F. De C. Currel dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). São Paulo: Rev. Bras. de História, vol. 15, nº 29, 1995.

palavras-chave

arte, arquivo, cidade

1915 e 1932. Fortaleza/CE. Pessoas saíram do interior para ingressar na capital à procura de melhores condições de vida, uma vinda causada pela seca intensa que se alastrou no sertão do Ceará. Ocupação nas ruas, trabalho com mão-de-obra escassa, a tentativa de resolver provisoriamente essa situação: o governo do Estado constrói isolamentos específicos pela cidade como forma de amparar todas essas pessoas. Os campos de concentração, chamados popularmente de “currais do governo”, localizavam-se estrategicamente perto das estações de trem da cidade, facilitando o acesso dessas pessoas aos campos logo que chegassem à capital. Esses isolamentos foram se tornando impróprios para viver: comidas eram extraviadas para outros lugares, medicamentos insuficientes e uma epidemia de cólera e varíola se alastrou nesses lugares. Em consequência desse fato histórico, hoje algumas periferias de Fortaleza ainda possuem marcas dessas moradias. Reflito sobre a cidade de Fortaleza hoje, sobre como ainda podemos discutir o processo de higienização na cidade e as várias tentativas de apagamento da nossa história. Além de, podermos reconhecer, uma Fortaleza que ainda se encontra em processo de identidade, em referência às suas idealizações e ao tratamento às figuras marginalizadas socialmente e que (r)e(s)istem na cidade. Me permito adentrar em uma história e perceber os documentos e seus valores na memória como dispositivos para investigar outras possibilidades na criação artística. “APAGA-SE” é uma instalação-performance com lambe-lambe e textos autorais, na qual faço relação de fotos dos retirantes na seca de 1887, fotos do incêndio no Museu Nacional do RJ, a fotopintura da minha avó paterna Rosa Tavares que teve todas as suas fotografias queimadas pela filha e registros meus na orla da Praia de Iracema em Fortaleza. Esses lambes são os meus documentos de reflexão crítica, assim como os textos que relatam as minhas memórias com a cidade de Fortaleza.

A arquitetura não deve voltar-se somente à economia que rege o homem contemporâneo. Como poderia a lógica capitalista, criadora de imagens (por vezes, signos) que têm como objetivo a sedução puramente dos olhos -esquecendo-se de todas as outras formas de percepção sensorial- se conciliar com a metáfora vivida, a qual parte do ponto de vista do ser humano praticante do espaço, ao invés do “cliente”?

Os movimentos que ocorrem na cidade, assim como os inúmeros agentes que nela atuam, transformam-na a todo momento unindo passado e presente. Há diferentes territorializações, que são produtos da sociedade capitalística (baseada no controle da subjetivação e na devoção de paralisar os processos de singularização), analisadas por GUATARRI (1996) e funcionam como barreiras não físicas entre os diferentes agentes, culminando na negação social/espacial do diferente (muitas vezes identificados como sujeitos excluídos, que ocupam a cidade de maneira ignorada). A disputa por espaços urbanos ocorre de forma silenciosa marcada por singularidades e subjetividades. Os códigos sociais relacionados ao conteúdo midiático imposto à sociedade fazem crer na cultura do medo, sendo “o outro” sinônimo de perigo (mas para quem?). Nela, a “cultura de massa” produz indivíduos normalizados e interligados através de sistemas hierárquicos de valores e de submissão, procurando garantir a hegemonia deles, o que se opõe aos processos de singularização (desenvolvimento de subjetividades singulares), ou seja, as micropolíticas, ou até o que CERTEAU (2003) chama de produção secundária, a qual seria caracterizada pela resistência através do produto da apropriação -ou reapropriação- de imagem impostas pelas elites produtoras de linguagem, que instauram diferentes relações entre os interlocutores e resultam numa “politização das práticas cotidianas”. E são nessas pequenas resistências que este trabalho se baseia para promover a ativação de um patrimônio inserido e “abandonado” no contexto urbano.

Micro-resistências na ativação do patrimônio

Juliana Morassutti Vilares de Oliveira
e Helio Hirao
UNESP

bibliografia

CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 9 ed. Petrópolis: Editora vozes, 2003. 351 p.

GUATARRI, Felix. A restauração da paisagem urbana. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1996, 24, págs. 293-300.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

PALLASMAA, Juhani. Habitar. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. 125 p.

palavras-chave

patrimônio, ativação, singularidades

Corpos em luta, corpos em festa: a força do carnaval na reinvenção da cidade

Juliana Pires Cecchetti Vaz
UFF

bibliografia

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembléia. 1a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, M. A História da Loucura. 10a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

palavras-chave

carnaval, cidade, experiências minoritárias

Este trabalho pretende pensar os entrelaçamentos entre cidade, carnaval e experiências minoritárias, a partir de inquietações da pesquisa de Mestrado que vem sendo realizada na UFF desde agosto de 2018. Em um processo ainda incipiente, nos aproximamos da experiência do carnaval, percebendo nele um movimento potente de ocupação e reinvenção das ruas por corpos que não são convidados a habitar uma cidade racionalizada e normativa - silenciados e marginalizados para que este projeto de cidade se consolide.

A partir das obras de Foucault sobre a sociedade disciplinar e a constituição do homem moderno (2014, 1987), podemos mapear os processos de opressão, assujeitamento e patologização que constituem estes corpos - corpos desviantes, minoritários, insubmissos. Estes corpos, que escapam a todo tempo das investidas do poder moderno, evidenciam os mecanismos deste poder e inventam movimentos de resistência. Evidenciam, na materialidade das suas experiências, que o corpo é político. Ao fazer tal afirmação, nos distanciamos da noção individualizada de um corpo fechado em si mesmo, para pensar as forças que o compõem.

Em Corpos em aliança e a política das ruas (2018), Judith Butler pensará os corpos nas assembléias e manifestações populares. Butler defende que há, nestas ações políticas, uma disputa que se dá para além do que é enunciado: há uma potente disputa que está colocada no próprio gesto de ir à rua, de compor na e com a cidade, em aliança com outros corpos que carregam múltiplas marcas e desejos. A disputa é, mais do que enunciativa, performativa, corpórea e plural (BUTLER, 2018).

A partir desta força apostamos no carnaval. Em seu caráter efêmero, corpos plurais se aliam para disputar a cidade e desarranjar seus sentidos. E, neste gesto, afirmam também outros múltiplos modos de vida. Valendo-se da música, da dança, da fantasia e da alegria, estes corpos forjam um intervalo no qual uma cidade menor emerge.

No sertão nordestino, indivíduos e cidades se imbricam numa relação de amores e aflições. O sol arde, a vida urge. O sertão persiste em sua experiência colossal, erigindo cidades sempre alimentadas por um fluxo populacional que acontece entre dois espaços fisicamente distantes e distintos — o rural e o urbano. As juventudes sertanejas percorrem caminhos bastante específicos para alcançar lugares outros. Nesses caminhos, suas vidas são postas em autoavaliação numa tentativa de planejar o futuro diante de um presente idiossincrático. Espaços rural e urbano são observados, tradicionalmente, em suas dicotomias, mas aqui são vistos como um continuum, onde as trajetórias juvenis ganham novos contornos. Fundamentado nos conceitos de campo, habitus e capital, de Pierre Bourdieu, e em estudos sobre a realidade juvenil brasileira na contemporaneidade, esta proposição apresenta reflexões sobre a relação juventudes e cidades sertanejas no âmbito do Araripe Pernambucano, entendendo esta reflexão a partir das relações entre os próprios jovens, que constroem hierarquias entre si e entre os espaços onde moram. O trabalho, de natureza qualitativa, é fruto de um ano de pesquisa (2017-2018), no IF Sertão PE – Campus Ouricuri, realizada a partir de oficinas temáticas e entrevistas com 35 jovens entre 16 e 25 anos de idade. Aponta que os jovens, em seus campos relacionais, ainda reproduzem um habitus responsável pela construção de hierarquias que evidenciam concepções bastante tradicionais sobre o mundo rural e o mundo urbano, onde os capitais econômico, simbólico e cultural predominam como os mais relevantes. A partir disso, identifica que nas cidades, aonde uma parcela considerável se desloca para estudar, ocorrem fricções/conflitos entre as juventudes rural e urbana, que demandam novas maneiras de interpretação dos habitus e dos campos relacionais.

Trajatórias juvenis e cidades sertanejas: fricções possíveis

Juliano Varela de Oliveira
IFSertão

bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, 1997.
- BOURDIEU, P. A juventude é só uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- TAKEUTI, Norma Missae. Do outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

palavras-chave

juventudes, cidades, sertão

O corpo em micropolítica: a cidade como plano de experimentação

Júnior Mendes
UFC

bibliografia

FABIÃO, Eleonora. Performance: poéticas e políticas do pertencimento. In: PRIMO, Rosa; ROCHA, Thereza (Orgs.). Bienal Internacional do Ceará: um percurso de intensidades. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011. 90-99 p.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico: as heterotopias, posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

palavras-chave

corpo, cidade, performance

Em meados de 2008 iniciei minhas andanças pela cidade de Fortaleza. Foi a primeira vez que me deparei com um macro espaço segmentado de uma capital. Assustei-me com toda aquela grandiosidade, por via disso, produzi um estado de atenção que me tornará perceptível aos elementos constituintes do espaço citadino. Imaginei, que todo aquele aglomerado de prédios, diferentes segmentos e repartições, podiam ter sido projetados anteriormente, e Michel Foucault (2013) me ajudou a entender; que não se vive em um espaço neutro e branco, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em espaço quadriculado, recortado, matizado... Hoje, sei que se trata dos efeitos do urbanismo, como apresenta Henri Lefebvre (2001). Desde esse período a cidade se apresenta para mim como um problema. Todo o espaço urbano é permeado por diferentes projetos arquitetônicos que se fixam em lugares estratégicos e restringem o modo como nos movemos e nos relacionamos. O corpo se ajusta à forma da arquitetura. Partindo destas percepções e questões, em 2015, desenvolvi uma instalação-performativa intitulada It: uma micropolítica das linhas, cujo interesse era resistir aos modelos já dados de ocupação da cidade e atualizar o espaço urbano como plano de experimentação. Trata-se de pensar-inventar-fazer outra relação do corpo com o espaço urbano. A instalação-performativa, como uma intervenção urbana, integrou o filme SELFIE (2015), curta-metragem de documentário e ficção. It: uma micropolítica das linhas, tratava-se de um mapeamento, que investigava lugares possíveis para um jogo em tempo real entre linhas (punho de rede), o corpo em ação micropolítica e a arquitetura. Uma dinâmica de oposição de forças, espaços entrecruzados e diferentes camadas de tempo que se desdobrava em um processo que alterava temporariamente os modelos de ocupação dos aparelhos citadinos, modificando o horizonte da cidade no qual o corpo reclamava sua atuação direta e seu direito à composição.

Pensar sobre a conformação dos lugares de memória, bem como na construção de monumentos no espaço urbano, tem exigido tanto do ponto de vista científico, quanto no ponto de vista social, reformulações e atualizações em relação aos conceitos.

Enquanto reside no pensamento patrimonial, este vinculado às instituições, um entendimento de que as práticas, os ritos, sejam elas étnicas, religiosas ou culturais, estaria vinculada, em muitos casos, a uma materialidade e conseqüentemente a um pensamento e uma preocupação preservacionistas.

Por outro lado, recusa-se a naturalização do conceito de monumento enquanto sinônimo de “vontade coletiva”, quando se compreende que as relações simbólicas e memórias existentes na cidade não se dão necessariamente, segundo Pereira (2000), a partir de sua materialidade.

Sendo assim, como poderíamos contribuir na conformação de um questionamento e de uma crítica que se proponha a desnaturalizar o status unificador e identitário do monumento?

Hall (2000) reforça a importância de reconstruirmos a ideia de que os processos de identificação necessitam manter certa correspondência com o que aconteceu ou que reside em um passado histórico. Poderíamos afirmar ainda que a cidade ao ser um espaço coletivo de acontecimentos efêmeros e antagonismos, apresenta-se muito mais enquanto espaço de diferenciação do que de identificação.

A memória, para Pereira (2000), como residente eterna de nossos corpos. O corpo, como simulacro, “lugar” onde a memória seria inapagável. Tornar-se monumento de si é, ao mesmo tempo, combater e questionar uma patrimonialização que tende a parâmetros, normativas. Choay (2011) alerta, o que está em vias de perder-se não é a identidade cultural de um grupo, mas a própria “identidade humana”, abrigo da diversidade, sem a qual a primeira, nem sequer poderia existir.

Lugares e corpos de memória

Letícia Bonatto
UFRJ

bibliografia

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo. Ed Estação Liberdade, UNESP, 2006.

CHOAY, Françoise. Patrimônio em questão: antologia para um debate. Belo Horizonte. Ed Fino Traço, 2011.

NORA, Pierre. Entre memórias e histórias. A problemática dos lugares. Revista do programa de estudos pós-graduados de História. São Paulo. Volume 10. 1993. P7-28.

PEREIRA, Margareth da Silva. Corpos escritos. Paisagem, memória e monumento: visões da identidade carioca. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, EBA, UFRJ. Artes e Ensaios. Volume 07. 2000. P 99-113.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 103-133.

palavras-chave

monumento, memória, corpo

Entre corpos performativos e cidades

Lígia Dias
UFPE

bibliografia

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre journal*, v. 40, n. 4, 1988, p. 519-531.

CAMUS, Albert. *A peste*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1947.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris, 1996.

palavras-chave

corpo performativo, cidade, desejo

Butler compreende o corpo como um processo ativo de incorporação de certas possibilidades culturais e históricas. Para a autora, isso resulta gestualmente no corpo performativo. Assim, a performatividade pode ser compreendida como uma repetição estilizada do gesto e essa repetição é o que garante às pessoas uma identidade corpórea. Dessa maneira, mesmo a pessoa possuindo sua individualidade, existe uma estrutura política incorporada que se transforma em símbolo social através da performatividade. Durante o processo de construção do performativo, pode-se apontar a cidade como um dos aspectos culturais responsável por sua concepção. Aqui, a cidade é tomada a partir de uma ótica sensível e objetiva, como a trazida por Sansot, na qual o autor investiga o espaço urbano através de diversos tipos de habitantes e as diversas cadências urbanas: meios de transportes, caminhadas, derivas. A intenção é revelar uma relação muito mais profunda do que o simples uso dos serviços urbanos oferecidos. Dentro dessa relação entre a performatividade e a cidade, segue-se uma busca pela compreensão do meio, sobre como são construídos e trocados os afetos entre eles. Os afetos são os responsáveis por provocar transformações nos sujeitos. Em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari se apropriam da ideia de afeto construída por Espinoza, como grau de potência que age sobre o ser e têm o poder de compor ou decompô-lo. Para Rolnik, esse processo corresponde ao desejo despertado pelo afeto, visto que a autora entende o desejo como um processo de produção de universos psicossociais. Camus diz que uma forma cômoda de conhecer uma cidade é procurar saber como se trabalha, como se ama e como se morre. Todavia, ainda é recorrente nos processos de planejamento dos espaços urbanos brasileiros desconsiderar como amam os seus usuários. Assim, apropriar-se e entender quais são os aspectos espaciais responsáveis por afetar, ajuda o urbanismo a construir caminhos para planejar cidades que consolidem o desejo.

Segundo Deleuze e Guattari, os espaços públicos têm um caráter neutralizador do nosso corpo urbano. Esse processo acontece devido a uma postura de sujeição do Estado a um sistema político, o qual estimula a predominância de uma postura do sujeito macropolítica ao invés de micropolítica, ou seja, da padronização ao invés da diversidade. Até mesmo os conflitos no espaço público e o seu caráter de resistência são homogeneizados pela máquina estatal. Porém, há nesse espaço momentos de ruptura desse sujeito cotidiano enrijecido, em sua esfera corporal e afetiva. A arte é um dos grandes promotores das rupturas urbanas através das experiências que lançam o corpo do artista no mundo. Através de suas ações, o artista aproxima o sujeito da cidade, tornando a arte um instrumento de questionamento dos consensos estabelecidos. As ações artísticas no espaço urbano podem ser apropriadas como experiências para compreensão da complexidade da cidade, pois revelam, segundo Campbell, os conflitos existentes no espaço a partir da criação de uma prática sensível. Nesse contexto, a esfera micropolítica da corporeidade do sujeito urbano pode ser ativada através da exposição da performatividade construída pelo sujeito. Butler define o corpo performativo como algo construído num processo pautado em escolhas políticas, que resulta na incorporação de elementos do mundo social e histórico, externalizados pela movimentação corpórea, a gestualidade. Assim, os gestos urbanos sob influência das ações artísticas assumem uma postura de desvio. Portanto, desdobrar-se sobre esse aspecto corpóreo dos usuários de um determinado espaço público condicionado a uma ação artística, revela dados importantes para pensar a cidade. Identificar como ocorre a troca de fluxos de afeto entre usuários e espaço, mesmo nas situações construídas, ainda é uma tarefa nebulosa, mas o seu desvendamento poderia colaborar para a construção de cidades onde as subjetividades de cada corpo pudessem ser celebradas e percebidas.

A ação da arte e o estado do corpo

Lígia Dias e Renata Neves
UFPE

bibliografia

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre journal*, v. 40, n. 4, 1988, p. 519-531.

CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. Invisíveis Produções, São Paulo, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

palavras-chave

arte urbana, espaço público, corpo

Proposições de leitura

Luana Fonseca Damásio
UFF

bibliografia

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. “Mil Platôs”. São Paulo: Editora 34, 2012.

GIL, José. “Abrir o corpo”. In “Corpo, Arte e Clínica”. FONSECA, Tania Mara Galli e ENGELMAN, Selda, orgs. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2004.

ROLNIK, Suely. “Pensar a partir do saber-do-corpo: uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial capitalístico”. Fala na Despina, Rio de Janeiro, setembro de 2016. Disponível em vídeo em https://www.youtube.com/watch?v=kRA-FHe3_Pc

SODRÉ, Muniz. “Pensar Nagô”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ULPIANO, Cláudio. “Pensamento e liberdade em Spinoza”, aula disponível em vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=oBDEZSx6xVs>

palavras-chave

pensamento, corpo, sensação

Esse pequeno texto conta sobre um trabalho, proposta desdobrável, em aberto, que teve como fundamento criador uma experiência que aconteceu durante o Corpicidade 5, em 2016. Após uma tarde em que discutimos o conceito de liminaridade, boiei no mar da Praia da Barra e me percebi percebendo EXPERIMENTAR a liminaridade. Meu corpo, na horizontal, sustentado por aquele mar, em contato com a água, em contato com o ar, entre um e outro, sentia a massa de mar e a massa de ar, e o que era limite entre essas massas perdia-se por ele. Ficaram algumas coisas: que o corpo é capaz de experimentar e compreender através de outras vias que não a da linguagem e da representação; que o modo de entendimento que essa experiência implica é diferente, complementar, em composição; que é possível pensar no/com/a partir do corpo; e que o corpo é, de fato, um complexo indissociável, pluridimensional, plurivetorial, corpo-mente.

Tal experiência veio a se desdobrar num trabalho-dispositivo de arte, um caderno escrito. Nesse caderno apresento, para um conjunto de conceitos, uma descrição a um lado e a outro uma ou mais proposições corporais que, partindo do meu repertório sensível, imagino poderem conduzir a um “entendimento” experimentado do conceito com o corpo. Os conceitos são: liminaridade; dobra; diferença; composição; sistema; “experiência sem nome”; natureza natura naturante; “experiência sem nome”; “experiência sem nome”; corpo-sem-órgãos; atravessamento; imanência.

Essa pesquisa tem como motivação encaminhar questões referentes a um impasse epistemo-cosmológico ocidental (e colonial) entre mente e corpo, teoria e prática. Funciona no duo conceituação-experimentação, e, ainda que só na leitura, imaginar também é experimentar.

A proposta para o Corpicidade 6 é experimentar, investigar, aprofundar, desdobrar, no contato com a cidade, com o espaço público, com outros corpos, com as singularidades de Salvador, experiências corporais que possam corporificar esses e/ou outros conceitos.

A proposição parte de fragmentos do meu diário de campo na pesquisa de doutorado em antropologia na UFBA. Elejo algumas temáticas importantes a partir das quais descrevo experiências corporais e interações que tive com praticantes da “maromba de rua” em diversas praças de Salvador. Conhecida como “barras” essas zonas abertas de encontro e prática corporal - espaços que definirei ao modo de Nestor Perlongher enquanto zonas de passagem relacional - fornecem um micromundo repleto de eventos e acontecimentos através dos quais podemos entrever aprendizagens, deslocamentos, territorializações e coletividades produtoras de uma masculinidade ao mesmo tempo pública e técnica, que revela, por sua vez, uma faceta relativamente inovadora para pensar a cidade contemporânea.

A fase sumária da pesquisa me sugere um conjunto de associações livres, com pouco investimento teórico. Baseado nos aspectos vivenciais da masculinidade e os arranjos de relacionalidade pública que se processam no encontro entre homens, apresento fragmentos textuais que se associam a imagens em uma mesa de montagem. A proposição é então pensar os atravessamentos entre categorias como corpo, gesto, masculinidade e cidade, a partir das metodologias propostas durante o corpo-cidade.

[exemplo de fragmento textual] “Estamos em um grupo de 17 homens, são sete da noite e na rua: alguns carros, ônibus que as vezes passam catando o pneu. Aqui onde estou há muito suor, cuspe e a cada minuto é possível ver alguém “coçando o saco”. Se parássemos bem para escutar ouviríamos um sem número de homens respirando alto, tornando visíveis as veias da face, que aparecem em relevo também no braço e ao longo de todo o pescoço. Quem são e o que dizem esses caras, quando entre outras coisas, fazem musculação em barras de concreto e aço, carregando pesos improvisados em latas de tinta?

Maromba de Rua: masculinidade, gesto e técnica

Lucas Moreira

bibliografia

- BACELAR, Jeferson. Gingas e nós: o jogo do Lazer na Bahia. Salvador. Fundação Casa de Jorge Amado. 1991
- BENJAMIN, Walter . Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Orgs. História da Virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Ed. VOZES. Petrópolis, 2013
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012
- WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma: notas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro. Ed. Relume Dumará, 2002

palavras-chave

masculinidade, corpo, espaço público corpo

Fotografia e investigação sobre espacialidades emergentes

Luciano Bernardino da Costa
IAU USP

bibliografia

BESSE, Jean Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CARERI, Francesco. WALKSCAPES. O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Anablume, 2005.

ROUILLÉ, A. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac-São Paulo, 2009.

SOLÀ-MORALES, I. Territorios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

palavras-chave

fotografia, espacialidades emergentes, cidades

Em meu doutorado tratei da concepção de imagem dialética em Walter Benjamin aplicada a fotografia moderna e contemporânea que aborda processos de transformação urbanos. Em paralelo, desenvolvi estratégias didáticas que utilizam da fotografia como meio de proposição e investigação do espaço urbano, associada à interlocução com diferentes correntes de pensamento, como os situacionistas, e reflexões sobre a paisagem encontradas na produção fotográfica e em pesquisas de campo.

Pode-se citar como referência a esses trabalhos o texto de Solla Moralles intitulado “Terrain Vague”, cuja produção das cidades é discutida através de uma série de fotografias que indicam uma produção dedicada a percorrer regiões periféricas à margem da expansão capitalista. Tal produção quando observada lado a lado de trabalhos como, a Nova Objetividade Alemã, os New Topographics, a Escola de Dusseldorf caracterizam um atento olhar aos processos cíclicos de produção do capital, ao mesmo tempo em que tencionam os postulados estéticos próprios ao meio fotográfico em interlocução, por vezes, com outras concepções artísticas contemporâneas.

Essas reflexões visuais associadas aos processos que registram encontram-se hoje frente a possibilidades de outra ordem, em que se associa o trabalho de campo a outras concepções estéticas como a: estratégias e jogos no território; incorporação e reinterpretação de informações georreferenciadas, montagem e edição de fotolivros, todos colocando a investigação espacial pela imagem sob referências ampliadas.

Considerando esse panorama, a proposta de reflexão para este encontro orienta-se pela problematização e experimentação de novas modalidades de inscrição fotográfica voltada a processos urbanos em curso. Objetiva-se identificar novas possibilidades de investigação com o fotográfico em que atue como meio e suporte a derivas, explorações e inventariamento do território, registros imersivos a áreas deslocadas do imaginário urbano.

Sabe-se que a estrutura urbana afeta as condições de deslocamento no território e que quando as cidades oferecem possibilidades de circulação que incentivam hábitos saudáveis, isso causa efeitos positivos na saúde e bem estar da população. Porém, promover a mobilidade urbana saudável é um desafio, pois além dos fatores físico-estruturais, somam-se questões de ordem subjetiva que dificultam a mobilidade e inibem a população de usufruir dos espaços da cidade. Essas questões subjetivas são chamadas, nesse estudo, de “barreiras invisíveis”. Em uma abordagem transdisciplinar, combinando saberes da área da saúde, psicologia, urbanismo e geografia, a pesquisa realizada buscou investigar as barreiras invisíveis de mobilidade existentes em uma região de baixa renda de Porto Alegre (RS): a Região Cruzeiro. Para realizar essa investigação, foi utilizado um método qualitativo de pesquisa-intervenção. As barreiras encontradas foram representadas em uma ilustração em aquarela que retrata a Cruzeiro como uma ilha – apartada do seu entorno por um abismo. As informações obtidas foram analisadas sob o referencial pós-estruturalista, dialogando com teorias dos autores Michel Foucault e Zigmunt Bauman. As barreiras invisíveis encontradas estão relacionadas à sensação de isolamento dos moradores da Região Cruzeiro, à atmosfera de medo e insegurança reforçada diariamente pela mídia, ao domínio dos grupos de tráfico em conflito e aos processos de segregação (re)produzidos nas vizinhanças locais. Também foram analisados os meios encontrados para desviar de alguns desses obstáculos (rotas alternativas), a partir das vivências de moradores locais, entendidos como produção de novos modos de existência. As reflexões geradas suscitaram discussões sobre as relações de poder perpetradas no espaço urbano, que se atualizam nos modos de vida da sociedade contemporânea.

Rotas Interrompidas: (i) mobilidade urbana, saúde e barreiras invisíveis na cidade

**Luísa Horn de Castro Silveira e
Cristianne Maria Famer Rocha e Júlio
Celso Borello Vargas
UFRGS**

bibliografia

BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 79-98.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense. 1988.

palavras-chave

mobilidade urbana,
saúde urbana, segregação
socioespacial

Museu e gênero na performance “espelho da origem”

Luísa Lagoeiro e Camila Morais

bibliografia

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PERROT, Michelle. As mulheres, ou, Os silêncios da história. Bauru, SP: EDUSC, 2005. 519 p.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TAYLOR, Diana. O Arquivo e o Repertório. Performance e a memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

palavras-chave

museu, gênero, performance

O museu pode ser considerado como um espaço de legitimação da arte, pois, ali se arquivam obras consideradas “merecedoras” de domicílio, cuidado e apreciação. Não por acaso, a grande maioria das obras presentes nos museus de todo o mundo são de autoria masculina e a grande maioria dos nus representados nesses espaços retratam corpos femininos. Sendo assim, podemos inferir que as mulheres precisam estar nuas para entrarem nos museus? Tendo em vista este questionamento é que o presente artigo pretende analisar a performance Espelho da Origem, de Deborah de Robertis. A partir dessa análise tentaremos refletir sobre como o museu reproduz a cultura patriarcal na contemporaneidade, mesmo diante de tantos avanços com relação às discussões sobre gênero e porque esse espaço privilegia determinados grupos sociais enquanto exclui outros.

O presente trabalho propõe a experimentação de ferramentas para a criação de corpos e espaços livres; experiências de liberdade. Quando o corpo se vê aberto e disponível para perceber-se participante de uma experiência? Como criar uma percepção sensível do vazio, como espaço do porvir e de interação? Como romper os limites de arte e vida: como o público se entende participante? Desde a escala do corpo em um espaço até a escala do corpo na cidade, existem uma série de limites que mediam a relação com o mundo ao redor. Diante de uma sociedade do controle (Deleuze), alienação e espetáculo, se evidencia a necessidade romper os limites da percepção e reinvidicar o direito a cidade como direito de criar outras cidades possíveis, do porvir, quiçá tampouco imaginadas; instigar corpos livres desde suas práticas e comportamentos, na relação com a matéria e os dispositivos que o rodeiam, e com o contexto ou espaços onde se encontram fisicamente, simbolicamente (imaginário) e legalmente.

Qual o papel dxs arquitetxs e urbanistas em criarem espaços livres, férteis para o porvir - onde o inesperado possa emergir, para que processos de desubjetivação possam se manifestar, onde haja encontro? Espaços do não saber, da dúvida e do risco, onde os sujeitos possam se perder e se achar de novo, mas agora em um outro lugar. Diante do contexto contemporâneo, exercitar a criação de espaços livres, abertos a significações, em constante transformação a partir do tempo e dos atores que dele se apropriam é fundamental. Um paradigma: definir espaços sem definição, sem destinação prévia para além do espontâneo e imprevisível; instaurar um vazio magnetizado onde possa haver a experiência de multiplicidades de singularidades. Qual a relevância deste tipo de espaço para a criação de uma democracia real e de uma saúde mental para cada indivíduo e nós como sociedade; para a criação de um sentido público-participante através da experiência do comum e da permanente relação com o outro (em mim)?

Livres

Marcella Arruda

Instituto A Cidade Precisa de Você e
Oficina de Dança e Expressão Corporal

bibliografia

BARDI, Lina Bo. Uma aula de arquitetura, in Silvana Rubino e Marina Grinover (org.), Lina por escrito. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 166.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

J K GIBSON-GRAHAM. A postcapitalist politics. University of Minnesota Press, Minneapolis, MN, 2006.

NEGRI, Antonio. A constituição do comum. Conferência inaugural do II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo-economia do conhecimento eea constituição do comum. Tradução de Fabio Malini. Rio de Janeiro. 2005.

OITICICA, Hélio. The Senses Pointing s a New Transformation, 1969 (doc. no. 0486.69, p. 4).

palavras-chave

comum, livre, público
participação, corpo

Territorialidades do vôlei em Copacabana/RJ

Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares
UFRJ

bibliografia

AUGUSTIN, J. P. (2002). La diversification territoriale des activités sportives. *L'Année sociologique*, 52, p. 417-435.

CORBIN, A. O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

JACQUES, P.; DRUMMOND, W. Caleidoscópio: processo pesquisa. In: JACQUES, P.; BRITTO, F.; DRUMMOND, W. (org.). *Experiências metodológicas para compreensão da cidade contemporânea: I – Experiência Apreensão Urbanismo*. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 11-28.

palavras-chave

territorialidade, vôlei, Copacabana/RJ

A cidade como lugar da vida contemporânea comporta inúmeras possibilidades de apropriações tipicamente urbanas e o espaço público da praia reitera que essas apropriações são democráticas à medida que abrange pessoas de diferentes interesses e classes sociais. No Rio de Janeiro, a praia de Copacabana talvez seja o lugar mais conhecido e lembrado, e o vôlei talvez seja o esporte mais praticado, com redes espalhadas do Leme ao Posto Seis, o que sugere diferentes apropriações e atribuem novos sentidos ao lugar e à paisagem. Corbin (1989, p. 39) alude que o relevo costeiro corresponde às intenções do Criador. “Foi Deus que dispôs a areia no litoral a fim de que ela forme uma barreira. As praias e as dunas não são vistas como resultado da erosão, mas como elementos de uma arquitetura, edificada após o dilúvio”. Ligar esse território do vazio, simbólico, às praias de uma cidade metropolitana é imaginar que novas interpretações do território são possíveis. Haesbaert (2016) perpassa conceitos da área de Geografia sobre espaço, tempo e território, através de estudos de Claude Raffestin, Robert Sack e Doreen Massey. Neste livro o autor desmistifica a ideia de que o Homem pode viver sem território para afirmar que a desterritorialização é um fenômeno contemporâneo que não põe fim à ideia de território, mas convoca a sociedade a pensar sobre as possibilidades de reterritorialização, atribuindo significado aos contínuos processos de multiterritorialidade a que estamos sujeitos. Assim, o esporte notabiliza-se para a formação de novas identidades locais nas cidades (AUGUSTIN, 2002; MASCARENHAS, 2003). A proposta deste trabalho é interpretar o território da praia conformato por uma territorialidade advinda das práticas do vôlei em Copacabana, com base no entendimento dos processos de privatização e espetacularização do espaço público, que suscitam novas abordagens para o estudo do espaço urbano na atualidade (JACQUES; DRUMMOND, 2015).

Pelas calçadas do centro do Rio de Janeiro, tecidos estendidos no chão repletos de objetos se abrem como portais que nos levam a tantos lugares e tempos da cidade. Esses tecidos, as vezes pedaços de plástico, compõem o Shopchão. O Shopchão, como é conhecido, e autodenominado, o mercado informal de objetos de segunda mão, é uma espécie de arca de tesouros da cidade, um lugar heterotópico de restos aos pés dos passantes. Coisas de naturezas diversas, fazem transbordar os muitos tempos, vidas e caminhos, reunidos pelo garimpo das mulheres e dos homens habitantes dessas calçadas, que a partir da margem instauram pelos tapetes de seu comércio informal uma fronteira relacional de aproximações inusitadas. O Shopchão é o campo, quadrado delimitado no espaço, um recorte que cria uma geografia, instala relações, produz um lugar de fronteira. Ali o que nos é apresentado são os indícios dessa caminhada, uma espécie de relato – o diário de uma marcha. O gesto do catador se assemelha ao do arqueólogo, é preciso escavar para encontrar, é preciso remexer para ver. O arqueólogo escava a terra em busca de indícios que deflagram as vidas de um outro tempo. O catador encontra nos objetos descartados os indícios da vida na cidade. O tapete é uma espécie de caixa arqueológica que cria a história de uma trajetória, em restos e fragmentos – documentos - que fazem emergir à superfície as entranhas da cidade como pequenas ficções.

Arqueologia da calçada, um recorte da cidade nos tapetes do shopchão

Mariana Amorim Smith

bibliografia

BENJAMIN, Walter. As passagens. Tradução do alemão Irene Aron, tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte, São Paulo: Editora UFMG, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou a gaia ciência inquieta. Tradução de Renata Correia Botelho, Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2013

palavras-chave

cidade, fragmento, arqueologia

Da Percepção à Preservação: Reflexões sobre a ativação do patrimônio industrial ferroviário

Matheus Alcântara Silva Chaparim,
Eduardo Romero de Oliveira e Hélio
Hirao
UNESP

bibliografia

CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2016.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2008. Vol. 1 (Artes do fazer).

JACQUES, P. (Org). Apologia da deriva. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman, 2011.

palavras-chave

deriva, percepção, patrimônio industrial ferroviário

Dentro de um contexto de rápidas transformações urbanas e sociais, torna-se de grande importância pensar ações voltadas para a preservação e conservação dos bens patrimoniais. Para o caso específico do patrimônio industrial ferroviário, questiona-se: como apreender e descrever o espaço ferroviário de maneira a pensar a sua ativação no cotidiano da cidade contemporânea?

Conforme afirma Montaner (2015), introduzir a experiência na arquitetura se torna fundamental para incluir o subjetivo, o perceptual, o sensorial e o corporal, ao passo que reforça o fenômeno da arquitetura contemporânea enquanto construção social. Nesta perspectiva, recorreremos à crítica urbana do movimento situacionista, que se apoia, sobretudo, na observação e na experiência da cidade existente (JACQUES, 2003). A partir da prática da deriva, proposta por Guy Debord (2003), há a possibilidade metodológica de apreender o espaço pela experiência, além de reconhecer as práticas cotidianas por meio do caminhar. Assim, atentando-se às solicitações do local, a deriva se propõe a compor uma “cartografia influencial que falta até o momento” (DEBORD, 2003).

Como objetivo geral, esta pesquisa visa apreender o espaço ferroviário de cidades paulistas, como Presidente Prudente, Bauru e Jundiaí, a partir da realização de derivas, para identificar, registrar e descrever as práticas espaciais que ocorrem nestes locais, além de estabelecer sinergias com os seus usuários. Inicialmente, procura levantar fontes documentais e bibliográficas relacionadas às temáticas abordadas. Em seguida, por meio das experiências fenomenológicas (PALLASMAA, 2011) e das vivências durante as derivas (DEBORD, 2003), busca apreender o espaço patrimonial e descrever suas práticas cotidianas (CERTEAU, 1999) para compor uma cartografia psicogeográfica. Ao final, visa-se levantar questionamentos sobre a situação atual dos espaços estudados, além de auxiliar em suas preservações através de subsídios para ações de ativação.

A ideia é um estudo sobre a relação dada entre corpo e cidade configurada na coimplicação e na coafetação, quando grupos de jovens se encontram em espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro para dançar. A partir da experiência corporal, cada condição urbana dos interlocutores dançarinos(as) promovem questionamentos distintos sobre o direito à cidade, dos modos de usos e contra-usos, bem como dos rituais e tradições na realização destes encontros, que estão para além da dança. “Pontos de encontros” pretende suprir as falas nativas em referência aos locais específicos da cidade selecionados. Os processos identificados nos pontos de encontros são de adequações com/pelo/ao corpo para/a/da cidade, a reunir grupos de jovens, majoritariamente homens, negros, classe social baixa, com aparelhos sonoros, acessórios, vestimentas, alimento e água, horas dançando, treinando, trocando ensinamentos e conhecimentos não só do corpo como também de suas próprias vidas. As observações foram iniciadas no Museu de Arte Moderna e Aterro do Flamengo para conclusão do bacharelado. Conjuntura dos acontecimentos mundiais: Jornada Mundial da Juventude; Copa do Mundo; Paraolimpíadas e Olimpíadas. A indicação “bola de neve” oportunizou entrevistas e o método experimental Trajeto Itinerário. Metodologias que possibilitaram 19 pontos de encontros que cobrem partes da metrópole e se assemelham em: fundamentalmente e unânime a existência de “um chão liso”; modalidades de dança “dentro” das “danças urbanas”, acordos com “os caras” (segurança, guarda, polícia), infraestrutura mínima (iluminação, interruptor/fonte de energia, proximidade de banheiro), e as motivações vão desde o sentimento de comunhão ao “modo original” como “tudo começou”, “nós é da rua mesmo”, à condição econômica reduzida ou a inexistência de outros locais. Há também a preferência ao espaço aberto “que deixa mais criativo e livre” tanto a prática quanto o viver e usar (co-habitar em co-presença) a cidade.

A cidade carioca em percursos e pontos de encontros por aqueles que dançam

Mirila Greicy Bittencourt Cunha
UENF

bibliografia

BRITTO, F. D. A ideia de corpografia urbana como pista de análise. Revista redobre, n.12, p. 36-38, 2013.

JACQUES, P. B. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEFEBVRE, H. O Direito À Cidade. Tradução de Rubens Frias. Primeira Edição, Editora Moraes, São Paulo. 1991

LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangue-town. RBCS, Vol. 17, nº. 49, p. 115-134, junho, 2002.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. Caderno CRH, Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil), vol. 18, nº. 45, p. 411-422, set./dez., 2005.

palavras-chave

cidade, dança, ponto de encontro

Capturar, desidratar, silenciar a água

Myriam Bahia Lopes
UFMG

bibliografia

BRESCIANI “A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada” Revista Brasileira de Estudos Urbs e Regionais, 2011

DELEUZE, G — Foucault, São Paulo, Brasiliense [Paris, PUF]

FLECHEUX, C. L’horizon. Rennes: PUR, 2009.

GUATTARI, F — As três ecologias. Campinas: Papirus, 1990

SERRES, M — O mal limpo, poluir para se apropriar, Bertrand Brasil, 2011

palavras-chave

água, corpo, paisagem

A nossa proposta se afasta da concepção do corpo entendido como um todo orgânico ou uma unidade autônoma. Ela propõe pensar “a coimplicação” corpo e cidade ao recortar a história da água na cidade. A água, elemento vital, articula o corpo e o seu entorno, ela é um elemento que nos permite ligar uma microfísica do poder aos ritmos vitais da cidade. Ou perceber, dos cuidados de si às políticas de abastecimento, lógicas de produção da vida e/ou da morte.

Elegemos em nossa pesquisa a serra e as intervenções nela operadas nos séculos XX e XXI. A serra é importante área de recarga hídrica e abriga várias nascentes, ela é também denominada de caixa-d’água e é estudada como área particularmente sensível no contexto do aquecimento global.

Perscrutamos a pulsão dos ritmos vitais na cidade face a progressiva e contínua destruição dos ciclos da água, seja pela eliminação de árvores, a desintegração da serra, a dissolução do horizonte pelo extrativismo mineral e o adensamento populacional e o desaparecimento dos cursos d’água. [Esse tema fomentou teses de mestrado e um banco de dados sobre o movimento fica fícus]. Nesse momento da pesquisa interessa-nos destacar para além da denúncia ou do discurso da perda, ou de uma eventual ação reativa, os efeitos ativos dessa captura e da destruição dos circuitos da água na cidade. E nos perguntamos, em que essa transformação atua no processo de laminação da subjetividade? Ou como ela é parte importante na reelaboração em curso da noção de meio, em especial, da relação corpo-meio, corpocidade e da noção de paisagem?

Proponho refletir a respeito das “posturas dos corpos jovens e o impacto das tecnologias digitais em suas práticas espaciais” e lançar algumas pistas para compreender o que está em jogo nas relações entre os corpos adolescentes e os nossos espaços públicos cada vez mais hiperconectados.

As novas posturas das gerações mais jovens nos espaços públicos seriam provocações ou sinais da transformação de nossas sociedades? Estes “corpos em resistência” (Jouve , 2015) performando nos espaços urbanos, conseguem operar transformações duradouras nos elos que nos unem ou são o sinais de um processo temporário ligado a uma faixa etária? Parece improvável que esses corpos se tornem adultos dentro de uma suposta ordem, alinhando-se novamente aos padrões transmitidos pela família e por seu entorno desde o nascimento e / ou por injunções sociais do momento, sem guardar talvez uma coisa qualquer dessas experiências.

Se a cultura do uso do espaço do quarto deve ser correlacionada com o declínio da rua e ao desenvolvimento das mídias domésticas, devemos também observar as maneiras pelas quais o digital influencia a relação entre os corpos sociais e os lugares fisicamente palpáveis. Quais são os impactos das mídias digitais (smartphones, redes sociais, etc.) nas práticas cotidianas do espaço urbano? Comparando as práticas digitais de estudantes do ensino médio de bairros desfavorecidos em duas grandes cidades (Paris e Rio de Janeiro), H. Pétry (2015) observou que as tecnologias digitais permitem que os jovens multipliquem seu capital social, influenciando assim percepções de distância e proximidade social dos jovens entre si, bem como a variedade de percursos efetuados nas cidades estudadas; longe de cancelar os encontros físicos, as reuniões virtuais geralmente provocam encontros presenciais sem a interposição da web. A questão do digital e de suas implicações (in)espaciais merece ser mais explorada em relação às práticas espaciais dos jovens.

As práticas espaciais da geração digital

Nadja Monnet
LAA - ENSA Marseille

bibliografia

JOUBE, V. 2015. Corps en résistance, Paris, Filigranes Éditions.

MONNET, N., Boukala, M. 2018. Postures et trajectoires urbaines : la place des enfants et adolescents dans la fabrique de la ville, Enfances, familles, Générations, n° 30 <https://journals.openedition.org/efg/>

PÉTRY H. 2015. Envoie-moi un message ; les adolescents connectés et leurs réseaux numériques à Paris et à Rio de Janeiro, Paris, Éditions Recherches.

palavras-chave

práticas espaciais, práticas digitais, jovens

Flanar

Reconhecimento e Identificação do Patrimônio Industrial de Limeira-SP

Nathalia Cazeri da Silva
UNESP

bibliografia

- CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. 1958.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs. vol 1. São Paulo: 34, 2000.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. São Paulo: Ateliê, 2009. MACHADO, Leandro Ismael.
- MONTANER, J. M. Do diagrama às experiências: rumo a uma arquitetura de ação. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

palavras-chave

patrimônio industrial, reconhecimento, deriva

O patrimônio vem sendo largamente debatida uma vez que permite o reconhecimento da cultura, história, e das identidades locais. Apesar da expansão no entendimento de bem patrimonial, o patrimônio industrial foi apenas recentemente considerado válido de nota na historiografia da arquitetura, e muitos exemplares das etapas da industrialização não sobreviveram às transformações pelas quais as cidades passaram (KÜHL, 2009). Em vista da industrialização do Estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, Limeira (SP) foi escolhida para realizar o reconhecimento e a identificação do seu patrimônio industrial, com seus primeiros exemplares da sua industrialização já se encontrando deteriorados, abandonados, e alguns casos parcialmente demolidos.

O reconhecimento desse patrimônio foi realizado de maneira a se inserir nos contextos locais, buscando experimentar e vivenciar o espaço, tentando evitar o reconhecimento superficial e o olhar estrangeiro, que nega o “outro” (MONTANER, 2017). A deriva (DEBORD, 1958) e as conversas informais foram as metodologias escolhidas para o reconhecimento das edificações e do seu entorno. As derivações foram realizadas a partir de deambulações motivadas pelas ambiências, pelos encontros e pelas variáveis que despertavam curiosidade, enquanto as conversas foram realizadas para se aproximar das pessoas e contextos, além de registrar a memória ligada à sociedade industrial.

O ato de flanar foi assumido como uma das práticas que permitem a apropriação do espaço - uma das “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1998) ou uma forma de singularização (DELEUZE & GUATTARI, 2000) - buscando na cidade as resistências que mantêm a pulsação nos espaços, e garantem a pluralidade. Dos resultados obtidos foram feitos diagramas, que procuram sintetizar as experiências vivenciadas, introduzindo aspectos do subjetivo, do sensorial e das práticas culturais, buscando pontos culminantes de conhecimento e de partida, que resultaram nas fichas dos patrimônios industriais.

Buscamos discutir, por meio dessa proposição, os resultados da pesquisa sobre a prática da pixação nas cidades vizinhas de Juazeiro, no Estado da Bahia e Petrolina, no estado de Pernambuco. Os objetivos são compreender de que forma as singularidades da região se relacionam com a pixação, assim como, observar como ocorre a formação ou deformação das identidades dos sujeitos. Para tanto, dada à especificidade marginal da prática, o método de pesquisa parte de caminhadas noturnas em companhia dos pixadores no instante da ação, imergindo na atmosfera que a envolve, bem como, nos ambientes sociais e de lazer cotidianos como a pescaria ou o futebol de final de semana.

A pixação em Juazeiro/Petrolina possui características próprias quando comparada a outras localidades, isso se explica a partir do contexto econômico e cultural da qual emerge, como exemplo, cidades banhadas pelo rio São Francisco. Consequentemente, sua presença nos instiga a esmiuçar as relações que estabelece com tal meio, adotando perspectiva em rede. O modo como ela explora as brechas do estriamento dos espaços e identidades efetuado pelo poder hegemônico, impondo novas configurações através de suas distintas operações, é traço comum a outras realidades.

A experimentação do espaço urbano por parte dos pixadores, que o utilizam através da interação entre suas percepções, o tempo e a arquitetura, é um dos resultados obtidos na pesquisa. Usos alternativos da cidade efetuam cisões na ordem estabelecida pelo planejamento urbano, que instaura espaços e narrativas determinadas com objetivo de controlar os comportamentos, os fluxos e as identidades. A pixação rompe com tais narrativas presentes no contexto urbano ao impor novas configurações.

Diante do exposto, observamos a ampliação da ideia de habitar, em especial, o espaço público, objeto de constante disputa. Mediante o uso, as significações e as relações táteis e afetivas instauradas pelos seus agentes, chegamos à construção coletiva da cidade.

Pixação como imersão

Otávio Tonelotto e Elson de Assis
Rabelo

Prefeitura Municipal de Guaratinguetá
- UNIVASF

bibliografia

CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Martins, 2005 (Coleção Todas as Artes).

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O liso e o estriado. In: _____. Mil platôs. v. 5. São Paulo: 34, 2004.

FILARDO, Pedro. Pichação (pixo) histórico (tags), práticas e a paisagem urbana. Arqtextos arte urbana. Ano 16, dez. 2015.

SALLES, Cecília. Criação como rede. In: _____. Redes de criação: construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. Cap. 1. p. 12-33.

palavras-chave

cidade, desobediência, pixação

Escutando a cidade da Bahia

Paola Barreto Leblanc, Luca Forcucci,
Luisa Caria e Lucas Brasil
UFBA

bibliografia

Lygia Clark, Suely Rolnik, Carlo Ginzburg, Guy Debord, Helio Oiticica

palavras-chave

fantasmagoria, fantasmática, paisagem sonora

O grupo de pesquisa Balaio Fantasma, liderado pela artista pesquisadora Paola Barreto desde 2017 no IHAC/UFBA, atua na interface entre produção artística, cartografias afetivas e práticas de cidadania. As ações do grupo desdobram-se entre intervenções urbanas, projeções audiovisuais, performances e publicações acadêmicas, com foco em territórios físicos e simbólicos que resistem a processos de invisibilização ou apagamento. (obalaiofantasma.wordpress.com)

“Escutando a cidade da Bahia” é a ação interdisciplinar que trazemos ao Corpo Cidade 6, propondo a produção de paisagens sonoras e a realização de caminhadas no centro histórico de Salvador.

50 alunos de graduação e mestrado da UFBA inscritos em três disciplinas correlacionadas - Ação Artística I, Cinema e Direitos Humanos e Laboratório Aberto de Subjetividades - trabalharam ao longo do segundo semestre de 2018 em discursos e práticas sobre modos de sensibilização dos corpos e da escuta na cidade, visando a construção de espaços críticos e inclusivos a partir de um trabalho de escavação de memórias e fabulação.

Através da edição e mixagem de entrevistas com fontes primárias, documentos de bibliotecas, matérias de jornais, contos e poesias, criamos distintos percursos que atravessam o território mapeado. O trabalho de composição a partir desse material conta com a interlocução do artista residente Luca Forcucci, que oferece como atividade integrante da proposição a oficina “Escuta Profunda da Cidade”. A proposta é experimentar sonicamente Salvador e gravar seus sons, em caminhadas a noção de audição profunda, desenvolvida pela compositora de vanguarda Pauline Oliveros. Que tipo de cidade é uma cidade sonora e porque não é essa a que vemos? Que tipo de imagens podem surgir através de uma escuta tão delicada?

O resultado dessa imersão de 4 dias será compartilhado por uma apresentação oral pela pesquisadora, o artista residente e os estudantes, e por meio das caminhadas e dos arquivos de áudio.

No contexto atual da arte contemporânea, é comum encontrar trabalhos encomendados a determinado lugar para “reviver” ou “revitalizar” aquele site. Enquanto artistas, quais problemáticas a produção de tais trabalhos para um lugar público que não é necessariamente o nosso pode enfrentar? Hoje é fácil perceber que a arte tem sido eleita como um modo de “valorização” de um determinado lugar. Sabe-se que a arte é historicamente reconhecida por ser excludente e elitista, por isso, torna-se questionável o chamado a artistas e a museus para determinados lugares não estimados, como zonas urbanas menos favorecidas, cidades que não tem lugar em rotas turísticas e espaços degradados. Tenta-se compreender como e por quê a arte é evocada para legitimar tais espaços urbanos antes, durante e/ou depois de serem transformados por organizações do setor imobiliário e/ou pelo governo, valorizando um determinado espaço, dando visibilidade ao lugar e enaltecendo as relações culturais/econômicas deste site, contribuindo, mesmo que não propositalmente, para a gentrificação nos centros urbanos. Propõe-se, também, um estudo de caso do projeto URBACT: 2nd Chance, projeto este que prevê ativar, através de propostas artísticas, edificações abandonadas e vazias em cidades européias, tentando tirar o aspecto negativo que estes complexos causam no cenário urbano e dar-lhes uma “segunda oportunidade” de utilização: como complemento de moradias, como um espaço de convívio, ou como qualquer outra função que possa ser necessária através da cidade. Segundo a proposta do projeto, estes edifícios ou complexos abandonados são um marco na cidade e carregam um sentido de identidade, por isso, não devem ser apropriados pensando apenas nos interesses privados, mas também nos interesses comum. Estaríamos nós, artistas, contribuindo para a valorização do espaço e ajudando a especulação imobiliária ou poderíamos estar colaborando para “chamar atenção” a um problema existente na cidade através da arte?

A chamada da arte ao espaço público e o distanciamento crítico

Pólen Pereira Sartório
U.Porto

palavras-chave

gentrificação, residência artística, distanciamento

Corpo, território e narrativas

Rebeca dos Santos Ribeiro
UFES

bibliografia

BRITTO, Fabiana Dutra;
JACQUES, Paola Berenstein
(org.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Salvador, BA: EDUFBA, 2010.

CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Editora Invisíveis Produções, São Paulo, 2015. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRENTE 3 DE FEVEREIRO. *Zumbi somos nós*. In: www.frente3defevereiro.com.br. São Paulo, 2005. Disponível em <http://frente3defevereiro.com.br>. Arquivo consultado em 7 de março de 2017.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial - IMESP, 2007.

palavras-chave

corpo, negritude, identidade, crítica institucional, arte e política

O que diz um corpo? O que trazer no corpo quando esse território fere? Onde a cidade me cura e onde ela me fere? Como construir narrativas sensíveis para uma cidade centro e periferia? O gesto de cada corpo conta uma história no mundo e essas narrativas precisam ser contadas por esses próprios corpos e não somente por uma via como a mídia coloca por exemplo. O que um corpo te diz para além dos estereótipos? O que te diz um corpo negro periférico? São muitos dizeres que se revelam pelas palavras e objetos e que são poéticas de um mundo e que são vivências sobre o mundo.

É pensar como as práticas artísticas críticas lidam com as questões relativas a identidade no que diz respeito ao corpo negro na cidade, considerando as relações entre a arte e política e partindo de investigações prático-teóricas relativas a crítica institucional. Nesse sentido, a ideia da intervenção artística, é falar por meio da performance essas nuances sobre corpo e território, tendo como elemento para construção dessas narrativas objetos, palavras e o corpo, a fim de pensar a performance como resposta dessas questões.

A ideia é pensar para o evento uma série de ações que se desdobram em práticas com a ocupação do corpo no local do evento, no caso na UFBA trazendo questões antes mencionadas nesse texto no que diz sobre corpo negro e território periférico.

Como pensar gestos urbanos dentro de um recorte periférico que se dão em dimensões do estar no mundo/cidades: o público, o privado e o íntimo?, nas temporalidades e liminaridades, nas performatividades e visibilidades do mundo?

O presente trabalho busca realizar uma análise literária da obra Quarto de despejo: diário de uma favelada da Carolina Maria de Jesus. O Quarto de Despejo, que tem como centralidade a visão da autora sobre a realidade. A poetisa narra o período em residia na favela do Canindé na cidade de São Paulo.

Buscaremos entender o livro para além da dimensão literária, buscando defender uma abordagem que apontem sua perspectiva de texto-denúncia das mazelas sociais a que uma dada categoria social da qual faz parte, mulher negra pobre e favelada. O objetivo é compreender a importância da literatura marginal para o direito.

O objetivo é compreender como a literatura marginal pode contribuir para o campo jurídico, visto que esta área literária potencializou as vozes dos escritores subalternizados. Buscaremos destacar o potencial crítico da obra analisada, a fim de compreender como esta permite que a expansão do imaginário do jurista.

A análise literária será realizada pautada no referencial teórico da decolonialidade. O texto busca traçar, a partir da epistemologia do pensamento de fronteira, os elementos que torna do Quarto de despejo uma obra essencial para o direito.

A escrita caroliana coloca a experiência da mulher negra periférica como central. A raça compreendida como elemento determinante na sua vivência. A posição da categoria racial permite questionar a noção de sujeito universal. Carolina ressalta em vários momentos o imaginário de não-sujeito de direito, o qual apresentado na narrativa vinculado à noção de Estado. A omissão estatal reforça a condição subalterna da poetisa.

Direito caroliniano

Rebeka Lima Cavalcante

USP

bibliografia

DALCASTAGNÉ, R. Por que precisamos de escritoras e escritores negros?. In: Silva, C. (Org.). Africanidade e Relações Raciais: insumos para Políticas Públicas na Área do livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil. Brasília. Fundação Cultural Palmares, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9 ed. 6 imp. São Paulo: Ática, 2007.

OST, François. El reflejo del derecho en la literatura. DOXA, Cuaderno de Filosofía del Derecho. v. 29. 2006.

MOREIRA, Adilson José. Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica. Revista de direito Brasileira. São Paulo, SP v. 18. n. 8.p 393 – 420. Set/ Dez. 2017.

SOUZA, T. C. dos S. P. Escrita feminina negra: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. Revista Línguas & Letras. v. 15. n. 30. Segundo Semestre de 2014.

palavras-chave

Carolina Maria de Jesus, estado racializado, literatura subalterna

A incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade

Ricardo Luis Silva
Centro Universitário SENAC

palavras-chave

trapeiro, alteridade urbana, leituras urbanas

A tese apresentada trata de Leituras Urbanas. Leituras urbanas alicerçadas no cotidiano. Na presença irrefutável e imperativa da coisa cotidiana, do comum, do ordinário, do banal, do desnecessário, do inútil.

Mas a questão é: Como incorporar o banal e o inútil nas leituras e, conseqüentemente, nas representações destas investidas? Como constituir narrativas urbanas? Narrativas que estejam alicerçadas no cotidiano da Cidade, que façam o corpo habitar esse lugar?

É preciso ir à Cidade, experimentá-la. Investigar a Cidade, tanto a noção abstrata quanto o espaço real. Encontrar algo que auxiliasse naquelas constituições de narrativas desejadas anteriormente. É preciso caminhar pela Cidade.

Nessa caminhada, algo menor e mais profundo é percebido: a Cidade e o corpo já não se pertencem mais. O que antes era colado, inerente, fundido; hoje está descolado, alienado, fissurado. Fissão que causa dor, sofrimento, angústia no corpo e faz com que a Cidade se torne menos humana. Como não conseguimos mais abdicar do habitar a Cidade, nos restou abdicar do corpo, pelo menos enquanto dentro da Cidade. É evidente que essa postura não é satisfatória, não resolve nem alivia. Pelo contrário, só aumenta o sofrimento, a insatisfação e o distanciamento.

Uma nova questão surgiu: como resolver essa relação? Como reaproximar o corpo da Cidade? Como constituir um campo viável de sobrevivência a esse corpo? Era preciso encontrar uma outra forma de estabelecer essa relação. Mas encontrar no corpo, não na Cidade e nem na relação. Porque a Cidade que construímos é essa, e pensar uma nova forma de Cidade já não é mais viável. Numa nova forma de relação também não é possível caminhar, pois nela só podemos recorrer aos apaziguamentos racionalizantes e aos anestesiamentos homogeneizantes. Restamos encontrar uma outra forma de estar na Cidade, uma outra forma de assumir o corpo na Cidade.

Uma outra maneira, um método. Uma outra forma, uma metamorfose. Um outro corpo, uma incorporação. Sejamos Trapeiro

A proposição que apresento, parte de uma pesquisa desenvolvida no curso da elaboração de uma tese de doutorado, defendida em 2016, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Esse doutorado, contou com uma pesquisa de campo, desenvolvida durante o período de um ano, entre 2011 e 2012, em uma ONG que abrigava naquele momento um projeto chamado Centro de Juventude. Projeto vinculado a secretaria de assistência social do município, oferecido a jovens moradores próximos ao local, em turno alternado ao que frequentavam a escola. A instituição estava situada no Capão Redondo, bairro da zona sul de São Paulo, região com elevado número de homicídios de jovens no início dos anos 2000.

Era um contexto social diferente da região em que morava. Foi um desafio enfrentar, com meu corpo, a incerteza, em face de uma região da cidade que desconhecia, era estrangeira. E como estrangeira questionava e despertava questionamentos com minha presença.

Já morava em São Paulo desde 2009, mas em bairro que ficava a cerca de duas horas em transporte público dessa região para onde me deslocuei.

O interesse inicial era fazer entrevistas não diretas com jovens que frequentavam a instituição. Convite a que falassem sobre o que lhes interessasse e retornassem nas semanas seguintes se quisessem. Processo que se estendeu por um ano, sustentado pela minha presença no local, uma vez por semana, em mesmo dia e horário.

Considero, a partir do contexto apresentado, que houve um processo interação corpo e cidade, produzido no curso dessa pesquisa, por meio desse deslocamento na cidade e da sustentação de uma posição. Muitas tensões se colocaram, em função da minha presença, da sustentação de uma escuta, inicialmente como pesquisadora que queria fazer entrevistas com jovens, mas posteriormente, se tornou um espaço de escuta psicanalítica, disponibilizado principalmente aos jovens, mas também se estendeu aos profissionais que trabalhavam na instituição.

Deslocamento na cidade e aposta de escuta: implicações e desdobramentos

Rita de Cassia Mendes Alvares

bibliografia

ALVARES, R. C. M. O Caso Maria. Implicações e desdobramentos da instituição de um espaço de escuta psicanalítico. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

DUFOURMANTTELE, A. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.

ROSA, M. D. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clinicopolíticas. In: Psicanálise invenção e intervenção, n. 41-42, p. 54-70, 2013.

VILHENA, J. Da cidade onde vivemos a uma clínica do território: Lugar e Produção de Subjetividade. Pulsional. São Paulo, v.15 n.164, p.48-54, 2002.

palavras-chave

deslocamento, escuta, estrangeiro

In(ter)ven- ção urbana: o corpo gerando indagações

Rodrigo Gonçalves dos Santos
UFSC

bibliografia

DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PALLAMIN, Vera. Arte, cultura e cidade: aspectos estéticos-políticos contemporâneos. São Paulo: Annablume, 2015.

palavras-chave

arquitetura, corpo, cidade

Para buscar uma noção do que vem a ser in(ter)venção urbana, mergulho nos meandros da palavra. Assim, numa (re)in(ter)venção de escrita, crio um dispositivo que chamo de Cartografia Etimológica (C.E.) e Dicionário Marginal (D.M.). Dou vazão à uma tentativa de, a partir da palavra, buscar a vivência desta e, posteriormente, elaborar o conceito. Situo este movimento nas margens tendo-as como um lugar de construção de conhecimento. Pensar a ação a partir do corpo evidenciando a vivência faz com que nomes não sejam dados sem que a experiência corpórea seja, efetivamente, instaurada, mantendo-se o vínculo essencial do corpo enquanto esfera relacional da cidade contemporânea.

C.E. #1: IN

Percebo que IN retoma questões do ser em si. Estar INscrito remete à origem. IN seria, assim, origem antes de qualquer articulação estética e política?

C.E. #2: URBANA

URBANA é adjetivo (escrevo no feminino por opção epistemológica). Cidade URBANA não é redundância, é adjetivação da cidade. A qualidade URBANA vem conectada com uma imagem esteticamente produzida pelo urbanismo enquanto disciplina incutida na lógica dominante. A potência de um projeto estético de existência URBANA passa por este agenciamento.

C.E. #3: TER

TER é verbo. Alicerce do sistema, TER coloca em cheque o ser. Conjuguar TER talvez seja indigesto, pois nem todos conseguem participar de um TER. Logo, para conjuguar o verbo (TER), coloco-o entre parênteses.

D.M. #1: IN(TER)VENÇÃO URBANA

As ocupações invertem o desenho. Não podem durar para sempre, pois nelas o coletivo e o comum são provisórios. Vislumbro a ideia de in(ter)venção contagiada pela noção de ocupação. Um dia de festa é um dia de lembrar. A noção de in(ter)venções urbanas pode contribuir numa atualização na contaminação dos campos ampliados da arte e da arquitetura. In(ter)venções colocam em suspensão o ter numa proposta de inventar o urbano nas nossas práticas sociais contemporâneas.

D.M. #2: INVENÇÃO URBANA (em construção)

O Projeto MUS/HUM - Mobilidade Urbana Saudável/Healthy Urban Mobility investiga a relação entre os ambientes urbanos, mobilidade e as condições de saúde e bem-estar de populações de média e baixa renda em diferentes cidades: Porto Alegre, Florianópolis e Brasília, no Brasil, e em Oxford, no Reino Unido. É um projeto multidisciplinar, desenvolvido pelas áreas do Planejamento Urbano, Saúde Coletiva e Psicologia Ambiental. A pesquisa denuncia a injustiça manifestada pela iniquidade na distribuição das oportunidades no território, acesso desigual a serviços, más condições para opção por modos ativos e realização de atividades físicas, especialmente nas áreas de baixa renda das capitais brasileiras. Na etapa quantitativa da pesquisa, foi realizada uma extensa coleta de dados relacionados a ambiente urbano, saúde e escolhas de mobilidade dos moradores. A fim de compreender o papel de experiências vividas nas motivações e percepções do modo de transporte utilizado, a pesquisa também conta com rica etapa qualitativa, por meio de “biografias de mobilidade”, nas quais pedestres e ciclistas são entrevistados em profundidade, e micro etnografias por “métodos móveis”, que capturam em tempo real a experiência de mobilidade dos sujeitos. A análise de conteúdo das narrativas biográficas e etnográficas de mobilidade mostram a complexidade no modo de se movimentar e vivenciar a cidade, revelando significados associados aos modos ativos de transporte, que transcendem eficiência ou conveniência. Para além da academia, o Projeto MUS visa promover a agenda da “mobilidade saudável” e co-criar um plano de impacto social nas comunidades, a partir das evidências geradas e dos desejos dos moradores das áreas trabalhadas, extravasando os dados científicos e ampliando o conhecimento produzido com o olhar dos corpos (e almas) na cidade. De que maneira as perguntas da pesquisa acadêmica encontram as questões reais e latentes no dia a dia das pessoas pesquisadas?

Projeto MUS/HUM: métodos de pesquisa, resultados e impacto social

Sabrina da Rosa Machry, Bibiana
Valiente Umann Borda e Luísa Horn de
Castro Silveira
UFRGS

bibliografia

HARKOT, M. K. A bicicleta e as mulheres: Mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo. São Paulo, 2018. Edição revisada. 192p.

MACHRY, S. R.; et al. Forma urbana e Mobilidade: Transporte Ativo na Cidade Formal e Informal. PNUM - Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana. Porto, Portugal, 2018.

POOLEY, C.; et al. Understanding walking and cycling : summary of key findings and recommendations. Lancaster : Lancaster University, 2011. 21 p.

VARGAS, J. C. B.; LINDAU, A. Desafios para o Transporte Sustentável em Assentamentos Urbanos Informais Precários. XXV ANPET. Belo Horizonte, 2011.

palavras-chave

mobilidade urbana, saúde urbana, desigualdades socioespaciais

O Corpo que TRANSito: desmontagem de cena performativa a partir de memórias de corpos trans

Sandro Luis Costa Da Silva
UFMT - IFMT

bibliografia

BENTO, Berenice 2008. O que é Transexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2015.

CARREIRA, André. e BULHÕES, Ana Maria. Artigo: Entre Mostrar e Vivenciar: Cenas do Teatro do Real. Revista Sala Preta. v. 13, n. 2 (2013)

DELEUZE, G. & GUATARRI, F. O anti-édipo - Capitalismo e Esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim 1966.

MOSTAÇO, Edélcio. : Incursoes e Excursoes : a Cena no Regime Estético Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2018.

palavras-chave

dramaturgia, performance,
criADORES

Este artigo tem como objetivo problematizar os disparadores criativos da cena performativa O Corpo que TRANSito, concebida a partir de relatos e memórias do corpo transexual (BENTO, 2008) e de corpos travestis em seu estado híbrido e performativo (BUTLER, 2015) na cena teatral contemporânea. O Corpo que TRANSito é uma cena performativa foi criada partindo de hibridismos tanto de transgeneralidade quanto de linguagens artísticas e o enfoque é a “dramaturgia a partir do criATOR”. Esse texto retoma o percurso de concepção e construção cênica, mas a reflexão também se pauta em experiências práticas como as apresentações públicas de O Corpo que TRANSito, cuja proposta é fazer uma abordagem sobre a transgeneralidade em contextos formais e não formais de ensino. Essa análise toma como principal objeto de estudo a poética do próprio artista pesquisador Sandro Lucose, que é um desdobramento do Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: intersecções, contaminações e transversalidades do Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT. A investigação aponta como as artes performativas e contemporâneas podem ser poderosos instrumentos de abordagem e reflexão sobre as questões de identidade e gênero, além de um importante contributo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa. Considerando o caráter informativo presente na cena performativa, isso pode contribuir com a desconstrução dos discursos hegemônicos sobre gênero.

Experimento cênico performático, que retrata a domesticação do corpo feminino, por meio do qual buscamos transpor para a cena o corpo feminino. O intuito é despertar o sentimento de liberdade e igualdade como garantias fundamentais da mulher através das células performáticas emergidas nos laboratórios, por meio das quais mostramos as diferentes bonecas com seus marcadores sociais e psicológicos. Misturam o corpo aos sons da paisagem sonora socialmente explícita para definir quem somos.

BONECAS

ato III

Silvânia Cerqueira e Adrienne Castro
UFBA

bibliografia

ANZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, Vol. 8, N.1, 2000, p.: 229-236.

COHEN, Renato. Performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 3 edição, 2013.

_____. Work in progress na cena contemporânea: criação, encenação e recepção. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BARROS, Né. O corpo performático e a escrita. In: BARROS, ROMÁN, Juan Carlos, MAIA, Maria Helena. ARTES PERFORMATIVAS: NOVOS DISCURSOS. CESAP/ESAP Propriedade Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, 2009, p. 13 a 30.

BITTENCOURT, Juliana. A recuperação do corpo como território de defesa. Revista Geni é uma revista virtual independente sobre gênero, sexualidade e temas afins. Publicado em 28/10/2015.

palavras-chave

patriacardo, fêmeas, corpo

Kehinde em São Salvador: paisagem e experiência, imaginário e encantaria

Tadeu de Brito
UNB

bibliografia

CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Lisboa: Edições 70, 2000.

GONÇALVES, Ana Maria (2006). Um defeito de cor. São Paulo: Record, 2007.

JAY, Martin. Cantos de experiência: Variaciones norte-americanas y europeas modernas sobre un tema universal. Argentina: Paidós, 2009.

SIMAS, Luiz Antonio. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas / Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

palavras-chave

um defeito de cor, paisagem, experiência

Refletir sobre a rua brasileira por meio dos conceitos de paisagem-experiência e imaginário-encantaria através do relato de Kehinde, personagem principal do livro *Um defeito de cor*, de autoria de Ana Maria Gonçalves. Construída na forma de memórias e reminiscências da personagem, o romance é baseado em pesquisa histórica que reconstitui a realidade de negras e negros trazidos ao Brasil na condição de escravos, no início do século XVIII. O estudo busca analisar como o momento colonial brasileiro definiu um modelo de paisagem e como a experiência nesta paisagem gerou significados que só são possíveis de serem atualizados em seus sentidos quando são inseridos na dinâmica da resignificação através da ação do imaginário. Ao acontecimento do imaginário da personagem, buscamos elaborar conexões com a leitura da paisagem enquanto resultado espacial e físico de uma prática cultural. A paisagem experienciada por Kehinde se apresenta como resultado físico de propósitos específicos dos predecessores, somada a ideias e formas herdadas de outros lugares, além de sobreposta a dinâmica social do momento. Uma forma de sociabilidade forjada na resiliência, invenção, negociação, aberta a possibilidade de recriação, na qual seres visíveis e invisíveis atuam sem distinção em uma perspectiva do encantamento da experiência de vida. É sob o olhar da experiência de Kehinde que a paisagem é emoldurada e significada. Observar sua passagem por São Salvador por meio das categorias levantadas, nos possibilita ver como acontece a conexão entre vivência individual e presente e passado coletivo. Pois, é na experiência da paisagem, juntamente com a atuação do imaginário que se apreende ou se resignifica os sentidos práticos e simbólicos. Assim, observação da experiência espacial de um corpo negro na rua colonial e do seu imaginário nos indica caminhos para elaboração de reflexões acerca da rua contemporânea em diversos sentidos, sejam eles: simbólico, poder e de uso e significação do espaço.

A performance artística feita por Tatiana Duarte “O que é daqui? Processos e trajetos” é uma ação desenvolvida junto a pesquisa prática/teórica no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes Visuais da UFPel. Ao fazer um deslocamento no centro histórico da cidade de Pelotas, encontra-se pistas que dão conta de contornos para as memórias que habitam e não se consegue dizer. Fazendo relação com memórias e outros lugares que as permeiam na infância da performer (mais preciso sobre as férias que passava na casa de sua avó à beira do rio Guaíba), utiliza-se do caminhar como modo de dar formas a estas lembranças. Encontra-se objetos e se utiliza como procedimento para produzir as ações artísticas. Assim, coloca-se um corpo na cidade, ativo e propositivo, formador de subjetividades. Esta é uma performance-encontro, que se propõe a fazer do deslocamento um campo de experimentação do corpo com a cidade. Ao caminhar com um olhar atento e com um celular em mãos espia-se o que acontece. No ato, pela execução de ações com o corpo, uma prática de vida em obra se mostra. Traz para pensar a artista Marina Abramovic (2017), onde coloca o corpo em trajetos e ao encontro com objetos. Ao utilizar de objetos e o vídeo como olhar, os processos poéticos se tornam um meio-obra da performance abordando e revelando como os processos poéticos se tornam através das a memória-hábito e lembrança-pura, conceitos de Henri Bergson (2010), que diz que a memória se divide nestes dois aspectos principais, mas não dicotômicos e postos a funcionar juntos. A partir desta conceituação, traz-se à tona as coisas-memória do cotidiano, colocando inquietações do presente e de um passado. Ao acessar sensações, fazendo associação afetivas na infância, assim percebe-se que o tempo se alonga neste gesto e a memória pode então emergir. Busca-se então encontrar uma cidade pelos deslocamentos performáticos, e resgata-se memórias para dar forma tanto a memória, quanto a uma cidade que se desvela.

A performance artística

“O que é daqui? Processos e trajetos”

Tatiana Dos Santos Duarte e Eduarda Azevedo Gonçalves
UFPel

bibliografia

ABRAMOVIC, Marina. Pelas Paredes: memórias de Marina Abramovic. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERNSTEIN, Ana. Marina Abramovic: conversa com Ana Bernstein. São Paulo: Caderno Videobrasil, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

GOLDBEG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

palavras-chave

memória, performance, corpo-cidade

Habitar o centro

Urpi Montoya Uriarte
UFBA

bibliografia

INGOLD, Tim. The perception of the ambience. Essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, Taylor & Francis e-Library, 2002. Cap. Building, dwelling, living (172-188); The temporality of the landscape (189-208).

_____. a. Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. b. Líneas. Una breve historia. Barcelona: Gedisa 2015.

MONTOYA URIARTE, Urpi. “Pobreza e cultura. A luta dos pobres para permanecer morando no centro histórico de Salvador”. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, v. 10, p. 1-20, 2012.

_____. Entra em beco, sai em beco. Formas de habitar o centro, Salvador e Lisboa. Salvador, no prelo, 2018.

palavras-chave

habitar, centro, Salvador

Pesquisa atualmente a área da Ladeira da Preguiça, pretendo apreender a forma atual de seus moradores habitarem esse espaço, relacionando-o com o que chamo de uma “forma tradicional de habitar o centro”, trabalhado em outras pesquisas no centro de Salvador. Isto supõe conhecer intimamente este espaço ao longo do tempo, para o qual estou debruçada numa pesquisa em fontes primárias, jornalísticas e de imagens centradas no século XIX. Após essa pesquisa, iniciar-se-á a fase etnográfica da mesma, a qual procurará recolher histórias orais do local, histórias de vida, trajetórias residenciais e percursos cotidianos de seus moradores. O objetivo da pesquisa visa mostrar como a atual expulsão de seus moradores promovida pela gentrificação em curso da área atinge não apenas o local de moradia dessas pessoas, mas principalmente sua forma de habitar que não é de apenas uma rua, mas de toda a área central da cidade.

Brasília, Brasil, 1960. O que significou para a nossa sociedade a construção de sua utopia?

Há uma fotografia de Otto Stupakoff com essa legenda: Brasília, Brasil, 1960. Algo, entre a imagem e essa legenda, nos perturba. Várias mulheres bem vestidas em frente ao Congresso Nacional e um discreto Niemeyer. A foto é uma propaganda vinculada na Manchete no ano de 1960. Um anúncio para a linha de roupas que as modelos usam na representação. Porque o Congresso Nacional? Porque Niemeyer? O que sua sólida arquitetura tem a haver com uma linha de roupas femininas? Porque usa-la para promove-las? Toda propaganda tem a finalidade de vender um produto, por isso sua leitura deve ser clara, mas para esse fim ela usa conceitos mais complexos, para despertar também nosso desejo e imaginação.

Os anos 1960 também foram os anos da liberação feminina. A pílula anticoncepcional, a entrada no mercado de trabalho, as mulheres deixaram a casa, deixaram o papel de apenas esposas e mães. As mulheres ocupando, em destaque, a rampa do congresso da nova capital junto a Niemeyer, além de procurar associar essa nova situação da mulher à modernidade e ao futuro, as coloca como protagonistas na cidade, lugar que passavam agora a ocupar e reivindicar. Assim, as mudanças na condição feminina representam as mudanças no mundo construído e, também, vice-versa.

O quê inquieta na imagem? O protagonismo que aquelas mulheres exercem sobre aquele símbolo de poder? Poderíamos dizer que sim. Então, acabamos com uma pergunta maior. Quando essa relação de poder, mulher-cidade, que fica normalmente no subtexto é revelada e invertida, a pergunta é: Qual o papel da mulher na cidade? Ou qual o papel da cidade na mulher?

Utopias, o não-lugar e a mulher ou o não lugar da mulher

Vanessa Freitas Mendes Callado
UERJ

bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo. (1988) Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. (1984) História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOSTER, Hal. (1985) Recordings. Art, Spectacle, Cultural Politics. First edition. Second press. Seattle, Washington: Bay Press, 1987.

SCULLY JR., Vincent. (1974) Arquitetura Moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

XAVIER, Alberto (Org.). (1987) Depoimento de uma Geração: Arquitetura Moderna Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

palavras-chave

cidade, mulher, modernismo

Corpos políticos em cena

Vitor Cunha Longo Braz

bibliografia

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado; tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

ALCURE, Adriana Schneider. “Inversões, invenções e outros modos de produção em Cidade Correria”. IN: FLORES, Livia & Sommer Michelle (org). Cadernos Desilha. Rio de Janeiro: PPGAV/EBA/UFRJ; Editora Circuito, 2017. (59-66).

BRITTO, F.D.; JACQUES, P.B. Corpografias Urbanas: relações entre o corpo e a cidade. In: LIMA, E. F. W. (org). Espaço e Teatro: do edifício teatral à cidade como palco. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2008.

palavras-chave

corpo, política, arte

A partir de três espetáculos¹ que estavam em cartaz no Rio de Janeiro em 2017, foi possível levantarmos questões que tocam a produção de corpos políticos, a produção de narrativas contra-hegemônicas sobre a cidade e as aproximações entre arte e política.

No contexto contemporâneo do consenso, que outras dramaturgias são possíveis a partir de corpos em processo de descolonização? Quais forças e afetos podem ser mobilizados a partir de experiências artísticas a fim de provocar o “abalamento necessário no sensível hegemônico” (ALCURE, 2016, p. 61)?

Mais que refletir sobre os corpos que criam esses espetáculos, podemos nos perguntar que corpos são criados a partir deles. Seria possível dizer que emergem sujeitos políticos capazes de produzir fissuras nos mecanismos de poder que garantem a manutenção da disposição dos corpos nos espaços segundo a ordem hegemônica?

“a política começa quando há ruptura na distribuição dos espaços e das competências - e incompetências. Começa quando seres destinados a permanecer no espaço invisível do trabalho que não deixa tempo para fazer outra coisa tomam o tempo que não têm para afirmar-se coparticipantes de um mundo comum, para mostrar o que não se via, ou fazer ouvir como palavra a discutir o comum aquilo que era ouvido apenas como ruído dos corpos”. (RANCIÈRE, 2012, p. 59)

Nesse sentido, podemos considerar os espetáculos como manifestos políticos e corporais performados por sujeitos que inventam uma nova cidade possível ao ocuparem, como protagonistas, lugares físicos e simbólicos, aos quais não costumam ser usualmente bem vindos.

¹“Exercício P de Pororoca e Piracema”, do Núcleo 2 da Escola Livre de Dança da Maré, dirigido por Lia Rodrigues; “Cria”, da Suave, dirigido por Alice Ripoll; e “Cidade Correria”, do Bonobando, dirigido por Adriana Schneider.

Em qual medida as discussões levantadas pelo CORPOCIDADE ao longo dos dez últimos anos ajudaram a prática antropológica contemporânea? É a partir desta pergunta que proponho contribuir para a “atualização crítica” proposta por esta edição 2018. De fato, é descobrindo como a antropologia foi marcada pela chamada virada ontológica e como este movimento a aproximou dos estudos dos urbanistas e arquitetos que as “coimplicações” entre o corpo e a cidade vão ser aqui questionadas. Enquanto uma disciplina, historicamente marcada pelos estudos dos movimentos dos corpos humanos (MAUSS, 2003) e pelos atores de “carne e osso” (MALINOWSKI, 1984), se aproximava das abordagens qualificadas como de “longe e fora” (MAGNANI, 2002), as pesquisas sobre as cidades contemporâneas se aproximou cada vez mais dos estudos antropológicos, considerados como um olhar de “perto e de dentro” (2002). Ou seja, se a ruptura de paradigma causada pela ontologia fenomenológica e relacional veio confundir as separações existentes entre corpo e cidade, são os olhares dos urbanistas e dos antropólogos que se aproximaram nessa mudança de perspectiva.

Em termos mais concretos, mostraremos porque separei durante anos “o habitat” – o estudo do local de moradia – e “o habitar” – o estudo do próprio ato de morar – e porque eu achava que a antropologia, com os seus estudos ditos de perto e de dentro e a suas “excursões etnográficas” servia para descrever uma vida cotidiana de homens e mulheres ordinários (DE CERTEAU, 1980) que pouco nos informava sobre essas estruturas de poder da sociedade atual. Veremos porque não entendia que podíamos trabalhar com este quadro político preciso chamado de estado-nação, com a globalização capitalista ou com outros fenômenos da chamada conjuntura internacional ou geopolítica mundial e porque achava esses estudos reservados a outro curso, não à antropologia. Veremos como não mais separar a chamada observação da participação (INGOLD, 2016).

Yann Pellissier
UFBA

bibliografia

DE CERTEAU, Michel. *L'invention du quotidien: Arts de faire*. Paris: Ed. Gallimard, 1980.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Revista Educação*, v. 39, n. 3, p. 404-411, Porto Alegre: 2016.

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, junho 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1984.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

palavras-chave

antropologia, contextualização, virada ontológica

Por uma tangibilidade e inquietude no visível da cidade

Yasmin Elganim Vieira
UFMG

bibliografia

ARAGON, Louis. O camponês de Paris. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. 264p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos o que nos olha. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 260p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 271p.

palavras-chave

olhar, tangibilidade, cidade

À luz da obra surrealista *O Camponês de Paris*, escrita pelo francês Louis Aragon e publicada em 1926, coloca-se em cena o corpo que atravessa sua narrativa. Aragon, em seu deambular, transforma toda a cidade por meio do corpo, convidando a se movimentar e a buscar o dinamismo. Em vista da atual inflação visual, Aragon estimula a pensar, apesar do seu universo onírico e de quase cem anos após a sua publicação, sobre o que é ver. Sua experiência, que pretende investigar o “inconsciente da cidade” e descobrir “o maravilhoso cotidiano”, olha o urbano com outro olhar e usa o corpo para penetrar em sua aparência – dar a ver sua materialidade.

O pensamento aragoniano remete à discussão de que a imagem da cidade não pode apartar o corpo que a sustenta e a motiva¹, e é nesse sentido que busca-se desdobrar o ato de ver. Trata-se, como na perspectiva de Maurice Merleau-Ponty (2004), de habitar o inquietante do olhar, entender a abertura de sua dimensão no corpo, visto que a experiência do visível só pode ser construída numa experimentação tátil².

A experiência que propõe-se pensar é inquietar-se com o que está entre aquele que olha [corpo] e aquilo que é olhado [cidade]. Para tal, alude-se à “dialética do visível” proposto por Georges Didi-Huberman (2010) quando se refere a obras de arte, a pensá-la no âmbito do espaço urbano. O ato de ver, segundo Didi-Huberman, sempre nos abrirá um vazio invencível e a solução é dialetizar com esse espaçamento, reconfigurá-lo na medida em que o próprio olhar também é modificado pelo que o olha. Por esse viés, a experimentação da cidade depende da capacidade do corpo de se sentir olhado. Assim, busca-se dialetizar o que é visto, não no sentido de signo ou representação, mas no sentido de afetar o corpo, “despertá-lo” para ver criticamente e, assim, coimplicá-lo na cidade.

¹ Imagem entendida como qualquer possibilidade do visível.

² Mesmo no corpo que é cego, observa-se o desenvolvimento do tato em detrimento da falta da visão.

A cidade nos afeta corporalmente de diversos modos e muitos artistas trabalham essa experiência corporal. Abordaremos dois que nos parecem importantes para repensarmos a relação corporal com a cidade e escapar das anestésias que nos paralisam no cotidiano.

Ronald Duarte é um artista carioca que coloca seu corpo em diálogo constante com a cidade. Suas obras trazem à tona questões que, como diz o artista, servem para mostrar ao “poder público o que ele não mostra”. Quando a guerra entre facções no bairro de Santa Teresa, onde mora, deixava rastros de corpos e sangue nas ruas, o artista saiu em um caminhão-pipa tingindo a cidade de vermelho, em “O que rola você vê (Banho de sangue)” (2002), despertando reações dos moradores mais exaltadas que as despertadas pela própria violência urbana. Em “A sangue frio” (2003) o artista toca nas feridas corporais que atravessam a constituição das cidades contemporâneas. Com o gelo que escorre vermelho dos cobertores de feltro espalhados pelo centro do Rio de Janeiro, ele chama a atenção para os frágeis corpos de moradores de rua que poderiam estar ali dentro.

William Pope.L é um artista negro estadunidense que coloca seu corpo na rua de maneira ainda mais radical que Ronald Duarte. Desde a década de 1970 ele tem o projeto ‘eRacism’, com o qual já realizou cerca de trinta ‘rastejamentos’. Em “The great white way, 22 miles, 9 years, 1 street” (2001-2009) o artista rastejou ao longo das 22 milhas da rua da Broadway vestido de Super-Homem e com um skate nas costas em sucessivas etapas em nove anos. Em 1991 Pope.L já tinha realizado um rastejamento na praça Tompkins, vestindo terno e carregando uma flor amarela, que foi interrompida quando um homem negro sentiu-se ofendido com a ação e chamou a polícia. Novamente estamos diante de sinuosos limites entre ética e estética, como no caso do “Banho de Sangue” de Ronald Duarte.

Corpos marginalizados da cidade na arte contemporânea

André Leal
PPGAV/EBA/UFRJ

bibliografia

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BISHOP, Claire. Antagonism and relational aesthetics, em: October n° 110, outono de 2004.

DUARTE, Ronald. Qual a palavra que eu vou gritar?, em: Revista Arte & Ensaios, n. 26, 2013.

EDWARDS, Adrienne. William Pope.L: The will to exhaust, em: SPIKE Quarterly, n. 25, outono de 2015.

SIMMEL, Georg. Les grandes villes e la vie de l'esprit. Paris: Éditions Payot, 2013.

palavras-chave

arte contemporânea, ética, estética

Conexões

ARQMnese

Percepção e memória do espaço construído

Luciana Bosco e Silva, Marcus Felipe Abreu Maia e
Thais Alessandra de Freitas

Universidade Federal de Viçosa
Viçosa - MG

luciana.bosco@gmail.com

O objetivo principal do grupo é pesquisar a percepção do espaço construído tendo em vista a afetividade perceptiva, a memória, a preservação dos conjuntos arquitetônicos e as correlações do espaço no âmbito da arquitetura com a arte, o ambiente, a linguagem, a tecnologia e a sociedade. Espera-se, com as pesquisas e as ações realizadas, oferecer a seus membros e à comunidade condições de aprofundamento das discussões que abordem percepção ambiental e composição formal, assim como apropriação e produção material e imaterial do espaço construído.

b1b2

Lucas Brito Lago e Lucas Lima Rios Feres

Salvador - BA

coletivob1b2@gmail.com

b1b2 é um aglomerado de artes interdisciplinares proposto pelos artistas Lucas Feres e Lucas Lago. Atua por meio da criação de situações, proposições, ferramentas, figuras conceituais, imagens e ações a partir da tradição contemporânea, da performance e da intervenção urbana. Explora as possibilidades de composição a partir do plano imanente, do sensível e daquilo que se instaura e emerge enquanto possibilidade. Investiga questões ligadas às cidades, à memória dos espaços, às condições relacionais, às manifestações públicas e ao estabelecimento de espacialidades temporárias e transitórias.

Caminhos da dança na rua

Janaína Bruna dos Santos, Carolina Pinto da Silva e
Taís Beltrame

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas - RS

deborallemmand@hotmail.com

O grupo foi criado em 2015 como um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas. Promove intervenções artísticas de dança em espaços alternativos, criando, ensaiando e apresentando dança prioritariamente na rua. As ações que o grupo desenvolve buscam refletir sobre aspectos da estrutura, da dominação e do poder nas cidades e o faz através do corpo político em movimento no espaço. Trabalha no sentido de borrar as fronteiras entre arte e cotidiano, quebrando com a lógica espetacular da dança.

CasaDuna

Julia Naidin e Fernando Codeço

UENF / UNIRIO

São João da Barra - RJ

coletivob1b2@gmail.com

CasaDuna - Centro de arte, pesquisa e memória de Atafona” é um projeto de pesquisa-ação dedicado às possibilidades da arte contemporânea como veículo de construção de narrativa em um território em erosão marinha.

Atafona, distrito da cidade de São João da Barra, nos últimos cinquenta anos vive a intensificação de um processo erosivo, no encontro do Rio Paraíba do Sul com o Oceano Atlântico. Montamos um coletivo que desenvolve diversas ações culturais-artístico-pedagógicas no intuito de contribuir com releituras do processo erosivo em uma comunidade viva e ativa, em meio a destruição.

Centro interdisciplinar de estudos sobre cidade

João Augusto Neves Pires, Josianne Francia Cerasoli,
Maria Isabel Rocha, Clecia Gomes, Suelen Caldas,
Leonardo Novo, Stella Bresciani e outras/os

IFCH / UNICAMP
Campinas - SP

prof.joaoneves@gmail.com

O Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade formou-se a partir da iniciativa de professores dos departamentos dos Departamentos de História, Antropologia e Geografia e contou desde o início, em 1995, com a presença de arquitetos. Dentre as atividades desenvolvidas, destacam-se: composição de acervo de material didático e de pesquisa; organização de acervo bibliográfico temático; inserção de pesquisadores em vários níveis eventos acadêmicos; desenvolvimento de pesquisas coletivas.

Coletivo Calunga

Andressa Melo Rodrigues, Raquel de Araújo Freire,
Júlia Tássila Pinto Rodrigues, Suenne Gomes Cardoso,
Talita Rocha Reis, Viktória Yasmym Carvalho de Matos

Brasília - DF

calunga.coletivo@gmail.com

O Coletivo Calunga é um coletivo de estudantes negros da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília que atua no sentido de repensar o nosso campo de atuação a partir da questão racial, visto que arquitetura e urbanismo também tem sido um vetor de segregação. A participação do Calunga no CORPOCIDADE 6, integrando a rede de conexões possibilitada pelo evento visa compartilhar e circular vivências, estudos, narrativas e realizações desenvolvidas por nós com os demais grupos e contribuir para a compreensão e percepção da relação corpo/cidade.

Coletivo Carta 4

Gabriel Savaris Ignácio, Christine Gryscek, Laura Moreira
e Santiago Pooter

Porto Alegre - RS

gbsignacio@gmail.com

O Coletivo Carta 4 nasce das poéticas de quatro artistas. Utilizando estratégias de um jogo de camadas e sobreposições narrativas utilizamos a gravura e a colagem como procedimentos de transposição e resinificação de nós e do mundo. Os trabalhos que se cruzam compõem planos múltiplos e singulares, onde cada artista busca dialogar com os mitos da existência, elaborando íntima e sensivelmente o aspecto político da arte.

Coletivo Parabelo

Bárbara Kanashiro, Denise Rachel e
Diego Marques

CIEJA Ermelino Matarazzo, UNESP e USP
São Paulo - SP

contatoparabelo@gmail.com

Em 2018 o Coletivo Parabelo comemora 13 anos de pesquisa continuada que intenta investigar possíveis relações entre corpo, performance e cidade. Atualmente, tem desenvolvido o que temos chamado de Erratórios: aulas performativas, peripatéticas e públicas no trânsito entre o ensino superior e básico na cidade de São Paulo. Os erratórios consistem na experimentação de pistas para a desobediência das performances corporais cotidianas urbanas. Para tanto, propõem a experimentação da desnormatização da performatividade do corpo cotidiano urbano no e pelo acionamento de microafetivismos.

Coletivo Vago.errar

Bárbara Melo, Lahys Barros, Luiz Monte e
Rebecca Dantas

Recife - PE

luizdomonte@gmail.com
lahysalves@gmail.com
bmelodesign@gmail.com
rebeccadantascarneiro@gmail.com

O Coletivo vago.errar de Recife tem como proposta principal pensar a poética da cidade sugerindo a criação de situações que conectem vivências e afetos urbanos. Acreditamos que o Caminhar como vivência, como prática estética, é revolucionário. Propomos investigar e conectar as cidades de Recife e Salvador durante 2019, criando ações lúdicas de interação e colaboração entre transeuntes, mapeando e relacionando subjetividades dos centros urbanos dessas cidades, através de mídias locativas e narrativas analógicas, de experiências independentes ou correlatas nos dois centros urbanos.

Corpo, arte e processos de subjetivação na cidade

Nayara Longo; Andressa Pitombo; Natália Oliveira Leite; Abinaiane Karinne Maia de Melo, Everton Dias Ferreira, Nicole Samara Nascimento e Julia Ataide Fagundes.

FACITE

Santa Maria da Vitória

nayaralongo@yahoo.com.br

Somos um grupo que realiza suas práticas na Bacia do Rio Corrente, na cidade de Santa Maria da Vitória, no oeste da Bahia. Ligados a uma linha de pesquisa em Psicologia Social da Faculdade de Ciências e Tecnologia, procuramos investigar/criar interfaces entre Corpo, Arte e Processos de Subjetivação na cidade. Trabalhando de modo transdisciplinar a partir da composição de experimentações na cidade e da leitura de textos ligados principalmente à Filosofia da Diferença, utilizamo-nos da cartografia como método de composição de nossas práticas.

Derivinha

práticas de deslocamento de pequenos seres

Maicyra Leão e Silva, Maria Cecília Tavares, Robertha Barros e Silva e Isabela Silveira

UFS/ UFBA
Sergipe / Bahia

maicyraleao@gmail.com

O grupo é composto por urbanistas e performers e se propõe a entender o espaço público dedicado à criança, não apenas como o espaço da praça ou do parque, mas das calçadas, vielas, semáforos. Em conexão com o CORPOCO-DADE 6, o grupo busca pensar/agir: a ocupação da cidade como espaço lúdico; a transrelação entre a criança e os pequenos seres habitantes do espaço construído; a percepção nomática como resistência favorável à saúde social. Em termos de localização, cada qual em seu contexto, captura cotidianos de infâncias urbanas e transversalizam essas realidades.

Grupo Quiasma

**estudos e pesquisas
interdisciplinares em
arquitetura, corpo e cidade**

Rodrigo Gonçalves dos Santos (coord.), Célia Regina da Silva, Laila Beatriz da Rocha Loddi, Elaine Cristina Maia Nascimento, Alexssandra da Silva Fidelis, Bárbara Fischer, Flávia Martini Ramos, Lucas Oliveira Roux, Eliz Tosi Modolo, Renato Slomski, Fernando Flesch de Albuquerque Fernandes, Joice Fernanda Soares Schenkel

ARQ UFSC / PósARQ UFSC
Florianópolis - SC

grupoquiasma@gmail.com

O Grupo Quiasma aprofunda estudos teóricos que abranjam o marco fenomenológico como delineador de pesquisas e investigações em arquitetura e urbanismo transitando nos campos interdisciplinares da arquitetura, do corpo e da cidade. Articulando as três linhas de pesquisa do grupo – (1) Fenomenologia do Espaço Habitado; (2) Poéticas do Corpo-Espaço-Objeto; (3) Diferença, Estética, Educação e Cidade –, busca-se revelar novas possibilidades de se pensar a arquitetura e o urbanismo levando em conta processos de subjetivação peculiares de nossa sociedade do século XXI.

Estudos da paisagem

Karolina Corado, Marina Milito, Melissa Mota e Thalita Melo

Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Maceió - AL

marinamilito@yahoo.com

O Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem investiga elementos materiais e intangíveis da paisagem, priorizando vivências, narrativas e a observação sensorial e afetiva dos espaços. Em busca de seus elementos, dinâmicas, pessoas e temporalidades, realiza registros, captação de depoimentos e de sons, que sustentam as pesquisas e são reformados em produtos culturais. Registrado no CNPq desde 1998, insere-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas e é um dos suportes do seu Programa de Pós Graduação.

Laboratório de avaliação e pesquisa qualitativa em saúde

Maria Lúcia Magalhães Bosi (coord.), Magda Diniz
Bezerra Dimenstein, Mayrá Lobato Pequeno, Ângelo Brito
Rodrigues, Anna Karynne Melo, Camila Alves Soares,
Gardênia Holanda Marques, Herta Maria Castelo Branco,
Mariana Pompílio Gomes Cabral, Raquel Cerdeira de Lima.

UFC
Fortaleza - CE / Natal - RN

lapqs.cidade@gmail.com

O Laboratório de Avaliação e Pesquisa Qualitativa em Saúde (LAPQS) é um coletivo formado por um grupo de pesquisadores, de diferentes instituições nacionais e internacionais, nucleados por pesquisadores vinculados ao Departamento de Saúde Comunitária da UFC, e estudantes, desde a graduação até estágios de pós-doutorado, inseridos nas distintas linhas e projetos de pesquisa, dentre outras atividades técnico-científicas, desenvolvidas no âmbito temático da avaliação de programas e serviços e da pesquisa qualitativa em saúde. Atualmente desdobra os temas cidade, subjetividade e saúde.

Intervires

Simone Mainieri Paulon; Luis Artur da Costa; Daniela Cidade; Fernando Fuão; José Carlos Lemos; Diogo Vaz da Silva Junior; Camila Braz; Ariadne Cedraz.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - RS

cidadeesubjetividade@gmail.com

Pesquisa-Intervenção em Saúde Mental,
Políticas Públicas e Cidade.

Intervir, devenir, pesquisar, interceder, transversalizar, mergulhar, investigar, afetar. O grupo é vinculado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em uma perspectiva transdisciplinar, utiliza-se da cartografia e da pesquisa-intervenção como desenhos metodológicos que, em suas articulações e pontos de tensionamento com a etnografia, traçam caminhos para a construção coletiva de um conhecimento que se dá pela experimentação.

Lote Vago

arquitetura + urbanismo

Belo Horizonte - MG

fagner.arquitetourbanista@gmail.com

O LOTE VAGO arquitetura + urbanismo é um coletivo idealizado no ano de 2016. Além da atuação profissional convencional, as ações propositivas em vilas e favelas é uma direção relevante nas nossas linhas de pesquisa e trabalho. Nosso intuito é manter uma vertente que proporcione possibilidades de crescimento pessoal e profissional, devolvendo, de alguma forma, à sociedade as oportunidades e privilégios obtidos.

Paisagem, projeto e planejamento

LABEURBE

Benny Schvartsberg, Carlos Henrique Magalhães de Lima, Carolina Pescatori Candido da Silva, Eduardo Pierrotti Rossetti, Luciana Saboia Fonseca Cruz, Maria Cláudia Candeia de Souza, Ricardo Trevisan, Ana Flávia Rêgo Mota, Ana Daher, Liz da Costa Sandoval, Lucas Brasil Pereira, Nínivy Caroliny Mélo de Oliveira, Pedro Henrique Máximo, Sued Ferreira, Julia da Costa R. Martins e George da Guia

Universidade de Brasília
Brasília - DF

carloshenrique@unb.br

Estudos sobre cidade e região que visam compreender o projeto, o planejamento e a apropriação da paisagem e seu território construído e vivenciado. É parte integrante do Laboratório de Estudos da Urbe (LabEUrbE) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, que define-se como um fórum de pesquisas e estudos permanentes e interdisciplinares sobre a Urbe.

Pétalas ao vento companhia de circo

Lara Böker, Marthinha Böker e Amanda Stadnik

UFBA
Salvador - BA

petalasaovento.silks@gmail.com

A companhia Pétalas ao Vento surgiu em 2013, com o objetivo de difundir o circo através da ocupação de espaços públicos e da difusão da cultura circense. Além das aulas de técnicas circenses, o grupo produz espetáculos, a exemplo do “Dia da Mentira”, que tematiza os anos da ditadura militar no Brasil apresentado em 2017, e “O Domador de Leões”, que fez parte do Festival Internacional de Arte de Rua, em 2016 e “Os terríveis sonhos de Notimbambus”, apresentado, em 2018, em longa temporada, no Espaço Cultural Alagados.

Prófugas

Ana Paula Vieceli, Yuri Oliveira, Hanna Schwarz, Laura Pujol, Amanda Strozak, Diogo Vaz da Silva Junior, Christine Gryscek e Bárbara de Bárbara Hypólito

Porto Alegre-RS, Pelotas-RS e Salvador-BA

anavieceli@hotmail.com

Nos chamem caminhantes, digam que perseguiamos a poesia ignorada dos caminhos, que nossos corpos obedecem aos cheios e vazios de um “texto” urbano que inscrevemos, excrevemos, expectoramos. Somos espaços, somos a cidade. Somos quase invisíveis. Anunciavam os profetas que inventaríamos trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista. Prediziam que provocaríamos ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos da ordem estabelecida. Temos espírito vagabundo. Adivinhavam que seríamos lúdicas, e faríamos circular nossa antimatéria poética. E aqui estamos nós, agora.

Resistência e arte

Paula, Antonio Marcos, Isadora, Fabiane, Tiago, Nice, Theo,
Bonfim, Dani, Breno, Alexandre, Dudu e Marina

Salvador - BA

resistenciaearte@gmail.com

O coletivo Artístico Resistência e Arte, formado por arte educadores, artistas, arquitetos, comunicadores sociais, ativistas políticos e estudantes, nasceu no ano de 2018, num processo de junção da vontade de expressar publicamente a opinião de pessoas que acreditam na potencialidade da arte, quando assume um papel de engajamento político. Esse engajamento, entretanto, vai além da arte como produto, ela traz o processo de composição artística na perspectiva da construção de coletividades. Assim, potencializa-se, para além da obra em si, as reflexões necessárias para se constituir-la.

Rosa de sangue movimentos artísticos

Andreia Pimentel, Camila Rocha, Isabela Peixoto, Laura Vainer, Thais Peixoto e Vanessa Soares

Rio de Janeiro - RJ

rosadesanguema@gmail.com

O grupo começa em 2016, na eboição do impeachment contra uma mulher eleita, isso é o dispositivo para pensarmos nas violências contra aquilo que se mostra e no que se diz mulher. Com isso nos colocamos enquanto performers, naquilo que diz corpo-mulher no espaço público, tensionar o impeachment-impedimento de existir, permanecer, subsistir, perdurar, resistir. Trazemos a guerrilha como imagem dispositivo daquilo que se rebela contra o território estabelecido de controle, dominação, padronização do corpo.

Slam contrataque

Emerson Nogueira de Lima Macedo

Curitiba - PR

slamcontrataq@gmail.com

SLAM CONTRATAQUE!

Slam é uma batalha de poesia feita em praça pública. O Slam tornou-se um fenômeno internacional e, presente também no Brasil, está ocupando as ruas de várias cidades. Em Curitiba, o Slam Contrataque tem como objetivo ser um espaço de resistência e protesto, um meio de dar voz a todos oprimidos e todas oprimidas, através da poesia. A poesia, enquanto expressão de protesto torna-se uma ferramenta de combate dos/as marginalizados/as contra todo tipo de opressão e contra toda a elite que domina, explora e genocida as populações e povos de todo o planeta!

T.F.Style cia de dança

Igor Gasparini, Frank Tavanti, Arthur Alves, Edvan Gonçalves, Luiz Paulo Ragusa, Marcia Marcos, Maria Emília Gomes, Maju Kaiser, Pasha Gorbachev, Natália Moura, Thiago Alixandre, Eduardo Fukushima, Márcio Greyk, Rafi Sahyoun, Robson Ferraz, Natália Peixoto, Heri Brandino e Mayara Rosa

São Paulo - SP

igorgasp@gmail.com

O T.F.Style Cia de Dança investiga a Dança Urbana Contemporânea e pesquisa as possibilidades de exercitar um pensamento contemporâneo do hip hop. Esta investigação concentra-se em descobrir novas possibilidades corporais a partir de técnicas de diferentes danças urbanas, mas desenvolvendo um trabalho autoral, marcado por um percurso de investigação das sensações que estimulam esses corpos a partir da individualidade dos intérpretes e de estados corporais construídos a partir da relação corpo-cidade.

Vôo da pomba

Giorgia Fiorini, Laura Moreira e Ligia Meyer

Porto Alegre - RS

voodapomba@gmail.com

Nós, do Vôo da Pomba, somos um coletivo transdisciplinar voltado para o desenvolvimento de um laboratório de experimentação de dança e performance. Como um corpo pode se mover na cidade? A partir dessa pergunta, realizamos derivas com o intuito de ocupar as ruas de maneira mais interativa e sensível, sem frear nossas ganas de interagir e agir, quando a cartilha urbana nos manda apenas seguir em linha reta. A deriva é o núcleo de nosso trabalho, e, a partir dela, produzimos escritos, fotografias e vídeos como forma de mapeamento corporal e afetivo da nossa relação com a cidade.



breve ensaio

revela
corpo

atualizam